

CARCASS

AURI

SELVANS

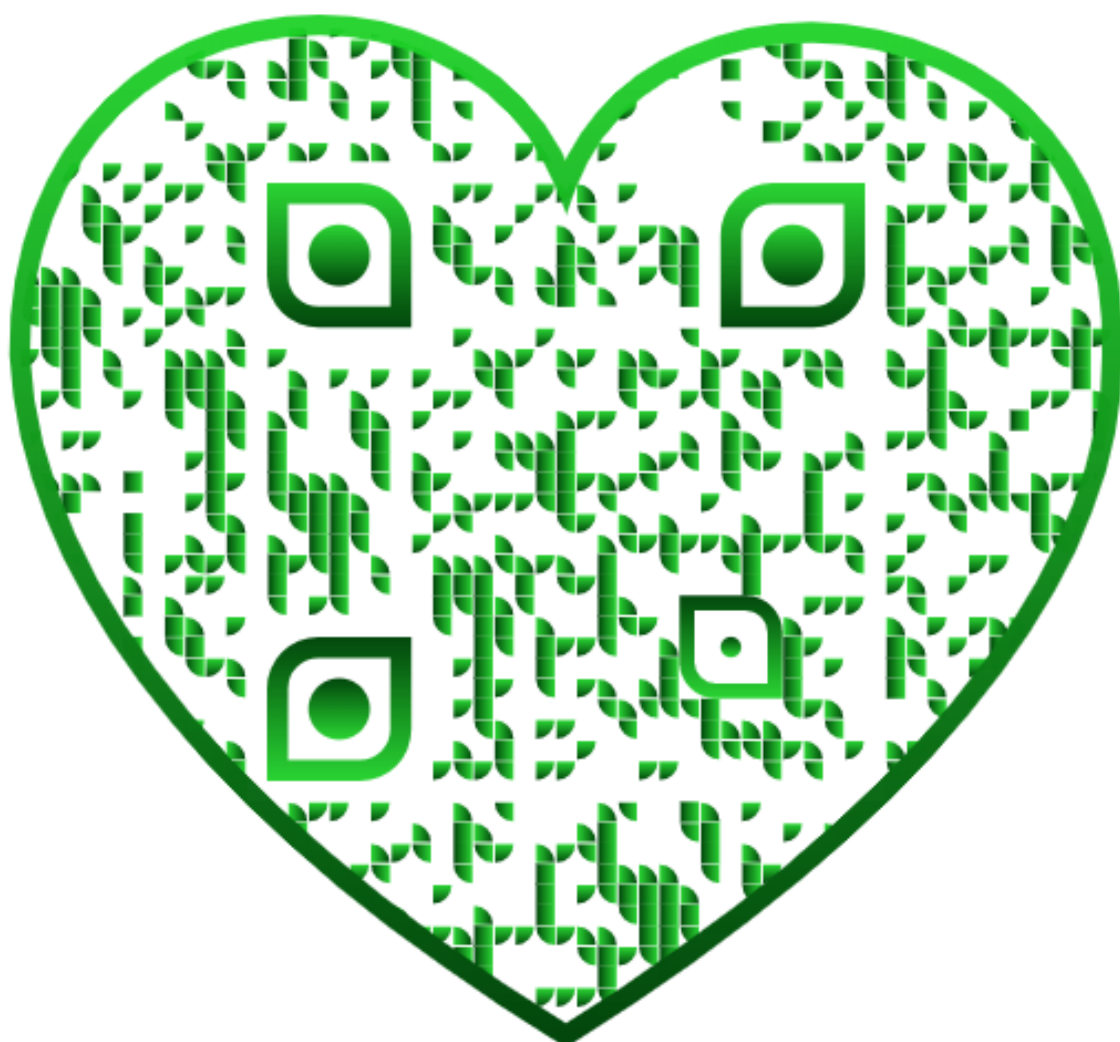
SO HIDEOUS

VERSUS



Opera Diabolica

O FASCÍNIO do MACABRO



EDITORIAL



Ultrapassamos 2021, ainda com sabor a 2020. Privados de muitos espetáculos ao vivo e de experiências que certamente muito nos iriam enriquecer e engrandecer o espírito e a criatividade, sempre precisa para encararmos o dia a dia. Felizmente, ainda que com limitações enormes, já foi possível ensaiar o tão aclamado regresso à “normalidade”.

Contudo, do outro lado da balança encontra-se o prato bem pesado das edições discográficas que aconteceram ao longo dos últimos 12 meses. As paragens repentinas, fruto do período pandémico, “fecharam” muitos artistas nos seus estúdios e deram-lhes tempo para pensarem, criarem e se reinventarem. As listagens de melhores do ano estão por todo o lado e permitem-nos perceber a enorme variedade de lançamentos que está a ser destacada. Nós, na Versus Magazine, temos também as nossas selecções e podem consultá-las, desde já, na página 8. E não foi só a música pela música que saiu a ganhar. Também os formatos se tornaram mais eloquentes. Atentem no aspecto gráfico e pacotes especiais disponibilizados - vejam p.e. a edição limitada do «Torn Arteries» dos Carcass - ou o surgir dos eventos online em streaming - como são excelentes exemplos o concerto de halloween dos Moonspell, ou as cinematográficas experiências criadas pelos Epica ou Behemoth.

Na capa desta edição chamamos a atenção para um projecto que se expande em várias dimensões. Os Opera Diabolicus lançaram no final de 2021 o disco “Death On A Pale Horse”, um trabalho que se veste de música e teatralidade imbuídas num ambiente lírico de obscuridade e de horror. É mais um excelente exemplo de criatividade e expansão artística que nos proporciona um escape e uma diversão essenciais nos nossos dias. Sim, porque a cultura faz falta. Muita falta. Assim, aceitem este convite para começarem a folhear a primeira edição de 2022 da Versus Magazine, a número 60.

Emanuel Roriz

VERSUS MAGAZINE

Rua José Rodrigues Migueis 11 R/C
3800 Ovar, Portugal
Email: versusmagazinept@gmail.com

INSTAGRAM

[versusmagazinept](https://www.instagram.com/versusmagazinept)

FACEBOOK

[versusmagazinepage](https://www.facebook.com/versusmagazinepage)

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Download Gratuito

DIRECÇÃO

Adriano Godinho, Eduardo Ramalhadeiro
& Ernesto Martins

GRAFISMO

Eduardo Ramalhadeiro & JP Madaleno

COLABORADORES

Adriano Godinho, Carlos Filipe, Cristina Sá, Dico, Eduardo Ramalhadeiro, Eduardo Rocha, Elsa Mota, Emanuel Roriz, Ernesto Martins, Frederico Figueiredo, Gabriel Sousa, Gabriela Teixeira, Helder Mendes, Hugo Melo, Ivo Broncas, João Paulo Madaleno, Nuno Lopes e Victor Alves

FOTOGRAFIA

Créditos nas Páginas

CAPA

Foto: Season of Mist

Todos os direitos reservados. A VERSUS MAGAZINE está sob uma licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Não a Obras Derivadas 2.5 Portugal.

O UTILIZADOR PODE:

copiar, distribuir, exibir a obra

SOB AS SEGUINTE CONDICOES:

ATRIBUIÇÃO - O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

USO NÃO-COMERCIAL. O utilizador não pode utilizar esta obra para fins comerciais.

NÃO A OBRAS DERIVADAS.

O utilizador não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

44



OPERA DIABOLICUS

CONTEÚDO

Nº60

05 TRIAL BY FIRE

06 NOTÍCIAS

08 MELHORES 2021

10 AURI

14 DEMONSTEALER

16 AUTOKRATOR

18 GABRIELA TEIXEIRA THE GIRL WITH THE

KALEIDOSCOPE EYES

20 CRÍTICAS VERSUS

32 EMANUEL RORIZ A CULPA É DO CEMITÉRIO

34 IVO BRONCAS POSTAS DE PESCADEIRA

36 CARCASS

42 ALBUM VERSUS ARD

50 CURTAS VERSUS

52 PERSEFONE

56 GABRIEL SOUSA (SU)POSIÇÕES

57 PLAYLIST

58 ERGHOLAE SOMPTATOR

62 GATE

64 IN CRUCEM AGERE

66 ANTRO DE FOLIA DIE HARD

70 PALETES DE METAL

90 LIVE VERSUS

94 HOMEM DA MOTOSERRA

96 SELVANS

100 SO HIDEOUS

102 DODICI CILINDRI VENTURI

MASSIVE MUSIC
FRAUDULY PRESENTS



HALO

& GUESTS

VILE NILOTIC RITES

EUROPE TOUR 2022

23 NOVEMBRO HARD CLUB PORTO
24 NOVEMBRO RCA CLUB LISBOA

ABERTURA 19:30 - INÍCIO 20:00

NOTREDAME PRODUCTIONS



FOOT
BLASTER

SABIAN

Pearl

vic firth

EVANS
DRUMHEADS



Marshall

ENGL

Seymour
Duncan

SOUNDHOLE



Trial by Fire

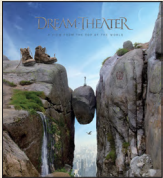
Obra - Prima 5

Excelente 4

Esforçado 3

Esperado 2

Básico 1

	Adriano Godinho	Carlos Filipe	Eduardo Ramalhadeiro	Emanuel Roriz	Ernesto Martins	Gabriel Sousa	Gabriela Teixeira	Helder Mendes	Hugo Melo	JP Madaleno	MÉDIA
 CRADLE OF FILTH Existence Is Futile (Nuclear Blast)	3.0	3.5	—	3.0	2.0	2.0	3.5	2.0	3.5	3.5	2.9
 DREAM THEATER A View From The Top Of The World (InsideOut Records)	2.5	3.5	4.0	3.5	3.0	3.5	3.5	3.0	—	3.5	3.3
 RIVERS OF NIHIL The Work (Metal Blade)	3.0	3.0	2.5	3.0	3.5	2.0	3.5	4.0	2.0	4.0	3.1
 VILDHJARTA Måsstaden Under Vatten (Century Media)	2.0	1.0	2.0	2.0	1.5	1.5	3.0	—	3.0	2.5	2.1
 ZORNHEYM The Zornheim Sleep Experiment (All Noir)	3.5	4.5	2.5	3.0	4.0	2.0	3.5	—	—	4.0	3.5

Notícias

SUZY

Seguramente os nossos leitores já saberão que a Suzy Lorena Rodrigues - promotora e figura muito querida do underground nacional - sofreu um acidente no ano passado que a deixou em coma durante um mês e que irá precisar de diversos tratamentos para a sua total recuperação física e cognitiva.

Desde os finais de janeiro que circula em diversas páginas e grupos nas redes sociais um comunicado sobre a situação delicada da Suzy e onde a família apela à ajuda para colmatar as despesas avultadas que esses tratamentos acarretam. Para quem ainda não tenha visto esse comunicado, e queira contribuir, pode aderir ao grupo de Facebook "A nossa amiga Suzy" e aí obterá informação mais detalhada sobre a conta solidária e o contacto MB Way.

É com muita satisfação que destacamos a união das inúmeras pessoas ligadas ao heavy metal que se prontificaram de imediato a colaborar. Para além dos contributos individuais, a editora Raging Planet organizou no passado dia 12 de fevereiro, no RCA em Lisboa, o Suzy Lorena Benefit Showcase, que teve muita afluência e onde atuaram os black Hill Cove, Theriomorphic e Attick Demons. Os Caminhos Metálicos estão também a organizar um festival que se realizará no dia 8 de maio, o Vamos Ajudar a Suzy Lorena Online Festival e, até agora, 20 bandas nacionais já confirmaram a sua actuação tais como os Basalto, Tvmvlo, Black Widows, Revolution Within... e o Roberto Gomes Rodrigo tem promovido vendas e leilões de álbuns e merchandise na sua página de Facebook cujos lucros são igualmente transferidos para a conta solidária.

A Versus Magazine quer expressar os mais sinceros votos de uma rápida recuperação à Suzy, desejar-lhe muita força e ânimo para vencer este período adverso pelo qual está a passar e que muito em breve possa regressar ao nosso meio musical de boa saúde!



Mark Lanegan

Mark Lanegan faleceu, aos 57 anos, no dia 22 de Fevereiro, em sua casa na Irlanda. O mundo conheceu-o como vocalista do Screaming Trees - a banda pioneira do movimento Grunge - mas foi a solo que melhor se exprimiu enquanto músico e escritor pleno de sensibilidade, sem esquecer as inúmeras colaborações com diversas bandas e artistas dos quais se destacam o super grupo Mad Season; os QOTSA, Greg Dulli com quem gravou «Saturnalia» sob a designação de The Gutter Twins; Isobel Campbell ou os nacionais Dead Combo com quem cantou Fernando Pessoa no tema "I know, I alone". A sua prolífica carreira começou em 1985, sobreviveu a demónios e abismos mas foi agora inesperadamente interrompida. Calou-se assim a voz mais rouca e profunda que emergiu de Seattle e aumentou o vazio de uma geração a quem restam cada vez menos heróis.



RAMP - «Insidiously»

O regresso dos eternos RAMP, uma das históricas bandas do Metal nacional. 13 anos depois do último álbum de estúdio ("Visions", 2009) os RAMP regressam em 2022 com "Insidiously", um álbum composto pela dupla criativa Rui Duarte / Ricardo Mendonça.

"Insidiously" marca a estreia do baterista João Gonçalves.

Um grande regresso, há muito aguardado!

Nas palavras de Rui Duarte: "Este foi o disco de RAMP com o processo de concepção mais violento até hoje. Com os seus elementos envolvidos em permanentes crises pessoais, com mudanças de line up e estruturas de trabalho, com a pandemia, tudo pareceu ser uma verdadeira prova de superação."



Foto: Ricardo Santos

CAMINHOS METÁLICOS

VAMOS AJUDAR A SUZY ONLINE FESTIVAL

BASALTO  BIOLENCE  BLACK WIDOWS

COSMIC WOLVES  DISAFFECTED  DRAKH  DRVZKA

ESPIRAL  INVOKE  LIVING TALES  MERCIC

MR GIANT AND THE BROKEN STONE  MY ENCHANTMENT

NOWHERE TO BE FOUND  REVOLUTION WITHIN

SECRET CHORD  TROTIL  TVMVLO  VIRGATOR

XEQUE-MATE  E OUTRAS A ANUNCIAR

08.05.2022

[YOUTUBE.COM/CAMINHOSMETÁLICOS](https://www.youtube.com/caminhosmetalicos)

CONTRIBUIÇÕES PARA A CONTA SOLIDÁRIA DE APOIO
À RECUPERAÇÃO DA SUZY LORENA RODRIGUES:

TRANSFERÊNCIAS PARA:

PT50 0035 0131 00001848 8006 4



Melhores

Adriano Godinho

Soen - Imperial
Leprous - Aphelion
Gojira - Fortitude
Swallow the Sun - Moonflowers
Iron Maiden - Senjutsu

Moonspell - Hermitage
Tarantula - Thunder Tunes From Lusitania
Sepulcros - Vazio

Carlos Filipe

Five The Hierophant - Through Aureate Void
Exanimis - Marionnettiste
De Arma - Strayed In Shadows
In The Company Of Serpents - Lux
Zornheym - The Zornheim Sleep Experiment

Efémero - Movimento Efêmero Do Cosmos
Sepulcros - Vazio
Glasya - Attarghan

Cristina Sá

So Hideous - But a Pure Heart Can Sing
Thy Catafalque - Vadak
The Ruins of Beverast - The Thule Grimoires
Ergolae Somptator - Mille vertiges fondent sur les âmes vides
Harakiri for the Sky - Maere

Hoofmark - Evil Blues
Morte Incandescente - Vala Comum
Moonspell - Hermitage

Eduardo Ramalhadeiro

Helloween - Helloween
Soen - Imperial
Iron Maiden - Senjutsu
Dream Theater-A View From The Top Of The World

Moonspell - Hermitage
Tarantula - Thunder Tunes From Lusitania

Emanuel Roriz

Cannibal Corpse - Violence Unimagined
Iron Maiden - Senjutsu
Nekromantheon - The Visions Of Trismegistos
Carcass - Torn Arteries
Gojira - Fortitude

Moonspell - Hermitage
Existence:Void - Anatman
Redemptus - Blackhearted

Ernesto Martins

Les Chants de Nihil - Le Tyran et l'Esthète
Aenigmatum - Deconsecrate
Swallow the Sun - Moonflowers
Iotunn - Acess All Worlds
Thy Catafalque - Vadak

Existence:Void - Anatman
Sepulcros - Vazio
Sullen - Nodus Tollens - Act 1: Oblivion

2021

Gabriel Sousa

Chez Kane - Chez Kane
The Night Flight Orchestra - Aeromantics II
Accept - Too Mean To Die
Helloween - Helloween
Todd La Torre - Rejoice In The Surface

Moonspell - Hermitage
Cruz De Ferro - Leão Dos Mares
Tarantula - Thunder Tunes From Lusitania

Gabriela Teixeira

Soen - Imperial
Leprous - Aphelion
Gojira - Fortitude
Wheel - Resident Human
Unto Others - Strength

Bizarra Locomotiva - Fenótipvs
Sullen - Nodus Tollens Act I: Oblivion
Sepulcros - Vazio

Helder Mendes

Thy Catafalque - Vadak
Worm - Foreverglade
Opera Diabolicus - Death on a Pale Horse
Funeral Mist - Deiform
1914 - When Fear and Weapons Meet

Morte Incandescente - Vala Comum
Sepulcros - Vazio
Colosso - Hateworlds

Hugo Melo

Carcass - Torn Arteries
Cannibal Corpse - Violence Unimagined
Iron Maiden - Senjutsu
Iotunn - Access All Worlds
Dordeduh - Har

Efémero - Movimento Efêmero Do Cosmos
Moonspell - Hermitage
Existence:Void - Anatman

João Paulo Madaleno

Be'Lakor - Coherence
Exanimis - Marionnettiste
Harakiri for the Sky - Mære
Crescent - Carving the Fires of Akhet
Leprous - Aphelion

Sullen - Nodus Tollens - Act 1: Oblivion
Phase Transition - Relatively Speaking
Moonspell - Hermitage

FORA



PROFUNDO MISTÉRIO

Tudo começou em 2018 com a visão de Tuomas Holopainen, juntamente com Johanna Kurkela e Troy Donockley. «II – Those We Don't Speak Of» é uma interessante viagem cinematográfica através dos sons criados por esta tripla – ainda com a colaboração do baterista/percussionista Kai Hahto. Poesia em forma de notas musicais.

Entrevista: Eduardo Ramalhadeiro
Fotos: Mikko Linnavuori

Olá, Johanna, como estás? Espero que esteja tudo bem contigo, teus amigos e família!

Obrigado, Eduardo! É maravilhoso poder conversar contigo. Aqui está tudo bem. Estamos muito contentes por, finalmente, compartilhar “AURI – II – Those we don’t speak of” com o resto do mundo! O feedback tem sido incrível! Aqueceu profundamente os nossos corações.

O álbum foi lançado a 3 de setembro e é o vosso segundo álbum. Quais são as vossas expectativas em relação a «II – Those We Don’t Speak Of»?

Sinceramente, não funcionamos em função de expectativas. A única coisa que pretendemos é fazer música que signifique algo para nós. E espero que possa transmitir aos outros tão profundamente quanto o faz a nós.

A primeira coisa que me vem à mente é quem são “Those We Don’t Speak of”?

Não és o primeiro a perguntar-me isso! Como o título indica, é um mistério profundo que cada ouvinte deve descobrir por si mesmo. Quais as coisas que se escondem no subconsciente de cada pessoa?

Dois álbuns nasceram: um fora da pandemia e, presumo, o outro feito bem no meio dela. Em relação à forma como trabalham como banda, mudaram alguma coisa de um álbum para o outro?

Como a nossa banda tem elementos de dois países, Finlândia e Reino Unido, a nossa maneira de trabalhar, naturalmente, tornou-se uma espécie de puzzle a montar remotamente. Cada um de nós gosta de iniciar o processo de composição no seu estúdio caseiro e, depois, quando sentimos que temos algo interessante para compartilhar, apresentamo-lo aos outros e seguimos a partir daí. Cada um, vai adicionando as suas partes às músicas e, assim, desenvolvendo-as até ao produto final. Acho que esta é uma forma



[...] aqueles primeiros momentos que testemunham o nascimento da música e a sua iniciação num determinado caminho, são momentos que cada um de nós gosta de estar sozinho.

muito inspiradora e excelente de trabalhar.

Entre os dois álbuns incluíram na banda o Kai Hahto. A inclusão de um baterista/ percussionista permitiu-vos, como banda, elevar a vossa música para outro nível?

No primeiro álbum, usamos muitas mãos britânicas para nos ajudar. O álbum foi misturado e masterizado no Reino Unido, as fotos foram tiradas na Cornualha e a bateria tocada pelo Frank Van Essen, com quem o Troy tocava numa banda chamada Iona. Para o segundo álbum, decidimos virar o jogo e utilizar as nossas ligações finlandesas. Pedimos ao Kai Hahto para tocar bateria e ao Juho Kanervo para tocar baixo. Além disso, o álbum foi misturado e masterizado na Finlândia e as fotos foram tiradas em Kitee.

Enquanto preparava esta entrevista, encontrei uma vossa referência ao álbum anterior, onde disseste que precisas de ficar sozinha para gravar as vozes. O Tuomas também afirmou que precisava de se desafiar. Parece-me que vocês todos trabalham de forma independente, mas, no final, conseguem criar uma música bonita e complexa. É verdade?

É verdade! É assim que gostamos de trabalhar. Para todos nós, o processo de escrever uma nova música é uma coisa muito delicada. Precisa de tempo e dedicação. Nos estágios iniciais das músicas,

onde começam a ganhar vida, é vital ter esse espaço e privacidade para realmente mergulhar fundo e ouvir o que a música nos tem a dizer, como ela quer soar e qual é a sua história. Terminado esse processo, as opiniões dos outros são bem-vindas, trabalhamos juntos e as músicas evoluem muito naturalmente a partir daí. Mas aqueles primeiros momentos que testemunham o nascimento da música e a sua iniciação num determinado caminho, são momentos que cada um de nós gosta de estar sozinho.

Concordas que, para ouvir e entender Auri na sua plenitude, teremos que estar de bom humor? Como te sentes sabendo que as pessoas se revêm na vossa música e a usam como uma forma de ajudá-las nas suas vidas?

Acho que a música é maravilhosa porque não podemos entender totalmente a sua magia e por que ela nos influencia. Associar-se à música é sempre algo muito intuitivo e subconsciente. Sim, concordo, o nosso humor tem muito a ver com a forma como percebemos a nossa realidade. Ainda assim, não acho que haja uma forma certa ou errada de ouvir Auri ou outra música qualquer. Há apenas que manter a mente aberta. Para mim, a música sempre foi algo de profundo mistério, reverência e admiração. Vem de um lugar desconhecido e insondável. Tem o poder de alterar a nossa realidade,

intensificá-la e, até mesmo, de nos curar. Acho que a única coisa pela qual nós, escritores, podemos receber crédito é por sermos um canal para isso. A música é uma força pela qual todos somos compelidos a servir humildemente. E muitas pessoas parecem estar muito conectadas (espiritualmente falando) com a nossa música.

Na minha opinião, a música de Auri é muito cinematográfica. No meio do processo de criação, primeiro formas alguns tipos de filmes ou imagens na tua cabeça e, após, trabalhas a partir daí ou a música nasce naturalmente?

É uma coisa muito instintiva, pelo menos para mim. Na verdade, não tenho um plano a seguir, mas esse “plano” revela-se em fragmentos que vou pegando e juntando ao longo do caminho. Algumas canções pintam imagens mais vividas que outras. Também sei que o Tuomas e o Troy gostam de escrever canções com uma visão específica, mas para mim isso varia. Às vezes eu tenho um título para uma música antes de começá-la, e às vezes encontro a música primeiro e, depois de ouvi-la por um tempo, começo a “pintar aquelas visões” na minha cabeça e que me dizem o que ela quer ser. Mas, no geral, sim, sempre achei que a estrutura sonora da música de Auri é muito visual.

Por falar em cinema, Hanz Zimmer (e o fabuloso Live in Prague), John Williams, Howard Shore e, mais recentemente, Jóhann Jóhannsson estão entre os meus compositores favoritos. Quais são os teus? Há algum OST que te influencia?

Oh, adoro todos esses que referiste, assim como Danny Elfman, James Newton Howard, Michael Nyman e Jeremy Soule, que compôs a incrível banda sonora para o jogo Skyrim! Sem dúvida que ouvir e contemplar as bandas sonoras de filmes influenciou-nos na forma como escrevemos música.

Então, planeiam ou há alguma ideia de fazer um álbum com uma orquestra?

Bem, adoro o som de uma grande orquestra, mas para Auri, neste momento, penso que não se enquadra. Acho que ainda estamos todos tão extasiados com o som de Auri e com o que podemos descobrir entre nós três e mais algumas mãos extras... para já, não vejo a usarmos uma orquestra em escala real. Cordas sim, definitivamente, mas num ambiente mais intimista, por exemplo, de quarteto de cordas.

Agora, não podemos dissociar a tua voz de Auri e na minha humilde opinião é o que mais se destaca, como por exemplo... Fleetwood Mac. Obviamente, sem nenhum tipo de desprezo pelo resto da banda, mas... Fazes-me lembrar precisamente de Stevie Nicks e Kate Bush. Aceitas isto com orgulho ou vais citar a frase do banda desenhada do Homem-Aranha: “com grande poder vêm grandes responsabilidades”?

Ah!! Isso é maravilhoso! Muito obrigado pelo elogio! Acho que o cantor costuma ser a primeira coisa a ser notada na música. E Stevie Nicks e Kate Bush, certamente, ganharam os seus holofotes. No entanto, em Auri, a meu ver, somos apenas três queridos amigos que se divertem a fazer música juntos. Não seria Auri se faltasse um de nós.

Tenho lido alguns comentários no YouTube e acho um em particular engraçado, mas não tenho certeza se é verdade: Auri é “Outra obra-prima Lightwish”. (risos) Qual é a tua opinião sobre este comentário?

Bem, penso que aquele pedacinho de Lightwish existente em Auri é, inevitavelmente, o Tuomas e o seu jeito maravilhoso de escrever música. Mas, musicalmente falando, isso é apenas um terço de Auri. Nesta banda, todos nós escrevemos música. Não há ninguém a liderar o espectáculo. A dinâmica é composta por nós

os três, a nossa amizade e o que podemos sonhar e concretizar juntos.

És uma mulher entre homens e sabemos, embora não admitamos (nunca - risos), as mulheres dominam o mundo. Portanto: Quem tem as últimas palavras sobre as versões finais das músicas e sobre a produção?

Que pensas quando as pessoas chamam uma banda de “banda liderada por mulheres” (considero um estereótipo, mas ainda existem muitas pessoas que o usam). Em 2021, (ainda) faz sentido? Sinceramente, esta é uma das ideias mais estranhas para mim. Desportos e jogos à parte, nunca entendi o conceito de competir e colocar valores diferentes em seres que respiram o mesmo ar. Os egos são grandes servos, mas pobres senhores. Nos Auri, tentamos evitar todas as ideias terrenas e criar um mundo de liberdade. Não há últimas palavras, nem governantes. A música é o mestre. Sempre nos diz o que fazer e ficamos felizes em obedecer e dar atenção à sua sabedoria profunda.

Última pergunta: O que podemos esperar de vocês ao vivo?

Espero que um dia possamos experimentar a nossa música ao vivo! Para mim, fazer música em estúdio e tocar ao vivo sempre foram dois mundos muito diferentes. O ambiente de estúdio é mais como um berçário de canções, os espectáculos são aventuras que temos com a música quando ela amadurece! Seria muito interessante levar Auri a locais que já transmitem algum tipo de história e têm histórias próprias, como castelos antigos, catedrais, cavernas, teatros, etc., para ter a oportunidade de entrar em “outro mundo” e sentir essa música aí, imagino que seria completamente maravilhoso, sincero e purificador!



O ENCANTADOR DE TALENTOS

A simpatia de Sahil Makhija atrai os músicos convidados e a bela música fecha o cerco. E assim nasceu mais um EP de **Demonstealer**: «The Holocene Termination».

Entrevista: CSA

Saudações, Sahil! Espero que esteja tudo bem contigo! Tenho andado a seguir a história deste EP no Facebook. De que trata? A que tópicos se referem as letras das canções?

DS – «The Holocene Termination» trata do fim da Humanidade. Penso que a espécie humana já começou a regredir. O meu EP fala disso, sobre os erros que temos cometido e também do facto de que, em vez de tentarmos resolver os problemas, nos encaminhamos

para a nossa extinção por estarmos cegos devido à ganância e ao poder. Inspira-se muito no mundo atual, em que todos são peritos, todos pensam ter razão e temos a sensação de que a Humanidade enlouqueceu. Penso que o ponto nevrálgico foi atingido, quando as pessoas começaram a dizer outra vez que a Terra é plana. Este EP é apenas um pálido reflexo da desoladora realidade.

O som é mais ou menos old school Death Metal, não é verdade?

Adoro tocar rapidamente, sou louco por blast beats e adoro ser técnico. Mas também gosto de escrever canções grandiosas e memoráveis. Não me parece que a minha banda alguma vez tenha feito verdadeiramente Death Metal old school, mas de facto este EP é mais agressivo e mais tenebroso do que o anterior. Subi a fasquia, no que toca à brutalidade e à velocidade, o que provavelmente o

torna menos old school. Contudo, creio que, do ponto de vista da composição, continua a ser muito old school.

Conta-me como fizeste este EP. Fui lendo os teus posts, mas gostaria de ter uma imagem global do processo.

Na realidade, comecei a escrever este EP em 2019. Há e continua a haver muitos bateristas com quem gostaria de trabalhar e eu continuo a contactá-los e a compor canções e foi assim que tudo aconteceu. Escrevi as canções e escolhi os 4 bateristas que podes ouvir neste EP e enviei-lhes as canções para eles as gravarem. Foi assim que tudo começou. Depois foi uma questão de encontrar os outros músicos e de dar a todos o tempo necessário para gravarem as suas partes e mas enviarem. Fui muito assertivo em relação a quem queria no EP, portanto não me importei de esperar o tempo necessário até estarem disponíveis para gravar. Foi por isso que demorou bastante tempo a sair.

Este EP é uma verdadeira parada de estrelas. Tu és uma espécie de “encantador de talentos” (como Robert Redford em “O Encantador de Cavalos”).

- Como encontraste todos estes talentos?

Na internet. Sou seguidor de muitos destes músicos há bastante tempo e ouço as bandas de que eles fazem parte. Alguns até os conheço pessoalmente.

- Por que escolheste estes músicos? Como escolheste a canção para cada convidado?

Para dizer a verdade, nem sei bem. Limito-me a pensar nas canções e em quem eu gostaria que as tocasse. Às vezes, escrevo primeiro aos músicos e depois componho a canção. Trata-se de conhecer bem o seu estilo e de pensar em que faixas será melhor aplicado.

- Como reagiram ao teu convite para tocarem no teu EP? [Calculo que estavam realmente dispostos a fazê-lo, porque até aceitaram fazer vídeos promocionais para o

EP relativos à sua colaboração.]

É difícil falar por eles, mas todos aceitaram tocar no projeto. Depois deram-me a conhecer a sua disponibilidade e indicaram quando poderiam gravar e, como estava bem para mim, avançámos com o trabalho. Espero que todos tenham gostado de participar neste projeto, mas, para teres a certeza, terás de lhes fazer a pergunta.

- Pediste aos teus convidados para participarem no processo de criação de alguma forma?

Sim, todos o fizeram de alguma forma, porque lhes dou sempre carta branca para trabalharem. Portanto, limito-me a enviar-lhes uma base de guitarra e a estrutura da canção. Depois podem fazer o que quiserem e partimos dessa base. Sinto que, se enviar as minhas ideias, depois eles podem acrescentar as suas, que é precisamente o que eu quero. Na canção que fiz com o Simon Schilling, trabalhamos juntos. Eu escrevi alguns riffs e o Simon pediu-me para fazer algo diferente, porque tinha uma ideia especial para ela. Tenho de reconhecer que essa faixa está bem melhor agora, porque ele insistiu para eu a modificar.

Como organizaste o trabalho com todos estes músicos para gravares o EP?

Fazemos tudo por mail ou usando ocasionalmente o Messenger do Facebook. Todos têm meios para gravar, logo não havia muita coisa para eu fazer. Enviei-lhes as canções, eles gravaram as suas partes e reenviaram-me os ficheiros. Às vezes, enviam-me ideias e fazemos algumas alterações antes da gravação final.

A quem pediste para fazer a arte para «The Holocene Termination»?

A arte para o EP foi feita por Andreas Christanetoff, da Armaada Art. Tinha andado a ver muitos dos seus trabalhos artísticos num grupo de Death Metal do Facebook e gostei mesmo do seu estilo. Portanto, contactei-o lá por 2019 ou 2020, o que significa que a arte

estava feita com quase um ano de antecedência. Dei-lhe o título do EP e ele criou a sua visão do mesmo. Acho que fez um trabalho espantoso!

Que planos traçaste para promover este EP?

Tenho um vídeo para cada uma das canções. Contratei um profissional de relações públicas da Holdtight para me ajudar a lidar com a imprensa e a promoção. Também tenho feito muitos posts nas redes sociais para promover a música. E, finalmente, se conseguir dinheiro para isso, até porei alguns anúncios no Facebook, no Youtube e no Instagram para divulgar a música.

Imagina que tens a oportunidade de fazer alguns concertos para promover este EP. Parece-te que poderias partilhar o palco com os teus convidados?

Isso seria um sonho tornado realidade, mas duvido que tal possa acontecer. Todos esses músicos têm outros projetos a que dão prioridade e precisaríamos de muito dinheiro para organizar uma digressão com 9 músicos. Portanto, acho que essa ideia vai ficar na dimensão do sonho. Penso que este projeto foi sempre uma iniciativa de estúdio. Nunca me passou pela cabeça fazer o mesmo ao vivo. Na verdade, tentarei colaborar com cada vez mais músicos e será muito difícil e recriar o projeto ao vivo.

E como vai o teu Headbanger's Kitchen? Com quem tens andado a partilhar a cozinha?

Tenho andado um bocado afastado desse programa, para gerir algumas questões pessoais. Mas agora estamos a começar um novo ano e eu estou de regresso à cozinha para trabalhar em novas receitas e novas emissões. Mas estou a cozinhar sozinho. A minha família vem provar a comida que eu faço, mas cozinhar foi sempre uma operação a solo.

Facebook
Youtube

AUTOKRATOR



Perseguindo a perfeição

Manterem-se fiéis ao som da banda, mas sempre a aperfeiçoá-lo: eis o lema dos Autokrator. Outra constante: a referência à autoridade sem limites anunciada pelo nome da banda

Entrevista: CSA

Saudações, Loïc! Espero que esteja tudo bem contigo. Já te entrevistei pelos três álbuns da banda («Autokrator», de 2015, «The Obedience to Authority», de 2016, e «Hammer of the Heretics», de 2018). Agora é a vez de «Persecution», a sair em 2021. Pode-se dizer que tens relações difíceis com a autoridade, tendo em conta os títulos dos álbuns de Autokrator e mesmo o nome da banda?

Loïc F. – Saudações! Pessoalmente, não tenho relações difíceis com a autoridade. É preciso dissociar a música do indivíduo. Os temas de Autokrator baseiam-se em aspetos sombrios da humanidade, de certos homens através da História, ou antes, na forma como vemos e interpretamos as suas ações. O nome da banda baseia-se na ideia de autoridade. “Autokrator” significa aquele que exerce o poder absoluto, sem superior.

A que perseguição se refere este álbum? [Lembro-me de que aprendi muita coisa sobre a Santa Inquisição ao fazer pesquisa para a entrevista relativa ao álbum anterior.]

O novo álbum trata da perseguição aos cristãos durante a vigência do império romano movida pelos imperadores Marco Aurélio, Diocleciano, Domiciano, Nero e Trajano.

Este álbum é tão violento como os seus congêneres. Podes comentar esta afirmação?

Tecnicamente falando, é mais brutal, rápido, variado e técnico que os seus antecessores. As estruturas são muito mais variadas.

É a primeira vez que compomos canções com tantas mudanças de ritmo, a primeira vez que usamos arranjos harmónicos de guitarra e técnicas como hammer pull off, tapping...

A voz do David Bayley é odiosa e aterrorizadora como de costume enquanto ele “cospe” as letras das canções, não é assim?

Como de costume, o David fez um trabalho extraordinário fazendo render o seu timbre de voz que é absolutamente único.

No entanto, sente-se uma espécie de vai e vem melódico subjacente a toda essa fúria. Isso acontece, por exemplo, quando se ouve o início de “The Great Persecution”, o segundo título deste álbum.

Sim, temos imensos arranjos melódicos e harmónicos ao longo do álbum. O objetivo era dar-lhe dinamismo, quebrar o lado monolítico ao mesmo tempo que preservávamos o som da banda. Se ouvires atentamente o álbum, verificarás que o trabalho da guitarra está feito de tal forma que praticamente nenhum riff é tocado da mesma maneira das várias vezes que aparece.

Voltaram a convidar o Kevin Paradis para tocar a bateria neste álbum? [Ainda me lembro da sua excelente participação em «Hammer of the Heretics», em 2018.]

Sim, o Kevin participou de novo neste álbum. É um dos melhores bateristas de Metal extremo do mundo e, tendo em conta a qualidade do trabalho dele em «Hammer of the Heretics», era

natural que pensássemos nele novamente.

A capa é excelente, como de costume. Quem a criou? A que se refere a ilustração? Há alguma canção do álbum que esteja especialmente ligada a esta capa?

Voltamos a convidar o Nestor Avalos para fazer a capa. Trabalhámos com ele para todos os álbuns à exceção de «Hammer of the Heretics». Ele tem um estilo único, que combina de forma perfeita com a nossa estética. A capa representa Marco Aurélio e refere-se ao álbum na sua globalidade.

Como fizeram para gravar o álbum sob as restrições sanitárias atuais?

Cada um de nós tem o seu próprio estúdio e, portanto, cada um grava a sua parte. A COVID não teve nenhum impacto na nossa atividade.

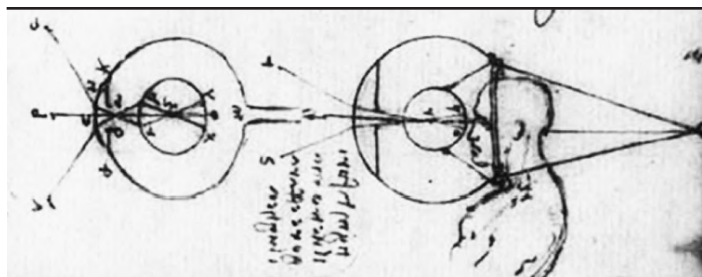
Quem vai fazer a promoção do álbum e que planos traçou para o fazer?

Como de costume, a minha editora – Krucyator Productions – trabalha com a Qabar PR para fazer a promoção digital/na internet. No que diz respeito à promoção física, conto com a Decibel Magazine e a Zero Tolerance Magazine.

Pouco a pouco, estão a levantar as restrições e as bandas começam a fazer concertos. Também vão seguir esta tendência?

Não fazemos concertos e há muito poucas hipóteses de que tal aconteça.

Facebook
Youtube



The girl with the kaleidoscope eyes

Por: Gabriela Teixeira

Caros leitores e leitoras da Versus Magazine:

Eu sou a Gabriela, a mais recente colaboradora e este será o meu espaço de opinião onde submeterei assuntos e ideias ligados ao nosso prezado universo musical ao meu sentido crítico e observador mas com enorme vontade de enaltecer sempre os seus aspectos positivos (para contrabalançar o meu pessimismo natural), até ao dia em que o Eduardo Ramalhadeiro me despedir porque a revista não tem orçamento para pagar o meu avultado salário.

Nesta primeira crónica, permitam-me falar-lhes da minha relação com o Rock N' Roll. Para mim, a música é a grande paixão da minha vida - ainda que eu não saiba "dar um fá" (yep, referência aos Gatos Fedorento) - e, não só, tem sido a presença mais constante ao longo das 4 décadas da minha humilde existência, como se foi tornando, com o passar do tempo, no meu grande pilar emocional.

Quando tudo falha eu sei que há um disco para me confortar - o «Alternativo 4» dos Anathema; quando o momento é de celebração, o «Combat Rock» dos The Clash é a companhia ideal; há anos que dou as boas vindas à minha estação do ano favorita com o disco «Forever Autumn» dos Lake of Tears, assim como não há manhã de Natal que eu não guarde um bocadinho para ouvir a "Red Water (Christmas Mourning)" dos Type O Negative... Há, portanto, para cada momento, uma música ou um disco ao qual eu presto uma devoção religiosa desde o momento que carrego no play até ao último acorde. Se para muita gente a música é um som que está no ali fundo para que o silêncio constrangedor não se torne demasiado evidente, para mim ela é a grande protagonista que tem de ser celebrada por ser feita com alma e coração num mundo cada vez mais superficial e onde muita da música lançada e que experimenta grande sucesso não é se não um mero "produto acabado da sociedade de consumo imediato". Por isso mesmo, é impossível eu não sentir que partilho algo deveras especial quando penso que a miúda de 11 anos que ouviu pela primeira vez a "Knocking on heaven's door" dos Guns N' Roses nunca mais se desviou do caminho e aos 40 anos tem como Santíssima Trindade (+1) os álbuns de estreia dos The Doors e Velvet Underground, o «Physical Graffiti» dos Led Zeppelin e o «Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band» dos Beatles (ninguém diria!), para além das inúmeras bandas dentro do espectro heavy metal e de hard rock que contribuíram para o crescimento e maturação de um gosto estético assente em grandes riffs tocados com muito feeling. Outro motivo de orgulho é a vontade incessante de conhecer bandas novas (e menos novas) que me mantém numa permanente demanda pelo próximo disco que me vai arrebatrar os sentidos e esta situação pandémica que vivemos tem-me proporcionado muito tempo de qualidade ocupado a descobrir e redescobrir discos magníficos e a aventurar-me por sonoridades menos exploradas até aqui, como tem sido o meu mergulho no mar extenso do rock e metal progressivo para me descobrir confortavelmente por entre temas de 15 minutos com estruturas complexas e heterogéneas e neles me sentir em casa.

E sabem o que me deixa mesmo feliz? É que eu transbordo esta intensidade nas minhas conversas e as pessoas percebem quão a música é importante para mim e elogiam-me esta paixão, mesmo que, por vezes, haja quem não entenda como é possível decorar nomes de bandas e de músicos e de letras e ir ver a mesma banda várias vezes... e a minha contra-argumentação é sempre a mesma: a música que eu ouço sustenta a minha existência (e não estou a recorrer a nenhum recurso estilístico)! Por tudo isto, posso também acrescentar que, dentro da comunidade heavy metal, nunca senti o meu gosto musical ou o meu conhecimento ser posto em causa. Aliás, a minha atitude sempre foi muito assertiva e nunca tive problema algum em dizer honestamente "não conheço essa banda" ou "nunca ouvi esse disco". Assumir o meu desconhecimento nunca foi um sinónimo de humilhação para mim, mas antes uma hipótese para colmatar falhas e crescer. Isto sempre foi válido para todas as esferas da minha vida e, felizmente, fui encontrando, ao longo dos anos, pessoas que tiveram um papel muito importante no alargamento dos meus horizontes musicais.

Feitas as apresentações, queria apenas expressar publicamente o meu gosto e honra por fazer parte desta equipa de gente simpática que partilha comigo a paixão desmesurada pela rockalhada e que tão bem me recebeu! Para além de me lerem por aqui, podem também ouvir-me aos domingos no programa Submundo - uma hora de hard and heavy na rádio 100margens.

Até à próxima!

SUB MUNDO

uma hora de hard and heavy
com Gabriela Teixeira
Domingos 21h

RÁDIO 100 MARGENS

CRÍTICAS VERSUS



A PALE HORSE NAMED DEATH

«Infernum In Terra»

(Long Branch Records/SPV)

Começemos pelo óbvio: o mais recente disco dos A Pale Horse Named Death exigia uma produção melhor. Bem melhor. Assim sendo, «Infernum In Terra», onde novamente o lendário Sal Abruscato dá o máximo na sua imitação de Jerry Cantrell, fica desde logo abaixo do que eventualmente poderia ser. Sejam honestos, no entanto: aquilo que “eventualmente poderia ser” também não seria grande coisa. Nem todos podem revelar-se Alice In Chains, nem Type O Negative, nem mesmo Life of Agony, estes dois últimos os colectivos onde Abruscato conquistou fama, não na guitarra e na voz, mas enquanto baterista. «Infernum In Terra» é – não há como dourar a pílula – aborrecido, ponto final. Encontrar aqui qualidades redentoras afigura-se, pois, tarefa pouco fácil. “Believe in something (You are lost)” não é má de todo; “Two headed snake (Propofol dreams)” apresenta um solo interessante, mas é uma faixa que se arrasta por mais tempo do que seria desejável e o mesmo vale para “Devil’s deed”, com a sua sonoridade danziguiana, que se prolonga por sete minutos que parecem não acabar nunca, sensação máxime em “Cast out from the sky”. Em resumo, se a má produção é o que salta de imediato ao ouvido quando começamos a escutar «Infernum In Terra», ao chegarmos ao seu fim impõe-se o outro grande defeito: este longa duração (sim, pun intended) tem minutos a mais. Se os seus cerca de 55 minutos fossem cortados para metade, não se perderia nada. Paradoxalmente, e por mais estranho que possa parecer, ganhar-se-ia. Posto isto, este lançamento dos A Pale Horse Named Death facilmente cairá no esquecimento.

[5.5/10] HELDER MENDES



ABORTED

«ManiaCult»

(Century Media Records)

É maníaca a forma incisiva com que os belgas Aborted nos continuam a fustigar o ouvido lançamento após lançamento. Espantosamente, em cima do palco, em concerto ao vivo, não perdem firmeza, nem clareza, relativamente ao que apresentam em disco. E a primorosa conclusão é a boa forma em que se encontram e da qual tiram partido para compor este «ManiaCult». Ao longo dos tempos a musicalidade dos Aborted foi evoluindo e neste disco dispõem de todo o tipo de dinâmicas a que nos foram habituando. Há o ambiente mais obscuro, do qual até pode ser um bom exemplo o primeiro tema, em jeito de intro, “Verderf”, o qual dá de imediato lugar ao groove lancinante do tema-título. O death metal mais tecnicista tem a presença bem vincada em temas como “Portal to vacuity” ou “A vulgar quagmire”, que encaixam lado a lado com a toada mais tradicional de “Dementophobia”. Em alguns dos temas é também introduzida uma tonalidade mais dramática com melodias simples baseadas nas guitarras. Há um magnífico trabalho de entrosamento das guitarras que engrandece em muito este álbum. E já que se fala das guitarras não se pode deixar de fora a referência aos solos inseridos a pinças, pois acrescentam sempre algo. Este é um disco muito bom pela espetacularidade das composições. Contudo, para que fosse um marco incontornável, precisava de ter um conjunto de temas inesquecíveis. Tem alguns, mas não em número suficiente.

[8.5/10] EMANUEL RORIZ



BEAST IN BLACK

«Dark Connection»

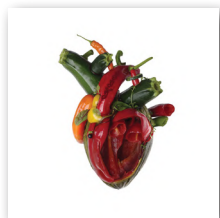
(Nuclear Blast)

A banda de heavy metal de Anton Kabanen, ex- Battle Beast, está de regresso com o terceiro álbum «Dark Connection», editado a 29 de outubro. Os Beast in Black oferecem-nos um disco repleto de temas orelhudos com uma estética visual cyberpunk e letras inspiradas em ficção científica (por exemplo “Blade Runner” é o título do primeiro tema).

Segundo os próprios, este novo álbum reúne as características dos dois anteriores, adicionando-lhe a pujança das guitarras e uma marcante presença de sintetizadores. E de facto, «Dark Connection» é um registo heavy/power melódico, cativante, com refrões que facilmente ficam no ouvido e que dão vontade de cantar com o punho bem erguido. A voz de Yannis Papadopoulos é deveras enérgica e faz lembrar, não poucas vezes, um jovem Rob Halford ou Mark Tornillo (dos Accept). Este é um disco muito homogéneo, onde tanto a voz como todo o instrumental estão sempre ao rubro e é impossível não nos deixarmos levar

pela atmosfera dançável da constante influência synthpop. O álbum termina com duas covers: “Battle hymn” dos Manowar que é muito competente (é inegável que os Beast in Black sabem tocar!) mas não é mais do que isso; e a surpreendente “They don’t care about us” de Michael Jackson onde ficamos a saber que Yannis, após tudo o que mostrou ao longo dos 12 temas, consegue também chegar ao falsete e aproximar-se do timbre do malogrado rei da pop. Assim, e após algumas audições deste disco, fiquei com a certeza que estão aqui músicas que resultarão muito bem ao vivo. Haja quem os traga a Portugal!

[7.5/10] GABRIELA TEIXEIRA



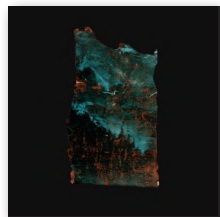
CARCASS

«Torn Arteries»

(Nuclear Blast)

Um novo disco de Carcass é sempre um acontecimento e algo que deixa qualquer metaleiro com água na boca. É verdade que o EP «Despicable» se revelou um acrescento algo dispensável à discografia quase imaculada da banda britânica, cujo ponto de acesso menos positivo dá pelo nome de «Swansong», mas tendo em conta o grande regresso que foi o álbum de 2013, «Surgical Steel», a fasquia perante um novo CD de Carcass terá de estar sempre lá no alto. A pergunta que se impõe então é: «Torn Arteries» corresponde à expectativa? Bem, mais ou menos. Não sendo um mau disco, perde aos pontos quando comparado com o resto do catálogo (exceptuando, lá está, esse desvio chamado «Swansong»...). Há boas faixas? Há pois: “Under the scalpel blade”, “Kelly’s meat emporium”, “The devil rides out”, mas o álbum como um todo acaba por não ser mais do que a soma das suas partes e deixa sempre um travozinho a “mixed feelings” audição após audição. E, sinceramente, propostas como “Wake up and smell the carcass/Caveat emptor” ou “Dance of Ixtab” dão nitidamente a sensação de estarem aqui apenas para “encher”. De autoridades como Jeff Walker e Bill Steer esperava-se um pouquinho mais, embora certamente «Torn Arteries» satisfaça os fãs de Carcass, em especial aqueles que preferem a encarnação mais melódica do influente colectivo. Os mais exigentes, contudo, não deixarão de se sentir ligeiramente desapontados.

[7/10] HELDER MENDES



CULT OF LUNA

«The Long Road North»

(Metal Blade Records)

Começo por dizer que é, uma vez mais, um verdadeiro privilégio poder contemplar um pedaço de arte esculpido pelos suecos Cult of Luna. Assim que se inicia a caminhada pelo tema de abertura, “Cold burn”, são identificados, passo a passo, todos aqueles ingredientes familiares já muito característicos da identidade criada ao longo dos mais de 20 anos de carreira do grupo. A sonoridade ambiental, a densidade das cordas, o marchar da percussão, a voz rasgada e as linhas de melodia sacadas do meio do gélido breu nórdico. É nesta forma que se segue pelo segundo tema, “The silver arc”, num caminho que tanto tem de familiar como de único, até que em “Beyond I” nos cruzamos com uma corrente alternativa, que muito deve à voz de Maria Wallentin. Depois disto, em que já se totalizam cerca de 20 minutos de música, o ouvinte está mais do que lançado na sinuosa jornada que é este «The Long Road North», onde se torna evidente aquele sentimento cinematográfico que os suecos bem sabem como criar. Em perfeita associação com o título do disco, os Cult of Luna levam-nos a percorrer esta estrada, numa expedição em que não se quer ver o final anunciado, tal é o prazer que proporciona. A dinâmica é brilhante, não permitindo que se crie qualquer espécie de tédio entre os temas mais longos. De qualquer das formas, duvido que arranjem motivos de queixa para a sequência composta pelo tema título e por “Blood upon stone”, já bem perto do final do disco. Take this road...

[9.5/10] EMANUEL RORIZ



CYNIC

«Ascension Codes»

(Season of Mist)

Eis que os americanos Cynic estão de regresso com «Ascension Codes», lançado a 26 de novembro. Da banda formada em Miami, no ano de 1987, apenas resta como membro original Paul Masvidal, na voz, guitarra e sintetizador. Este é o primeiro álbum após os falecimentos, ambos em 2020, do baixista Sean Malone e do baterista (e membro fundador) Sean Reinert. A capa de «Ascension Codes» é deveras reveladora da viagem astral que estamos prestes a iniciar assim que carregamos no play e nos entregamos às sonoridades atmosféricas, extremamente melodiosas e que nos transportam para um espaço onde as vocalizações, ora limpas, ora

robotizadas, de Masvidal eclodem por entre uma fusão de géneros e influências marcadamente jazzísticas e progressivas, que nos remetem para os anos 70. Esta viagem espacial faz-se de interlúdios de pouco mais de 30 segundos, seguidos de temas mais prolongados e complexos, ao longo das 18 músicas que perfazem o álbum. Destas, gostaria de destacar o single “Mythical serpents” por ser uma viagem dentro da viagem mais ampla que o disco nos propõe; “6th dimensional archetype” pelo facto de se enquadrar mais na sonoridade metal; “Architects of consciousness” que é um momento que tem tanto de deambulação progressiva como de melodia e “Aurora” e “In a multiverse where atoms sing” por serem temas mais pesados, onde um certo caos instrumental termina sempre de forma suave, como se de uma segura aterragem se tratasse, após um voo turbulento, que nos permite acalmar o ritmo cardíaco. Este não será um álbum para todos, mas será seguramente uma bela companhia para os que se aventuram em viagens mais experimentais. E a mim, que gosto tanto de viajar sem sair do lugar, conquistou-me!

[8/10] GABRIELA TEIXEIRA



DOEDSVANGR

«Serpents Ov Old»

(Debemur Morti Productions)

O segundo trabalho dos Doedsvangr é a continuação mais natural que se poderia prever do álbum de estreia «Satans ov Suns». É mais intenso e brutal, mas, no que toca a sonoridade e estilo de composição, continua limitado a um punhado de influências que se contam entre as mais consagradas da segunda vaga do black metal nórdico.

O que, desde logo, pode parecer um tanto inesperado para um projecto que reúne músicos prolíficos já envolvidos em várias outras bandas: o vocalista Doedsadmiral (Nordjevel), cujo registo vomitado soa como uma mistura profana entre Mortuus e Ihsahn, o baterista AntiChristian (Grimfist), o baixista Shatraug (Horna, ex-Behexen) e o guitarrista BST (ex-Asooth). Por que raio um grupo de artistas com currículos tão extensos no black metal formaria mais uma banda para tocar... black metal relativamente padronizado, é algo que ultrapassa a minha compreensão. Mas não me interpretem mal: «Serpents ov Old» alinha um conjunto de negros hinos, elaborados e executados com a maturidade e a proficiência que se esperaria de um grupo deste calibre. É impossível ficar indiferente à explosão implacável da Mardukiana faixa-título, à linha épica de guitarra que salta no meio da groovy “As the rivers bleed their blessings” ou ao venenoso riff principal de “Flagelist”. A fantástica cavalgada rítmica de “Imperialis” e as mudanças de velocidade sentidas em “Black dragon phoenix” (ambas envolvendo a contribuição de Vicotnik, dos Dødheimsgard) também não passam despercebidas. No entanto, com a possível excepção de “Poisonous tides”, tudo isto parece muito próximo do que ouvimos já no género. Não sendo um álbum mau, fica definitivamente abaixo das expectativas.

[6.5/10] ERNESTO MARTINS



EIGHT BELLS

«Legacy of Ruin»

(Prophecy Productions)

Nascidos das cinzas dos Subarachnoid Space, em 2010, pelas mãos da guitarrista Melynda Jackson, os Eight Bells começaram por explorar uma abordagem muito própria de stoner psicadélico («The Captain's Daughter», 2013) progredindo rapidamente para um estilo centrado num doom de contornos atmosféricos que se funde com elementos diversos que vão desde algum rock dos 70s (e.g. Genesis) até influências de Ulver e

mesmo Enslaved mais recente. É mais ou menos isso que podem esperar deste terceiro longa duração do trio norte-americano, que, além de Jackson, integra agora dois novos músicos: o baterista Brian Burke e o baixista Matt Solis que desempenha aqui um papel preponderante na sonoridade geral. Além da estética transversal acima referida este novo trabalho distingue-se ainda por outro aspecto único: as belas vozes femininas (a principal é de Jackson), entoadas por vezes em harmonia com registos masculinos, que surgem numa espécie de oratória que confere à música um misticismo muito sui generis. Só isto é uma lufada de ar fresco. Embora se baseie num doom etéreo e contemplativo, «Legacy of Ruin» está também povoado de incursões por outros géneros, nomeadamente no black metal, como é desde logo evidente nas tiradas rápidas e nos vocais demoníacos presentes em “Destroyer” e mais intensamente ainda em “The Crone”. E é provavelmente nesta fusão criativa e equilibrada de estilos e influências que reside a magia patente nos seis temas aqui em oferta. «Legacy of Ruin» é diferente de tudo o que ouvi até hoje - o trabalho mais apurado e original de sempre a sair da mente de Melynda Jackson. Imperdível!

[9/10] ERNESTO MARTINS



EPICA

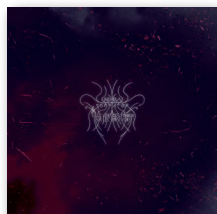
«Omega Alive»

(Nuclear Blast)

Foram 17 meses sem subir a um palco. Este hiato provocado pela situação pandémica, que anulou também qualquer possibilidade de promoção do disco «Omega», terá encurralado os Epica num beco de onde só poderiam sair com uma explosão de criatividade. O escape foi encontrado na preparação e concretização deste espectáculo,

que após ter sido transmitido em streaming para todo o mundo, vê-se agora editado em formato físico - áudio e vídeo. Será nas edições em DVD/Blu-Ray que se tomará consciência da magnitude do empenho neste projecto e onde será possível testemunhar toda a arte criada, neste momento em que estiveram envolvidos mais de 75 artistas. Mas, como é sobre a versão áudio que aqui me debruço, seguimos em direcção à música. Nesta temática dos registos ao vivo acaba por ser fulcral que se avalie de imediato a qualidade da captação/gravação. Tendo este espectáculo sido planeado com elevado detalhe, não deveria haver espaço para desculpas e de facto não há qualquer necessidade disso. A execução dos músicos é exímia, com todos os elementos presentes de forma bem clara. Do estilo “disco ao vivo” falta o calor da emoção do público, que de facto não existiu e ficamos então com um registo ao nível daquilo que se faz em estúdio, mas com um sentimento bastante orgânico que só torna as canções do alinhamento ainda mais saborosas do que aquilo que lhes conhecemos. Sejam verdadeiros fãs ou curiosos sobre a música dos Epica, encontrarão aqui 1 hora e 40 minutos de música que merece ser apreciada ao nível do detalhe.

[8.5/10] EMANUEL RORIZ



ERGHOLAE SOMPTATOR

«Mille Vertiges Fondent sur les mes Vides»

(code666)

É provável que não se recordem mais deste estranho nome, Ergholae Somptator – possivelmente derivado de vocábulos do antigo occitano – assim que chegarem ao fim desta crítica, mas duvido que esqueçam facilmente a música contida no disco se forem apreciadores de black metal condimentado com doses generosas e criativas de thrash.

Mais concretamente, o que temos aqui é black metal de última geração, de sonoridade bem crua e gelada, rico em descargas furiosas de blast-beats acompanhadas dos característicos vocais tortuosos, mas com um estilo de composição acutilante que se expande muito para além da cartilha do género. Não se deixem enganar pelo tema de abertura, “La mort bientôt jouit”, que não revela logo a personalidade multifacetada deste talentoso dueto gaulês (originário da região dos Pirinéus e constituído por Jérôme Bouquet – bateria e voz – e Léo Louis-Honoré – guitarra e voz) em todo o seu esplendor. O material verdadeiramente sumarento vem a seguir no festim de riffs apelativos de “Les infectes salives”, nas passagens dissonantes e angulares e no diálogo entre guitarra e baixo de “Mille vertiges”, nos acordes desconcertantes em staccato de “La difformité des étoiles sombres” e na marcha fúnebre seguida de pára-arranca frenético de “Tique mon amour”. É verdade que a banda já tinha dado mostras do seu potencial criativo em 2020 através do obscuro álbum de estreia «Eau Ardente», mas aqui a composição surge mais apurada e focada num resultado final coerente, beneficiando ainda da produção irrepreensível de Olivier Molina, que lhe faz toda a justiça. Nunca um álbum extremo foi tão fácil de ouvir.

[8/10] ERNESTO MARTINS



EXTREME COLD WINTER

«World Exit»

(Hammerheart Records)

Ainda há por aí apreciadores de death/doom à moda dos anos 90 do passado século?!

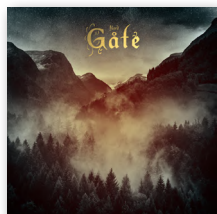
Se sim, «World Exit», o primeiro longa-duração dos holandeses Extreme Cold Winter (doravante, ECW), é um disco a ter em conta, confirmando a boa impressão que o EP «Paradise Ends Here» havia deixado. No geral, o ambiente de «World Exit» é menos

denso e pesado comparativamente ao do citado EP, fruto também de uma produção mais

polida (o que, tratando-se de death/doom, se lamenta), mas o sentimento de desolação e a sonoridade arrastada mantêm-se, e isto é o que se exige a uma proposta doomica. Pegando nos clássicos do género (Paradise Lost, My Dying Bride por alturas do «Turn Loose the Swans», enfim, o bê-á-bá do estilo...) e em encarnações um tudo nada mais recentes, é dizer, Mourning Beloveth ou Officium Triste – estes últimos são ainda responsáveis por “fornecer” a garganta de Pim Blankenstein aos ECW –, não olvidando influências mais tradicionais (“Animals in wintertime” e “Cursed like cain”, é ao que soariam uns Candlemass com

vocalizações death metal), os ECW conseguem, via da força imprimida às guitarras, cortesia de A. J. van Drenth, soar cativantes, mesmo que a dado momento se instaure algum tédio. Enfim, é death/doom com quase uma hora de duração, portanto esta informação nada surpreende. Espantosamente, a música onde esse sentimento de monotonia mais se instala é em “Permafrost entombment”, a faixa menos longa de «World Exit»; as restantes têm sempre algo que capta a atenção, seja um riff, seja um solo, seja uma linha melódica a dizer “presente”. E presente tem também de estar este disco na colecção dos fãs do género. Recomendado.

[7.5/10] HELDER MENDES



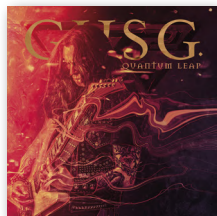
GÅTE

«Nord»

(Indie Recordings)

Os noruegueses Gåte estão de regresso aos registos discográficos. A banda dos irmãos Sveinung Sundli (violinos e percussão) e Grunnhild (maravilhosa voz), Magnus Børmark, Even Schärer e Mats Paulsen na guitarra, bateria e baixo respectivamente e que mistura folk com rock progressivo, formou-se no ano 2000 e rapidamente alcançou sucesso em toda a Escandinávia. Até 2006 foram muito activos, mas entraram em hiato e Grunnhild seguiu uma carreira a solo. Em 2017 voltaram a reunir-se e «Nord» é já o segundo álbum editado. O repertório da banda varia entre temas originais e musicais tradicionais aos quais dão uma nova roupagem mas cantando sempre nos seus dialectos. «Nord» é um disco acústico e pagão na sua essência musical porque todo ele assenta numa cadência hipnótica onde o cruzamento entre os instrumentos de cordas e percussão e as deambulações da voz de Grunnhild nos remetem para o imaginário gélido e longínquo que a capa do disco nos suscita. Como não entendo a língua, também a voz acaba por se transformar num instrumento que se funde com os restantes, especialmente nos momentos de maior êxtase, o que acaba por envolver a experiência auditiva numa espécie de transe. O disco termina com temas mais melancólicos e “Sjåaren” mais parece uma canção de embalar que contrasta com os temas iniciais como “Svik” que começa logo com um grito de guerreiro ou “Rideboll og gullborg” que mostra a capacidade de Grunnhild chegar aos agudos. Para mim, «Nord» figura entre os mais belos registos que 2021 nos trouxe!

[8.5/10] GABRIELA TEIXEIRA



GUS G.

«Quantum Leap»

(AFM Records)

«Quantum Leap» marca o regresso de Gus G. (Firewind, ex-Nightrage, ex-Ozzy Osbourne...) ao seu projecto a solo, desta vez com um álbum inteiramente instrumental, que é, na verdade, o primeiro deste género assinado pelo guitarrista de origem grega, se descontarmos o imodestamente intitulado «Guitar Master», apadrinhado pelo lendário David T. Chastain (que até participou ele próprio no baixo), que não foi mais do que uma primeira experiência muito despretenhosa e com um espírito quase de jam blues/rock'n'roll. Ao contrário desse primeiro álbum de 2001, «Quantum Leap» é o típico disco de um guitar hero, feito à laia das grandes obras do género que expoentes como Tony Macalpine ou Vinnie Moore gravaram no final do século passado. E estes não são nomes escolhidos à toa já que a sua influência neoclássica e progressiva, particularmente a de Macalpine, se faz notar em várias passagens deste disco, por exemplo na faixa de abertura “Into the unknown” e mais ainda em “Judgement day”. Já a balada bluesy “Enigma of life” é toda ela remanescente da guitarra de Satriani. Ah, e o tema final, “Force majeure”, tem mesmo a colaboração do próprio Vinnie Moore. Sem admiração, alguns números carregam um cunho power metal que não se estranha em Gus G. (e.g. “Fierce”, “Demon storm”) e no geral todas as composições são relativamente compactas e directas na exposição dos motivos melódicos fortemente apelativos que lhes são centrais. Gravado com a ajuda de Jan-Vincent Velazco (bateria) e Dennis Ward (baixo), «Quantum Leap» é, ao mesmo tempo, uma delícia para os ouvidos de quem aprecia a mestria de um executante do calibre de Gus G. e uma vénia aos grandes lançamentos da histórica Shrapnel Records.

[8/10] ERNESTO MARTINS



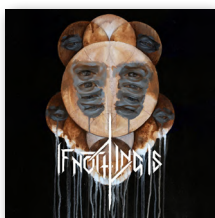
HANGING GARDEN

«Skeleton Lake»

(Lifeforce Records)

“No more Toni Toivonen... Please welcome Toni Hatakka! And congratulations to Toni & Riikka”... e o primeiro “filho legítimo” nasceu... o sétimo álbum dos finlandeses Hanging Garden. Um pouco à semelhança de outras bandas de Melodic Doom/Death Metal como, por exemplo, Draconian ou Swallow the Sun, «Skeleton Lake» apresenta-nos nove temas com um contraste vocal, entre a suavidade, melodia e melancolia da voz de Riikka e os vocais guturais do Toni (apesar de também ter registos melódicos), e, pontualmente, complementados com a voz do Jussi Hämäläinen. Ainda que Riikka já tenha participação no passado em alguns temas da banda, considero este o aspecto mais vincado e diferenciado relativamente aos álbuns anteriores, empurrando a banda para uma sonoridade mais Doom e até Gótica. Destaco o primeiro tema, “Kuura”, o quarto, “Winter’s kiss”, o único onde o Toni canta sozinho, e o oitavo, “Field of reeds”. O sexto tema, “Tunturi” é cantado em finlandês. Este álbum destina-se aos apreciadores de ambientes sonoros melancólicos e gélidos de inverno...

[7.5/10] JOAO PAULO MADALENO



IF NOTHING IS

«If Nothing Is»

(Dark Essence Records)

O metal dito avant-garde move-se frequentemente naquela fronteira escorregadia que separa a música genial da mais completa cacofonia, sendo exactamente esta a primeira sensação que o álbum de estreia dos noruegueses If Nothing Is suscita: uma miscelânea selvagem e pouco coerente de thrash técnico, death e black metal, com uma composição incrivelmente fora da caixa capaz de nos deixar a cabeça às voltas. Sem surpresas, trata-se de um projecto encabeçado por Lars Emil Måløy, baixista dos ultra-vanguardistas Dødheimsgard, que contou aqui com a colaboração do colega Vicotnik nos teclados. O disco saiu originalmente em 2015, apenas em plataformas digitais, sendo agora objecto de um merecido remake com nova arte de capa e tudo. Além dos abanões extremos que nos chegam através de intrincadas malhas rítmicas cheias de curvas e contra-curvas, «If Nothing Is» inclui também momentos demencialmente melódicos, bem como laivos de rock progressivo dos anos 70 misturados com elementos jazz (“Juvenihil” e “Postapo Calypso”) e mesmo sublimes passagens acústicas (“Intermezzanine”). A guitarra, sempre criativa, e as loucas marcações de tempo da bateria são qualidades incontornáveis que tornam esta audição verdadeiramente desafiante. Alguns temas parecem, no entanto, caóticos demais para prender a atenção do ouvinte durante os seus longos minutos (mais de oito em metade deles), sendo que este grau de exigência tende a tornar o disco um pouco cansativo, mesmo para quem tolera complexidades. Apesar disto, «If Nothing Is» não deixar de ser um trabalho marcante e de qualidade assinalável, que se recomenda a quem procura algo mais refrescante e excêntrico.

[7/10] ERNESTO MARTINS



IMMOLATION

«Acts of God»

(Nuclear Blast)

Ilustres resistentes da primeira vaga de death metal norte-americano e companheiros de luta de colossos da mesma casta como Incantation, Malevolent Creation e Cannibal Corpse, os Immolation têm-se pautado por uma produção discográfica de constante qualidade que, a par dum estilo muito próprio, continua a assegurar-lhes uma relevância artística inquestionável, mesmo ao cabo de três décadas e apesar da feroz concorrência criada pelos novos talentos que têm proliferado nos últimos anos. Quem conhece o percurso da banda Nova Iorque decerto que não ficará surpreendido por saber que este novo álbum não é muito diferente do brilhante «Atonement», o registo anterior lançado em 2017, no sentido em que se rege pela habitual assinatura sónica cataclísmica de base (que se identifica logo às primeiras notas, mesmo antes da entrada em cena do rugido abissal de Ross Dolan) junto com uma dose refrescante de novas ideias. Como sempre, a música do colectivo contém muito mais substância do que a redutora categorização de brutal death metal costuma sugerir: momentos mid-paced cheios de groove, segmentos lentos e pontuados, mais melodia (possivelmente graças à participação do guitarrista Alex Bouks), transições bem colocadas e um complexo trabalho rítmico aprimorado pelo baterista Steve Shalaty. Composto ao longo dos últimos cinco anos sob a batuta cuidadosa de Bob Vigna, «Acts of God» é o disco mais longo de sempre dos Immolation, mas onde em cada um dos 15 temas em oferta se vai descobrindo sempre algo de interessante que nos faz voltar lá uma e outra vez. Um trabalho generosamente inspirado que não prescindiu, claro, da produção do eterno Paul Orofino para lhe dar o toque sombrio final.

[8.5/10] ERNESTO MARTINS



KOSMODOME

«Kosmodome»

(Karisma Records)

Malta do stoner, do psicadélico e prog rock ponham os ouvidos nestes noruegueses! Este é o álbum de estreia da banda liderada pelos manos Sandvik - Sturle na voz e guitarra e Severin na bateria - e, a julgar pelo resultado final, merecem ser seguidos com atenção. Tanto a capa como o intro de «Kosmodome» anunciam de forma bem directa que com este álbum vamos viajar por um universo espacial e curtir longos temas, onde riffs pesados andam de mãos dadas com partes mais melódicas e linhas de baixo fortíssimas. O álbum é bastante coeso e as músicas quase se encaixam umas nas outras de forma suave, à excepção de “Waver I” que irrompe com uma guitarra bem pesadona e remete-me de imediato para Queens of the Stone Age. Esta é a música mais pesada, mais rápida e mais stoner do disco. Até aí os temas são mais progressivos, mais oscilantes entre atmosferas e “Deadbeat” é, para mim, a melhor música deste álbum. Tem um flow brutal, uma vibe funk, o timbre e a forma relaxada de Sturle cantar... tudo encaixa tão bem! Já a penúltima “The 1%” captou-me a atenção pela letra interventiva sobre o futuro do nosso planeta e para terminar a viagem temos quase 9 minutos de “Orbit” onde se cruzam influências jazz, funk, psicadélicas, progressivas (que estiveram presentes em todo o disco)... e o prazer é todo nosso! No geral, não há aqui nada de novo, tanto que o que os Kosmodome nos apresentam neste disco é tão bem tocado é tão boa onda que nem damos pelo tempo passar. E sabem onde é que eles assentavam como uma luva? No cartaz do próximo Sonicblast! :)

[8.5/10] GABRIELA TEIXEIRA



MAYHEM

«Atavistic Black Disorder/Kommando»

(Century Media Records)

Sempre que o nome Mayhem surge em cena é devido que se pare e olhe, pois no mínimo poderemos ser atropelados, se não o fizermos, assim que a música do colectivo norueguês embata nos nossos tímpanos. Ainda para mais, este EP, não apresenta um formato propriamente normal...Ao todo, os Mayhem atiram-nos com 7 faixas, sendo as três primeiras uma espécie de “sobras”, do último disco «Daemon», se é que assim se podem chamar, sem que tenhamos o Necrobutcher a olhar-nos daquela forma fulminante. Bem que poderiam estar presentes no referido disco, pela atmosfera que carregam e pelo nível de criatividade que mantém a fasquia elevada. Depois de “Everlasting dying flame” tudo muda, menos a atitude. A veia punk vem ao de cima e com ela quatro covers espetacularmente bem registadas. Discharge, Dead Kennedys, Rudimentary Peni e Ramones são aqui os homenageados. De repente aterramos noutra disco e é essa insanidade que poderá fazer com que não desliguem até ao final de “Commando”. Da escuridão passa-se aos refrões cantaroláveis e a um groove que provocará uma maior agitação em nós. Este trabalho serve para lembrar que os Mayhem continuam por cá, activos, escondidos por entre as sombras, à espreita. A qualquer momento nos podem surpreender com nova música ou com um EP de duas facetas, com as quais será bem bom dar de caras. Os fãs de música extrema merecem este pequeno, mas delicioso abalo.

[8.5/10] EMANUEL RORIZ



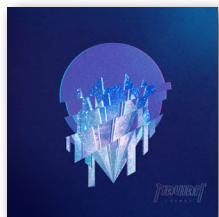
MORTE INCANDESCENTE

«Vala Comum»

(Signal Rex)

Que valente pontapé no cu é este «Vala Comum», o primeiro trabalho que os Morte Incandescente lançam pela Signal Rex e que apanha o duo Vulturius e Nocturnus Horrendus numa forma bestial. Tirando “Interlúdio”, que é isso mesmo, os dez bocados de podridão aqui apresentados constituem uma tarefa que poucas bandas de black metal são capazes de provocar. As batidas por minuto estão aceleradas no ponto certo, a produção não poderia ser mais adequada à proposta nihilista e (auto)destrutiva dos Morte Incandescente, e as faixas, perdoe-se a insistência, são francamente boas e impactantes. «Vala Comum» é um grande disco de black metal sujo, rápido, agressivo e muito, muito viciante; em jeito de contradição, quando ouvimos o apelo de “Quero o fim, o fim, agora”, no final de “Planeta parasita”, a derradeira música deste álbum, a vontade que dá é mesmo voltar ao início e escutar de novo esta pancadaria desde a inicial e excelente “Instalação humana”. A raiva que sai de músicas como “A ceia dos vermes”, “Anula-te” (ui, que estoíro!), “Cerra os dentes” ou “O uivo da noite” é contagiante e reveladora do talento da dupla. Claramente um dos candidatos a disco do ano quando se fizer o balanço aqui da Portugalândia e muito provavelmente o melhor álbum da carreira dos Morte Incandescente.

[8.5/10] HELDER MENDES



NAVIAN

«Cosmos»

(Indie Recordings)

Depois dum fantástico EP de estreia publicado há cerca de três anos (e gabado nestas páginas), o primeiro longa duração dos Navian tornou-se um dos álbuns mais aguardados. Chegou finalmente, e o veredicto é que... não desilude. Com quase quarenta minutos de música, mais um vez inteiramente instrumental, «Cosmos» apresenta oito novas paisagens sonoras de rock/metal progressivo, centradas nas ambiências de sintetizadores e nas melodias geniais e ganchos irresistíveis de guitarra que Martin Selen vai desenhando sobre a sólida e não menos criativa malha rítmica mantida pela bateria de Ola Donnem e pelo baixo de Alexander Espeth. Contudo, «Cosmos» não é um disco de assimilação tão imediata como foi o tal EP, «Reset», de 2019. Claramente este trio de jovens nerds originários da Noruega, evoluiu entretanto para outro patamar de maturidade e sofisticação, o que é desde logo revelado no experimental e contido tema de abertura, «Luna», e depois na vibe deliciosamente jazzy de «Ghost stories» e no introspectivo «Silver lining» cujo climax nos remete vagamente para os grandes guitar heros do Metal. «Apricity» tem uma daquelas melodias de notas alongadas de encher a sala, ao passo que «Temple» e «Breeze» já recuperam o espírito mais directo e flashy do primeiro trabalho. «Duchess» volta a apanhar-nos desprevenidos pela sonoridade electrónica e atmosférica que projecta no início, brindando-nos ainda com o exuberante contributo de Mats Haugen, guitarrista convidado dos compatriotas Circus Maximus. Intenso e muito variado, «Cosmos» é um daqueles discos inspiradores com o poder de vos fazer lançar mão na velha air-guitar e acompanhar a banda como se não houvesse amanhã.

[8.5/10] ERNESTO MARTINS



NOLTEM

«Illusions in the Wake»

(Transcending Obscurity Records)

Definitivamente esta é a estreia mais impressionante que encontrei este ano. A banda norte-americana em questão não é nova, contando quase duas décadas desde que foi fundada pelo guitarrista e teclista Max Johnson, que, finalmente, juntou os músicos necessários para criar esta belo trabalho de death/black metal atmosférico. «Illusions in the Wake» funde, com maturidade e profundidade emocional, todos os elementos que se revelaram sine qua non no sucesso de alguns dos melhores discos habitualmente identificados com o referido estilo híbrido. É verdade que não contém virtualmente nada de novo. Mas também o que é que isso importa quando se é presenteado com uma composição elegante e tão elevado nível de musicalidade? Todos os temas incluem riffs incrivelmente viciantes e fantásticas linhas melódicas de guitarra que se harmonizam perfeitamente com as ocasionais explosões de raiva. As camadas de teclados criam uma atmosfera lúgubre que é realçada pela voz angustiante de John Kerr, responsável também pela brilhante malha de percussão. Aqui e ali encontram-se referências a Agalloch, ponteiros para Vintersorg, uma grande vénia aos Opeth, particularmente inconfundível na impressionante secção final de «Ruse» e ainda influências marcadas do trabalho de Dan Swano (talvez com os Witherscape) na principal melodia de guitarra que conduz «On shores of glass», o fantástico instrumental de encerramento. Mas não se deixem enganar pelas influências óbvias pois não correspondem a uma repetição de ideias e, francamente, álbuns atraentes como este não aparecem com frequência. Uma banda extremamente promissora para manter sob o radar.

[8.5/10] ERNESTO MARTINS



OPERA DIABOLICUS

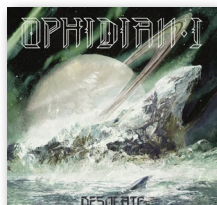
«Death On A Pale Horse»

(Season of Mist)

Duas notas muito breves sobre este segundo álbum dos suecos Opera Diabolicus: 1, é sempre um prazer ouvir a magnífica voz de Mats Léven, um dos melhores vocalistas que a cena hard n'heavy produziu e senhor de uma carreira longa e de grande qualidade, com passagens, entre outros, pelos Candlemass, Therion ou Krux; 2, se todos os lançamentos de características góticas, sinfónicas e operáticas tivessem a categoria deste «Death On A Pale Horse» estaríamos, fãs de música em geral e de metal em particular, muito bem servidos e andaríamos por aí de sorrisos rasgados. Não há aqui lugar para a piroseira (o mais aproximado disso é «Little sister») nem para a fanfarronice insípida: as guitarras e os teclados – grande prestação de David Grimoire – estão aqui para servir as canções e não para se exibirem. E que canções temos aqui nesta hora de duração

de «Death On A Pale Horse»! Como “Night tempo”, uma boa peça uptempo de horror metal, ou “Second coming”, um épico de quase 10 minutos cheio de reviravoltas e no qual brilham as vozes de Léven e de Madeleine Liljestam, além de contar com a colaboração de nada mais nada menos do que Andy LaRocque; aliás, diga-se que as colaborações não são meros “vanity cards” e sim contribuições efectivas que ajudam o álbum, daí que destacar esta ou aquela canção num conjunto que vale pelo seu todo seja contraproducente. «Death On A Pale Horse» é um trabalho majestoso, dos melhores deste final de 2021 e merece contínua rotação.

[8.5/10] HELDER MENDES



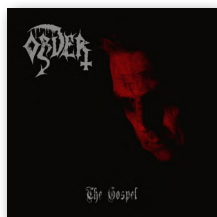
OPHIDIAN I

«Desolate»

(Season of Mist)

Esta banda islandesa de Reiquiavique que vagueia pelo Technical Death Metal, passados nove anos do lançamento do álbum de estreia, (finalmente) está de volta com este poderoso e destrutivo registo. Ainda que este álbum tenha sido produzido pelo seu guitarrista Daniel Máni Konráðsson, a realização de mistura e masterização do álbum, teve a contribuição do guitarrista canadiano Chris Donaldson no seu estúdio The Grid. Sob a bateria “rolo-compressor” de Ragnar Sverrisson, com um ritmo alucinante, intenso e feroz, que reflecte uma espécie de caos, emergem contraditórias harmonias, pela sua complexidade, suavidade e beleza que nos podem apanhar desprevenidos. É perceptível que há uma procura incessante de testar os limites do extremo, sem descurar a composição e os arranjos, onde se destacam os riffs e solos de guitarra do Daniel Máni Konráðsson audíveis em, por exemplo, “Storm aglow” e “Sequential descent”. «Desolate» é um álbum impressionante e contraria-se a si próprio, pelo que não ficará desolado após ouvi-lo.

[7.5/10] JOAO PAULO MADALENO



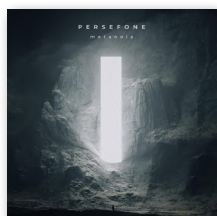
ORDER

«The Gospel»

(Listenable Records)

Quem são os Order? Os principais elementos da banda pertencem também aos Cadaver e Mayhem, bandas que estiveram, respectivamente, na génese do Death Metal norueguês e na origem do Black Metal. Infelizmente, um dos elementos fundadores dos Order, René Jansen, faleceu de cancro em finais de 2014, ainda numa fase embrionária da banda. Após, ao guitarrista Anders Odden foi-lhe diagnosticado um cancro severo, mas recentemente conseguiu ultrapassar a doença. Passada toda esta turbulência, finalmente, a banda agarrou o seu destino e avançou para a composição efectiva do seu segundo álbum. A abertura «The Gospel» parece ocorrer numa casa assombrada através de uma melodia tenebrosa e enigmática de um velho piano. Depois prossegue um evangelho de ambientes musicais crus, de ritmos pesados e sonoridades rudes que reflectem sofrimento e dor. É um álbum muito consistente e torna-se difícil indicar um tema que se saliente dos restantes, no entanto, dependendo do meu estado de espírito do momento, gosto particularmente de “Decend” e “Lust” (sétimo e oitavo temas, respectivamente). No final, regressa o piano para fechar o álbum e assombrar-nos o resto da nossa vida.

[8/10] JOAO PAULO MADALENO



PERSEFONE

«Metanoia»

(Napalm Records)

Cinco anos após o lançamento de «Aathma», eis «Metanoia», o sexto álbum conceptual desta banda de Andorra, de death metal melódico e progressivo. Esta nova jornada espiritual da banda, dividida em 10 capítulos, deve ser ouvida do princípio ao fim, para se perceber na totalidade o enquadramento e interligação entre cada tema. Também tem a particularidade de que cada tema pode ser ouvido isoladamente, sem pôr em causa a sua existência e compreensão. A banda tem, novamente, vários convidados especiais: Einar Solberg (vocalista dos Leprous) no tema de abertura; a cantora Merethe Soltvedt e os guitarristas Steffen Kummerer (Obscura) e Angel Vivaldi em “Anabasis Pt.2”. Em termos de produção do álbum, reuniram elementos de peso. Os produtores Jens Bogren (At the Gates), Logan Mader (Gojira) e Jacob Hansen (Epica). A mistura ficou a cargo de David Castillo que já trabalhou com Leprous, Soen e Opeth. E Tony Lindgren (Enslaved,

Ihsahn, Sepultura) tratou da masterização do álbum. O álbum apresenta uma dinâmica infernal e uma riqueza instrumental e rítmica fenomenal e poderosa. A contribuição de cada elemento é essencial e não foi feita ao acaso. Há total complementaridade entre todos os elementos, não sendo possível destacar um. A voz límpida do Miguel Ortiz é mais relevante do que em trabalhos anteriores, e as vocalizações guturais do Marc Pia estão melhor enquadradas com o restante ambiente musical. A bateria, muito dinâmica, é a base para que as restantes harmonias possa evoluir em cadências, progressões e silêncios, sem perder o sentido. Obrigatório ouvi-lo.

[10/10] JOAO PAULO MADALENO



PROSCRIPTOR MCGOVERN'S APSU

s/t

(Agonia Records)

Este foi um dos mais inesperados lançamentos de 2021. A banda em questão, não sendo os Absu, são uma espécie de segunda encarnação desse lendário bastião do black metal norte-americano, que por motivos de força maior – leia-se, perda legal do direito de envergar a designação original –, se apresenta agora com o nome do seu mentor de sempre: Proscriptor

McGovern, 'nom de guerre' do célebre multi-instrumentista Russley Givens. Detentor de um respeitável legado de gravações que inclui alguns discos históricos, McGovern partiu para este novo projecto obviamente com a fasquia das expectativas muito lá em cima, rodeando-se, talvez por isso mesmo, de músicos com créditos irrepreensíveis como o virtuoso das seis cordas dos Possessed, Vaggreaz (Daniel Gonzalez), o baixista Ezezu, que integrou as hostes dos Absu desde 2008, e o grego Archon Vorskaath, dos Zemial e Agatus, que aqui desempenha funções de teclista. E não se ficou por aqui: o álbum inclui ainda contribuições de convidados ilustres como Rune Eriksen (ex-Mayhem, Vltimas), Ross the Boss (ex-Manowar) e Alex Colin-Tocquaine dos franceses Aggressor. O que resultou foi um trabalho ostensivamente Absu, fiel à fórmula incendiária de black-o-thrash speedado que sempre pautou a sonoridade da extinta banda, com o estridente registo de McGovern caracteristicamente pontuado em sincronismo com a percussão, a expelir imprecações virulentas, desta vez sobre Magia Telémica e Ontologia Fractal (?), a um pace devastador durante quase toda a duração do disco. O que faltou foi um pouco mais de criatividade, nomeadamente o engenho e a inspiração patentes em trabalhos como «Absu» e «Tara». Ficamos pois a aguardar por melhores dias destes que são agora os legítimos herdeiros do “Mythological Occult Metal”.

[6/10] ERNESTO MARTINS



RUNNING WILD

«Blood on Blood»

(Steamhammer/SPV)

Os germânicos Running Wild, precursores do pirate metal, lançaram no passado mês de outubro o 17º álbum da sua já extensa carreira. Da formação de 1976 só se mantém firmemente na banda o guitarrista e vocalista “Rock N’ Rolf” Kasperek, cuja inconfundível voz mantém uma enorme vivacidade, apesar dos seus respeitosos 60 anos. «Blood on Blood» tem um travo nostálgico que

cristaliza a sonoridade ali dos finais dos anos 80, onde guitarra e bateria (a cargo de Michael Wolpers) se destacam de forma preponderante. O álbum abre com o tema-título e um riff que nos põe de imediato a fazer air guitar (e isso é tão bom sinal!). E temos pela frente 55 minutos de heavy/power bem speedado. Até à faixa 6 (“Crossing the blades”), o ritmo é sempre acelerado e o tema “Say your prayers” é super catchy e merece ser cantado em uníssono em futuras actuações ao vivo. A balada “One night, one day” “pede” que se acendam os isqueiros enquanto se vibra com os solos da guitarra numa espécie de oração carregada de esperança. O speed volta a tomar conta do ambiente até chegarmos ao hino mais heavy “Wild, wild nights” e, por fim, o álbum termina com “The iron times” que dura 10 minutos e meio mas nem damos pelo tempo passar. Na sua génese, «Blood on Blood» é um álbum bem conseguido, muito mais inspirado do que os seus antecessores e, como tal, merecedor da nossa atenção!

[7/10] GABRIELA TEIXEIRA



SARKE

«Allsighr»

(Soulseller Records)

Apesar do background black metal de todos os músicos envolvidos, este é um disco muito mainstream. Heavy metal levemente thrashy e groovy com um toque sombrio é a descrição mais curta que se pode fazer deste sétimo álbum de originais dos Sarke, coletivo norueguês criado em 2008 pelo homónimo membro fundador dos Tulus, que inclui nas suas hostes Nocturno Culto

dos Darkthrone, Steinar Gundersen dos lendários Spiral Architect e Cato Bekkevold que passou pelos Enslaved e Sirius. Com evidentes reminiscências do hard rock seminal dos anos 70, «Allsighr» pode não soar tão aventureiro como «Viige Urh» de 2017, mas é claramente mais conseguido que «Gastverso», o álbum anterior. Com excepção

da enérgica faixa de abertura, “Bleak reflections”, (com guitarras e teclas de inspiração Enslaved), todos os temas fluem num ritmo mais contido, seguindo de perto estruturas rock padrão, apoiadas em riffs simples e directos, mas com voltas e reviravoltas rítmicas, floreios de teclados e solos de guitarra em quantidade suficiente para tornar a audição sempre chamativa. Destacam-se a grotesca e Celtic Frostiana faixa-título e a trip fria ao estilo Satyricon que é “Glacial casket”, ambas a combinar particularmente bem com as recitações de Nocturno Culto que soa como um Tom Warrior ainda mais rouco. Apesar da composição ser tão madura quanto se pode esperar de semelhante constelação de músicos experientes, a música inclui também uma quantidade apreciável de construções genéricas e riffs corriqueiros, mas nada que estrague a festa a quem gosta de bom heavy metal com um toque sombrio.

[7.5/10] ERNESTO MARTINS



SO HIDEOUS

«None But a Pure Heart Can Sing»

(Silent Pendulum Records)

Na já longínqua VERSUS #37 chamei aqui a atenção para a originalidade invulgar de «Laurestine», o álbum de 2015 dos So Hideous que, apesar de ser já um trabalho fortemente instrumental, foi ainda objecto de um remake 100% orquestral - sem as sonoridades eléctricas e percussão - numa versão lançada em 2016 que expôs em toda a plenitude as sofisticadas texturas sinfónicas da composição do guitarrista Brandon Cruz. Volvidos cinco anos a formação Nova lorquina aí está de novo com um álbum em que os elementos orquestrais e o carácter cinematográfico se mantêm como parte essencial da música, mas onde as guitarras e o peso do (post-)metal dominam. Os segmentos instrumentais são mais breves, proporcionando mais espaço para os característicos espasmos torturados da voz de Christopher Cruz. «None But a Pure Heart Can Sing» tem pouco mais do que a duração dum EP mas mais conteúdo musical que muitos álbuns extensos. A abertura, “Souvenir (echo)”, funde magistralmente melodias de inspiração oriental com malhas frenéticas e arranjos de cordas, enquanto que o brilhante “The emerald pearl” introduz assinaturas free jazz nas linhas de trompete e saxofone e uma certa vibe western spaghetti. “Motorik visage” é o tema que mais se afasta do disco anterior, elevando o extremismo sónico da banda a níveis inéditos, sendo aqui que a percussão explosiva do novo baterista Mike Kadnar (Downfall of Gaia) se revela como a grande mais valia. O álbum termina em tom eufórico ao som da arrepiante melodia de “From now (til the time we’re still)”, não sem deixar uma certa sensação de inconsistência pela ausência do proverbial fio condutor a unir todos os temas. O que acaba por ser um mal menor face à abordagem vanguardista e refrescante que oferece.

[8.5/10] ERNESTO MARTINS



SWALLOW THE SUN

«Moonflowers»

(Century Media Records)

O oitavo registo de longa duração dos doomsters Swallow the Sun tem aquele poder quase transcendente – único neste género mais lento e emocional de Metal – de induzir facilmente estados de consciência dominados por uma profunda e doce melancolia e por proverbiais arrepios na espinha só experimentados antes ao som de clássicos intemporais do doom, por exemplo dos Candlemass ou My Dying Bride. É distintamente o trabalho mais genial até hoje da formação liderada pelo guitarrista Juha Raivio. Tal como sucedeu com o trabalho anterior, «When a Shadow is Forced into the Light» (2019), este volta a ser inspirado no desaparecimento de Aleah Stanbridge, a companheira de Raivio, que faleceu em 2016, sendo portanto um disco de luto onde os inevitáveis sentimentos de angústia e de perda estão bem presentes em cada verso proferido pelo versátil Mikko Kotamäki, ora através do seu belíssimo registo cristalino mas pungente, ora por via do alternado rugido cavernoso que implacavelmente nos aponta o fim sombrio e inexorável. Fiel às linhas mestras do estilo que o colectivo finlandês desenvolveu nos últimos vinte anos, «Moonflowers» é, no entanto, musicalmente, um disco mais doomy e menos gótico do que o álbum anterior. Os elementos sinfónicos (assegurados pelo trio de cordas NOX) desempenham aqui um papel mais central e os temas seguem uma composição mais acessível centrada frequentemente em linhas orelhudas de voz ou guitarra que cativam à primeira audição. Com uma arte de capa criada, alegadamente, com o próprio sangue de Raivio, «Moonflowers» é um disco encantador sobre o que há de mais frágil na condição humana. Para ouvir – ou melhor, sentir – de coração aberto, numa destas noites desoladas de Inverno.

[9/10] ERNESTO MARTINS



THE CIRCLE

«Metamorphosis»

(All Noir)

Sob a liderança de Stanley Robertson, actual guitarrista dos Asenblut (desde 2018) é-nos apresentado «Metamorphosis», álbum de estreia da banda germânica The Circle. Este álbum despertou a minha curiosidade devido aos ambientes sonoros sinfónicos, consistentes, intensos e carregados de uma certa obscuridade (blackened) e de muita melancolia, complementadas com os diversos registos guturais ou vocais mais límpidos do Asim Searah. Esta metamorfose, de apenas 28 minutos, é conceptualmente dividida em quatro capítulos. Cada capítulo incide sobre uma fase emocional do ser humano: a angústia, o desespero, a fúria e a salvação (que anteriormente foi uma mentira – “salvation that once was a lie”). Os quatro temas são dignos de serem ouvidos uma e outra e outra vez... mergulhe neste lago de emoções. É me difícil destacar um tema, mas saliento o segundo capítulo – “Despair” –, pela parte mais teatral que surge mais ou menos a meio e pelas variações de andamento muito bem conseguidas até ao final. Em termos conceptuais, poderiam ter aprofundado mais “a coisa” – o álbum merecia mais dois ou três capítulos...

[8/10] JOAO PAULO MADALENO



THE PICTUREBOOKS

«The Major Minor Collective»

(Century Media Records)

Caso ainda não tenham sido apanhados por nenhuma das malhas dos seus álbuns anteriores, ou se a imagem característica deste duo ainda não vos cativou a atenção, dêem uma vista de olhos na lista de convidados (vocalistas) que figuram neste «The Major Minor Collective». Não estando a ser injusto, mas destacando alguns dos mais sonantes, acreditem que vai ser difícil esquecerem os refrões cantados por Neil Fallon dos Clutch em “Corina, Corina”; Lizzy Hale dos Halestorm em “Rebel”, Elin Larsson dos Blues Pills em “Too soft to live and too hard to die” ou do tema de abertura “Here’s to magic” cantado por Dennis Lyxzén dos Refused. Neste trabalho temos então a dimensão dos temas memoráveis a viajar de mão dada com o grandioso trabalho que foi juntar tanto nome e tanto talento num trabalho só. É mais um produto fruto do infortúnio da pandemia. Privados de saírem em digressão, com tours canceladas, o artista teve tempo e espaço para idealizar e realizar ideias pouco convencionais, mas que fazem todo o sentido, pois fica aqui demonstrado o valor e a beleza daquilo que são os trabalhos de colaboração entre artistas de diferentes géneres. Ainda que o desert rock dos The Picturebooks seja o pano de fundo e o denominador comum, é absolutamente palpável a versatilidade que cada um dos participantes injectou neste trabalho. Na Fan Edition há ainda uma faixa bónus, intitulada “Song 12” que é aquele rebento de identidade da banda...ah são certamente os The Picturebooks! Sim sem dúvida.

[8/10] EMANUEL RORIZ



WORMWITCH

«Wolf Hex»

(Prosthetic Records)

Quando os Darkthrone prestaram homenagem ao heavy metal canadiano em “Canadian Metal”, os Wormwitch nem sequer tinham sido formados. Mas ao cabo de poucos anos têm construído uma carreira interessante e «Wolf Hex», já o terceiro longa-duração, mostra que os sons de peso continuam a gozar de vitalidade naquela nação da América do Norte. Curiosamente, numa espécie de inversão de posições, os Wormwitch continuam a prestar homenagem ao black metal escandinavo, principalmente o proveniente da Suécia (o início de “The wolves of Ossory” copiou as notas do caderno dos saudosos Dissection...), mas com aquela energia própria das bandas canadianas e que pode tão bem ser escutada, por exemplo, em “Abracadabra”. «Wolf Hex» termina com uma cover muito competente de um clássico norte-americano, não do Canadá mas dos EUA: trata-se de “Hit the lights”, uma das melhores composições de sempre dos Metallica. Não sendo propriamente um disco indispensável e perfeito, provavelmente nem sequer o melhor lançamento dos Wormwitch, «Wolf Hex» não deixa de ser uma bela pincelada black metal. Aconselha-se, portanto. Sim, é verdade que pedaços de letras como “Thunder of the gods and riffs on fire/Unholy smoke and sweet desire/We’ll never learn to be controlled/There’s only two rules: to Rock and to Roll”, são ingénuas, para não dizer disparatadas, mas nisto de rockandrollar os Wormwitch sabem do que falam. Canadian Metal?! Que venha ele!

[8/10] HELDER MENDES



A culpa é do cemitério...

Por: Emanuel Roriz



Não se comprem discos pelas capas, ou pelo menos não se devia, mas privei-me de ouvir discos por causa de certas capas. No fundo do Lugar Novo vi pela primeira vez capas dos discos dos Iron Maiden. Eram horrendas. Foi também lá, sentado no muro/banco de pedra, onde tínhamos conversas nas quais queríamos concluir sobre o meio de transporte mais seguro, que ouvi pela primeira vez a “Where Eagles Dare”. Percebi que não era a música que impelia todos aqueles desenhos, mas sim as histórias das canções. Agora olho para aquelas capas como verdadeiras obras de arte que são, cheias de pormenores deliciosos, como o resultado do jogo West Ham vs Arsenal que se consegue encontrar no disco “Somewhere in Time”.

Ainda se passaram alguns anos até que recebi como prenda de Natal o disco “The Best Of 1980-1990” dos U2. Este disco que vendeu que se fartou e que é um documento, certamente muito interessante, sobre a história desta banda gigantesca. Apesar da reprimenda paternal e lição de moral sobre a devolução de presentes, amarrei no talão de troca e entrei na loja decidido a abandonar Bono Vox e companhia. Qual desbravar de novo mundo, por esta altura tinha saído o duplo disco dos Maiden ao vivo no Rock In Rio, acompanhados em uníssono por um coro de 250 mil pessoas. Esmagador. Embora tenha pesado a lição de moral, sei que fiz a escolha certa para o meu futuro. Para todos os efeitos, sinto que entrei naquela loja com uma t-shirt da Primark e por troca directa saí de lá com um polo Lacoste. Up The Irons.



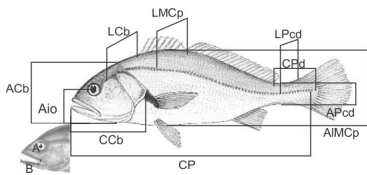
AMAZING
events

WINTER



29 JUNHO 2022
LAV - LISBOA AO VIVO

Postas de pescada



“Postas de Pescada: devaneios de dois energúmenos sobre personalidades da música” será um espaço partilhado, entre dois “jornalistas”, onde se falará sobre músicos, bandas, acontecimentos e outras coisas que tais... Como devem ter reparado, o “outro” ainda não “mandou as postas”. Para a próxima edição não há a Parte 3 e depois, talvez o “outro” contribua...

“Metalheads” hereges

Por: Ivo Broncas | Eduardo Ramalhadeiro

Têm sido objecto de várias notícias algumas declarações de artistas pop que se revelam fãs de música Metal. Mas se assim é, qual a razão por terem escolhido o “herege” caminho da pop?

Há praticamente um ano atrás, em pleno estado pânico-pandémico, uma notícia despertou-me a atenção: foi dado um concerto em tributo aos Nirvana pelo obscenamente popular, ampla e deselegantemente tatuado rapper, **Post Malone**.

Esbocei um sorriso maldoso, elaborei um comentário de escárnio, “corri” a ver o vídeo, e... engoli todas palavras que disse.

Ainda hoje estou para tentar perceber se o rapper conseguiu prestar de facto um tributo em condições aos Nirvana, ou se foi a minha surpresa por nunca acreditar que pudesse conseguir ter a atitude necessária para dar um bom concerto de rock. Isto, aliado ao facto de se ter percebido por este concerto que sabia tocar guitarra, despertou-me a curiosidade para tentar descobrir melhor como é tal fenómeno, digno de um “x-file” seria possível.

Ao investigar, através de uma ferramenta que nem todos se lembram de usar, o “Google”, percebi, para meu espanto que não só era fã de música pesada, mas também tocava guitarra numa banda de metal, e ainda foi a uma audição para fazer parte de uma banda de metalcore chamada Crown the empire. Ao que parece a audição não lhe correu de feição, pois as cordas partiram-se.

Ao que parece o mega comercial rapper, foi, ou será, um apreciador de metal, sendo apenas um dos nomes sonantes que têm ao longo dos anos manifestado o seu apreço por este estilo de música.

Contudo, como sabemos, o seu caso não é único. Inúmeras são as “estrelas” da Pop que já manifestaram o seu apreço pelas sonoridades mais pesadas. Não vou perder o meu precioso tempo a falar de Justin Bieber, mas queria referir alguns nomes.

Ed Sheeran: o ruivo mais badalado da pop revelou ser fã de Slipknot, cradle of filth, e recentemente até tocou um tema ao vivo com os Bring me the Horizon. Se é verdade que esta parceria de rock, pouco ou nada teve, curioso é a possível futura colaboração com Dani Filth, vocalista dos sua amada banda de juventude. Não deixa

de ser saudável esta recente aproximação ao estilo que tanto o marcou, fica a pergunta porque é que não tal sucedeu antes? Talvez porque fazê-lo antes de alcançar o estrelato absoluto seria visto como prejudicial para a sua carreira? Ou será outra a razão?

Miley Cyrus: Embora parecesse óbvio, só recentemente é que a princesa rebelde da Disney se veio revelar fã de rock pesado. Para além das manifestações públicas de amor pelos Iron Maiden, fez parte do reportório que apresentava ao vivo uma canção dos Nine Inch Nails, e até colaborou com os Metallica no programa do Howard Stern. Uma colaboração que todos querem esquecer, mas não obstante, uma colaboração. Contudo, e à semelhança do Ed Sheeran, apenas nesta fase da sua carreira, em que preparou as massas para esperarem tudo dela.

Lady Gaga: Esta senhora nunca escondeu a sua devoção à música pesada, e a sua actuação com os Metallica dignificou o género. Referiu que o seu intuito não é ser a próxima Madonna, mas sim os próximos Iron Maiden, sem nunca ter feito nada por isso, e levou para tourné as Babymetal. Mas... quem nunca cometeu erros?

Demi Lovato: Todos os leitores que têm filhas pequenas, conhecem, certamente, a voz de “Let it go”. Esta “princesa” da Disney, também já publicou vídeos de seus a cantar músicas da banda “He is Legend”, e referiu como uma das suas bandas preferidas da sua juventude Lamb of God, e que participou activamente no mosh de Dimmu Borgir. E no entanto, a sua carreira nunca sairá da pop.

Katy Perry: Antes das suas experiências com jovens do mesmo sexo, lembro-me perfeitamente de ter participado num video clip dos P.O.D. A sua participação foi até esclarecida pela banda como “não sendo uma “backup singer”. Contudo, a sua aventura pelo metal ficou por aí antes de explodir na pop.

Vou dar um honroso destaque a Elton John, que ao longo da sua carreira tem tido vários projectos com bandas e artistas de Heavy Metal e Hard Rock. Ele próprio alvo de preconceito, tem lutado contra o mesmo no que à colaboração da Pop com o metal diz respeito. Desde Ozzy Osbourne a Guns 'n Roses, tem contribuído sempre que aprecia as qualidades de quem o convida, e sempre que considera que pode dar algo mais à música.

Ao escrever este texto, veio-me à cabeça algo que o produtor e agora estrela do Youtube Rick Beato disse: **a música que fica connosco para o resto da vida, é a música que ouvimos na nossa adolescência.** E isto é, inclusivamente, um facto comprovado cientificamente. Ao analisar este dado, e vendo as declarações dos vários músicos/as pop que aqui transcrevi, leva-me a tecer algumas considerações sobre as possíveis razões de não terem enveredado pelo estilo de música que referem ter consumido precisamente na sua adolescência:

Questões monetárias - Sem dúvida que a Lady Gaga, com todo o talento e potencial que tem, certamente encontraria uma forma de vingar no rock pesado. Talento esse que aproveitou para tentar singrar na pop, e assim obter uma conta bancária pornograficamente obscena, e com tudo a que tem direito: filmes, grammys, oscáres, etc, etc, etc. Portanto, até que ponto é que a paixão dela é a música, ou os dólares?

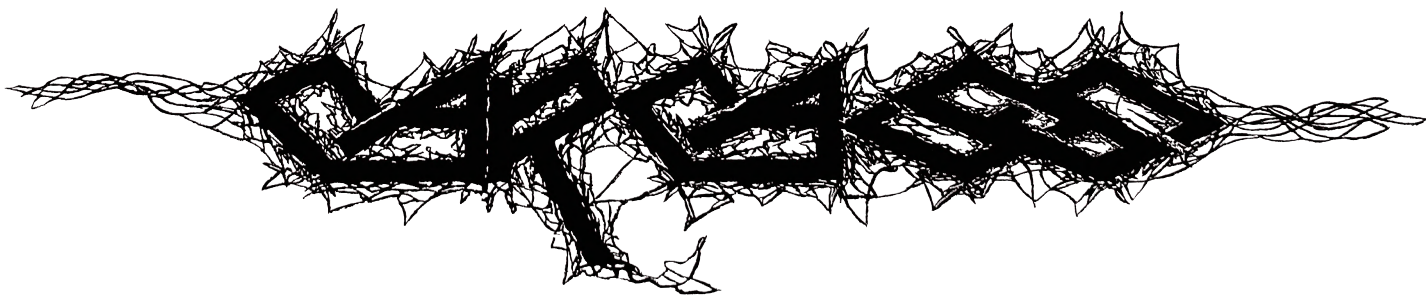
Jogar pelo seguro - As “princesas” Disney, como a Demi Lovato e Miley Cyrus, seguiram num caminho de continuidade com aquilo que vinham fazendo em crianças, e talvez por isso, por já terem fama no meio, não optaram por uma arriscada mudança que as poderia afastar das luzes da ribalta.

Porque pura e simplesmente, não tinham talento para tal - Será o caso gritante de Post Malone, que tentou bastante entrar na cena metal, mas foi-lhe recusada a entrada. Estará agora muito mais abastado, não obstante, foi-lhe barrada a entrada na cena metal. Caso semelhante foi possivelmente de Katy Perry. Entrou mesmo em tourné com os P.O.D., mas simplesmente não conseguiu atingir a ribalta. Acredito até que Ed Sheeran pudesse ter sonhado com tal, mas o lugar de ruivo em destaque na música metal estava já reservado para Dave Mustaine, e a sua atitude coaduna-se muito mais com a pop.

Por outro lado, e por muito que a comunidade metal se indigne com algumas destas manifestações de amor ao metal por parte de estrelas pop, Justin Bieber foi absolutamente trucidado quando publicou parte de uma letra dos Tool, isto acaba por vir de alguma forma, e na sequência do que tenho vindo a escrever. Por muito que nos doa algumas destas declarações, ajudam a cimentar o estilo, não como algo underground, mas como algo em que se deva investir, trazendo mais bandas e mais concertos. A seleção natural trata das fraudes, tal como tratou de 90% das bandas de Nu-Metal.

Talvez devêssemos aproveitar estas provas de amor de metalheads “hereges” para fazer sobressair, cada vez mais, a música pesada, em vez de perdermos energias a criticar tanto quem as faz. É só uma ideia...





Vegetarianismo podre

Há muita gente que compra e/ou julga os livros e a música pela sua capa. Os Carcass regressaram em força com mais um excelente álbum - «Torn Arteries» - que de forma alguma faz jus ao design, a não ser quando o vegetarianismo se transforma em podridão.

Entrevista: Eduardo Ramalhadeiro & Emanuel Roriz

Fotos: Ester Segarra

Eduardo & Emanuel - Espero que esteja tudo bem com vocês, vossos amigos e familiares.

Jeff Walker - Sim, está tudo bem.

Eduardo - Devo-te confessar que te devo um pedido de desculpas por, há muitos anos, ter achado um CD do álbum «Swansong» e, naquela altura, tê-lo dado a um amigo meu. Recentemente, tentei recuperar o CD e ele gentil e educadamente disse para me lixar. Por que deverias te desculpar?! O teu amigo é que deve pedir-te desculpa. (Risos)

Eduardo - Penso que a primeira coisa que as pessoas vão questionar, tal como eu, será a capa de «Torn Arteries». Parece-

me um pouco estranha. Qual é o significado por trás do coração vegetariano e como se relaciona com as letras do álbum?

Por que é estranha? A banda tem outro álbum com esculturas estranhas. Não acho nada de estranho nisso, é apenas uma escultura, uma imagem sem nenhum significado real subjacente... O que posso dizer é que, quando eu enviei a imagem para a gravadora e lhes disse que, o mais certo era não gostarem, eles disseram: não, é perfeita. É um coração humano feito de vegetais que começa a apodrecer à medida que vais vendo o artwork. Acho que é um pouco como a música do álbum. (Risos) E essa é a história do coração; é baseada

numa arte japonesa, a chamada Kusōzu, que estuda a decadência de uma bela mulher. Está sempre ligada à morte e à decadência e, sim, como disseste, a essa ideia de vegetarianismo. Portanto, talvez isso seja uma piada, em vez de ter um cadáver a apodrecer na capa do álbum, temos um coração humano feito de vegetais

Eduardo - Sou um grande fã do H. R. Giger e sei que a capa de «Heartwork» foi feita por ele. Para saciar a minha curiosidade, consegues lembrar-te o que vos levou a incluir a escultura na capa?
Sim! Eu tinha uns livros do Giger e, quando era jovem, tinha muita curiosidade pela sua arte; e achei que seria interessante abordá-lo

para fazer algo connosco. Nós queríamos usar uma das suas fotos, mas por coincidência ele estava a refazer uma imagem, que é a que temos em «Heartwork». Não queria usar um trabalho pintado típico de Giger porque outras bandas já o faziam, bandas como Atrocity, Emerson Lake e Palmer ou Danzig. Felizmente, fizemo-lo. Em «Torn Arteries» a arte é feita por um tipo, nunca pronuncio o nome dele correctamente, é um nome polaco e cuja pronúncia é muito estranha. O nome dele é Zbigniew Bielak. Usualmente, faz as capas e outras imagens de bandas como Ghost. Se conheceres o estilo dele, irás perceber que este é um trabalho dele. Mas o que é interessante sobre o que ele fez para o nosso álbum é que não se parece com seu estilo típico. Para mim, isso foi muito importante.

Eduardo - Já tiveste a oportunidade de visitar o museu em Gruyères - Suíça?

Sim! Já lá estive duas vezes. E fui convidado uma vez para ir à casa do Giger.

Eduardo - Este é um álbum que não deve ser julgado pela capa?

Penso que sim. Tens razão! A capa não tem braços, quase como um livro de mesa de centro que podes encontrar numa casa de classe média e de fácil leitura. A capa do álbum é muito limpa e bonita. Felizmente, o álbum é um pouco mais emocionante do que a capa.

Eduardo - Ok, colocando de uma forma muito simples: vejo «Torn Arteries» como um álbum típico de Carcass, uma espécie de continuação de «Surgical Steel», mas ao mesmo tempo há algo diferente que ainda estou para perceber, talvez o som seja mais moderno e a música respire um pouco mais. Qual foi a vossa abordagem quando começaram a pensar pela primeira vez em «Torn Arteries»?

Descreveste como eu o descreveria, mas tens de entender que, quando nos reunimos e

escrevemos algumas músicas, não sabemos o resultado até terminarmos. Acho que este álbum tem um som menos moderno do que «Surgical Steel». A produção, felizmente, é um pouco mais orgânica e menos moderna, um pouco mais obscura, talvez... normalmente, não temos nenhuma direcção pré-definida ou qualquer receita sobre o que vamos fazer. Nós apenas escrevemos a música, montamos as peças, escrevemos as letras, fazemos a arte e vemos o resultado final. Também não é a realização da ideia ou sonho de uma única pessoa; é o resultado do trabalho de três pessoas que estão envolvidas. Nenhum de nós tem uma única visão ou ideia. Cada um fez a sua parte e, assim, chegamos ao resultado final. É como preparar uma refeição com três Chefes; eles pegam os ingredientes na cozinha e fazem uma grande trapalhada. (Risos)

Eduardo - Podemos considerar que este é uma espécie de caos organizado?

Sim, definitivamente. (Risos) Algumas bandas têm um líder e uma visão única e tenho certeza que às vezes esse líder é uma espécie de ditador. Não me considero um líder da banda. Este álbum não é fruto de uma visão única. Todos na banda têm a mente aberta o suficiente para mudar as coisas se alguém tiver uma ideia melhor.

Eduardo - As vossas letras são tão complexas quanto a música. Na minha opinião, não deve ser fácil escrever e encaixar na música. Utilizas algum tipo de técnica alienígena?

Não tenho certeza sobre isso! Obviamente, tenho algum tipo de talento para o fazer... uh... ou de maldição... (risos) ...faço um rascunho de ideias ou escrevo no meu iPhone palavras que tenho de juntar e, como disseste, não é necessariamente fácil, às vezes não há muito espaço para encaixar as palavras na música, pelo que tenho que fazer muitas edições.

Desta vez e pela primeira vez, fui ter com o nosso engenheiro de som, que mora na Bélgica e fiquei em casa dele durante uma semana. Gravámos uma demo e, basicamente, passei aquela semana só a escrever e encaixar letras nas músicas. Portanto, é um processo quase espontâneo. Foi a primeira vez que trabalhei assim e até gostei.

Eduardo - O que te inspira a escrever letras tão complexas? Quais são as tuas influências?

Acho que desde pequeno, quando ouvia bandas na rádio como ABBA ou o que quer que seja, ficava lá sentado e tentava ouvir canções de amor ou as mesmas parvoíces. Sempre fomos um pouco estranhos a escrever as letras e apenas tentamos ser inteligentes, mas não demasiado inteligentes... tentamos ser diferentes. Acho que sou apenas uma pessoa estranha... (risos)

Eduardo - Enquanto estamos a lidar com esta pandemia, por que não escreveram algumas letras sobre o vírus devorando e destruindo a humanidade?

Não o fizemos porque o álbum foi concluído antes de aparecer o COVID.

Eduardo - Então, no próximo álbum, irás escrever algo sobre a pandemia e a destruição da humanidade? (risos)

Podes imaginar as centenas e centenas de músicos que ficaram presos em casa a escrever canções sobre a pandemia? Deverá haver tantas canções chatas sobre isso que me parece que as pessoas não querem relembrar este assunto.

Eduardo - Eu li nalgum sítio que tens - vou chamá-la - uma forma estranha de trabalhar em estúdio. Não há um responsável por trás do processo, mas todos contribuem. E, obviamente, isso pode trazer algumas dificuldades. Quão diferente foi trabalhar em «Torn Arteries», comparando, por exemplo, com «Surgical Steel»?



“ Queríamos escrever um álbum em que as pessoas se pudessem sentar e ouvir do início ao fim por 50 minutos e curti-lo na sua totalidade[...]

A diferença foi que em «Torn Arteries» gravamos a bateria num estúdio na Suécia, as vozes e guitarras no Reino Unido e o álbum foi finalizado na Suécia. Foi a primeira vez que gravamos fora do Reino Unido. Normalmente, costumávamos entrar e gravar tudo numa única sessão, mas desta vez fizemos a bateria, depois as guitarras, depois o baixo, com muitas interrupções pelo meio, e, finalmente, terminamos o álbum.

Eduardo - Tom Draper é o mais novo membro da família, como o encontraram e como foi a sua adaptação à banda?

Precisávamos de um elemento para substituir o Ben Ash que foi embora, então fizemos algumas audições de guitarras e o Tom Draper é amigo do Bill que o conhecia de Londres e em produções dos Angel Witch. Por isso, sugeriu-o e encaixou perfeitamente. Mas não toca no álbum, ou seja, não está envolvido na composição do álbum.

Emanuel - É muito bom ver e ouvir que, apesar dos anos que já passaram, e com todo o respeito, Carcass ainda bate forte e os vocais guturais soam muito saudáveis! Nenhum de vocês sentiu o impulso de abrandar o ritmo ou ser mais suave neste álbum?

Não! Penso que este álbum não é ultra-agressivo como outros trabalhos nossos. É complicado porque o álbum vem em formas de arte, não é monótono, não é agressivo em toda a sua duração, mas também não é lento. Tentamos inventar as coisas. Fico feliz por pensares que é agressivo e tudo isso. Acho que é um álbum equilibrado. Não tem um ritmo único até o fim. Queríamos escrever um álbum que as pessoas pudessem sentar e ouvir do início ao fim por 50 minutos e curtir-lo na sua totalidade, mas não como uma ópera. Não é uma ópera rock! É para ouvir com muito headbang e não apenas para ouvir uma ou duas músicas.

Eduardo - Devo confessar que da primeira vez que te ouvi esperava uma voz mais áspera, mas a tua voz é um bocadinho macia. Tens alguma técnica especial para fazer os vocais gemidos?

Não, apenas beber umas cervejas ou whisky! (risos)

Eduardo - ... E tua voz fica pronta para fazer concerto ao vivo?

Yeah! Ao vivo é fácil. No entanto, é muito difícil no estúdio. Aí pode tornar-se muito cansativo, porque estás a usar a voz constantemente. Eu nunca perco a voz, mas sinto que vai perdendo alguma força, quando estou 5 ou 6 horas em sessões vocais.

Emanuel - As diferenças entre o poderoso «Reek of Putrefaction» e os Carcass actuais são bastante óbvias. Mas, há alguma música em «Torn Arteries» que aches que pode ter um pouco do sentimento ou da filosofia dos primeiros anos?

Penso que tem o nosso DNA, mas obviamente nada soa como Reek (of Putrefaction) porque este soa como um aborto sonoro. Definitivamente, podemos estar com as mesmas pessoas que gravaram Reek, mas tem sido uma jornada musical desde 1987, quando gravamos aquele álbum, até agora. Em cada álbum pode-se ver as mudanças. Eu vejo uma linha de evolução. Ainda fazemos partes explosivas e todo tipo de cenas malucas. Ainda somos a mesma banda.

Eduardo - Se consideras que «Reek of Putrefaction» tem um som muito mau e uma má produção haverá planos para regravar esse álbum?

Já sugeri isso mesmo antes do confinamento, apenas como uma experiência fundamental para satisfazer a minha curiosidade, não numa perspectiva de reedição. Acho que temos algumas músicas muito boas no Reek, mas acho que a produção e a execução não lhe fizeram justiça, mas... não será perigoso voltar lá de novo? Iria soar igual? E se estragássemos tudo?

Só queria saber o que poderia ser o álbum se tocássemos melhor e se fosse melhor gravado, porque a minha missão na altura era fazer um álbum que arrebatasse o «Reign in Blood». Há que lembrar que estávamos em 1987 e... Nós falhamos!

Emanuel - Esperamos por 8 anos por este novo álbum de Carcass. Quais são os vossos planos para o futuro próximo? Teremos que esperar mais oito anos?

Talvez mais... (risos) A ideia era reunirmo-nos e tocar novamente, mas já perdemos dois anos de digressão e de poder tocar. Eu adoro viajar... E pode não haver outro álbum de Carcass, mas nunca se deve dizer nunca.

Eduardo - Ok! Admito que posso esperar mais oito anos mas com uma condição: tens de lançar outro álbum de Jeff Walker Und Die Fluffers. Tens alguns planos ou fizeste isso só por diversão?

O álbum foi o resultado da época e do lugar onde estava. Sim, foi um álbum feito apenas por diversão. Foi em 2004 e já faz muito tempo... não sou mais a mesma pessoa. (risos)

Eduardo - Vês os Carcass como uma das bandas mais míticas da história do Heavy Metal que pode ter influenciado um sem número de outras bandas?

Sim. Sem dúvida, fomos uma grande influência para outras bandas e isso é bom.

Consideras, então, que os Carcass foram uma das primeiras bandas a definir um estilo musical?

Sim. Sem dúvida, apesar de ser um estilo que nós mesmos não tocamos mais. No entanto, recebemos os créditos por inventar o Goregrind.

Eduardo - Devo dizer, adoro «Swansong», é diferente e único, algo que nunca até à data tinham feito, mas esse álbum dividiu os fãs. Vendo a esta distância e tirando todos os problemas com

os rótulos, falando puramente sobre a música e o conceito, vêes «Swansong» da mesma forma que em 1996?

Acho que vejo da mesma forma. Eu nunca quis saber de opiniões negativas sobre o álbum. Vamos ser honestos, fazer um novo álbum também vai dividir as pessoas. Pessoalmente, mantenho o álbum. Na minha filosofia, toda banda tem que fazer um mau álbum. (risos)

Eduardo - Eu discordo de ti porque não vejo «Swansong» como um mau álbum. Vejo-o como um álbum diferente.

Concordo... estava a brincar! (risos)

Eduardo - Por exemplo, não considero «Load» e «Reload» dos

Metallica dois maus álbuns. Acho que as pessoas analisam-nos como sendo dois álbuns de Thrash Metal, mas para mim são álbuns de rock alternativo.

Sim. Tens que colocá-los num determinado contexto. Algumas pessoas pensam que Reek é um álbum terrível e outras não. Colocas Reek ao lado de Swansong e não parecem pertencer à mesma banda. Acho isso positivo.

Eduardo - Na época de «Swansong», é verdade que estiveram para fazer uma digressão com o Iron Maiden?

Sim! Foi uma digressão europeia, não me lembro quando... em meados dos anos noventa, talvez...

Eduardo - E vão estar em Portugal com os Behemoth e os Arch Enemy?

Não ... a digressão foi cancelada ... talvez estejamos no próximo ano.

Eduardo - Lembra-se da última vez que estiveram em Portugal? Salvo erro foi em Vagos...

Sim! Foi com os Obituary, os Napalm Death e os Herod, mas foi no Cine-Teatro de Corroios. Excelente espectáculo!

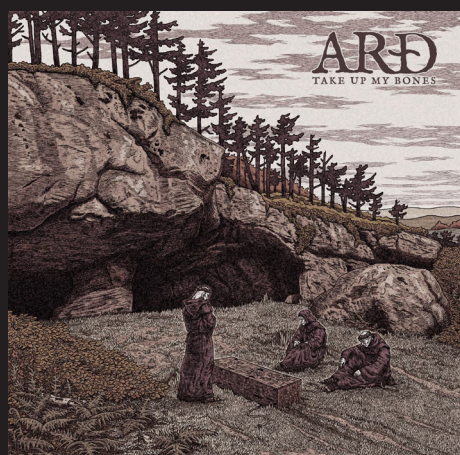
Eduardo - Quase 36 anos... arrependes-te de alguma coisa?

Nah! De jeito nenhum! (risos)

Facebook
Youtube



“ [...] E pode não haver outro álbum de Carcass, mas nunca se deve dizer nunca.



ARD

«Take Up My Bones»
(Prophecy Productions)

Há quem o identifique apenas como sendo o teclista dos Winterfylleth, mas Mark Deeks é também produtor, professor de piano, autor e um académico que conhece a fundo a história medieval do Reino Unido. Neste fantástico álbum de estreia do seu projecto a solo, os ARD (vocábulo do inglês arcaico que significa “terra mãe”) Deeks recua até ao ancestral reino da Northumbria (norte da Grã Bretanha, Secs VII a X) para nos recordar a lenda de São Cutiberto, eremita cristão que viria a tornar-se um poderoso símbolo identitário para os povos da região. E é sobre um majestoso fundo sónico do mais belo doom funerário que se desenrolam as referências ao monge Cutiberto, primeiro com a sua premonitória morte em Lindisfarne, em 687CE, e depois com a epopeia de dois séculos em que se tornaria a transladação dos seus restos mortais até à catedral de Durham. Uma narrativa curiosa que, no

entanto, não teria o mesmo impacto emocional se não fossem as vocalizações usadas, feitas, predominantemente, de assombrosos cânticos monásticos que criam uma incrível atmosfera de solenidade, algumas partes declamadas e outras cantadas num registo grave e profundo semelhante ao que ouvimos em «The Hallowing of Heirdom», o álbum de 2018 dos Winterfylleth. Como seria de esperar, o piano e as teclas de Deeks desempenham um papel central na música, a par das maravilhosas melodias melancólicas que emanam da guitarra de Dan Capp (dos Wolcensmen) e das nostálgicas linhas do violoncelo de Jo Quail (que já trabalhou com os My Dying Bride). De um beleza deveras indescritível, «Take Up My Bones» é um daqueles discos que fazem pele de galinha e ombreiam com os grandes clássicos do doom: pensem no melhor que ouviram de Anathema e My Dying Bride.

[9.5/10] ERNESTO MARTINS

AMAZING
events

Chariots of Fire

EUROPEAN TOUR 2022



with special guests

Tribulation **BOLZER**

22 de Setembro de 2022
LAV - Lisboa ao Vivo

Versity
MUSIC

Revelations

NUCLEAR BLAST

Season of Mist

COBRA
AGENCY

DOOMSTAR

/ VERSUS MAGAZINE

Opera D



Diabolicus

Metal épico

Após nove anos de jejum, os suecos Opera Diabolicus lançaram o seu segundo álbum – «Death on a Pale Horse» – para o qual só um epíteto serve: **ÉPICO**.

Entrevista: CSA | Fotos:



Opera Diabolicus é realmente um projeto original. Como tiveram a ideia de criar um projeto desta natureza?

David – Começou por ser uma solução para as limitações decorrentes de fazer parte de uma banda regular. Sentia-me limitado e impedido de escrever e criar o tipo de música que queria fazer quando tocava em bandas regulares. Por conseguinte, Opera Diabolicus nasceu de uma necessidade perto de 2005.

Este é o vosso segundo lançamento com este projeto. Passaram-se nove anos entre os dois álbuns. A que se deve um tal atraso?

Sim, o que poderei dizer? Vida, morte e outras coisas que acontecem no ínterim. Toda a música foi mais ou menos escrita há uns anos atrás, mas estávamos presos por um contrato constrangedor com a nossa antiga editora que mais ou menos tornou impossível para nós fazer um novo álbum sem grandes perdas financeiras. No fim de contas, acabei por me cansar e por decidir que o ia fazer de qualquer forma e decidimos pôr fim ao contrato com a antiga editora e por assinar com a Season of Mist, uma editora que, na minha opinião, nos assenta como uma luva.

O primeiro álbum dizia respeito a Elizabeth Bathory. Podes dizer-nos alguma coisa sobre esse primeiro lançamento?

Aconteceu há tanto tempo que já nem me lembro bem disso. Do meu ponto de vista, a primeira metade do álbum é realmente boa, mas não estou contente com a segunda parte. Sempre me pareceu demasiado genérica e nada de especial. Essa também foi uma das razões pelas quais me senti compelido a fazer este segundo álbum: sabia que podia fazer melhor. Queria fazer um álbum que me satisfizesse e agora sinto que consegui atingir esse objetivo com «Death on a Pale Horse».

Trata o tema dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, não é verdade?

Sim, o título do álbum faz referência ao Apocalipse e aos Quatro Cavaleiros, que é o tema da canção intitulada “Second Coming”.

Tem alguma coisa a ver com a pandemia?

Não propriamente. Todas as canções foram escritas antes da pandemia. No entanto, a canção “Bring Out Your Dead” faz referência à Peste Negra. Por isso, acabámos por viver uma situação bizarra, porque gravámos a canção durante a primavera/verão de 2020. Lembro-me de que o indivíduo que gravou a voz narrada na introdução (“Listen Everybody”) que conduz a essa canção disse que essas palavras eram quase proféticas. Foi uma sensação muito estranha.

Como o comparam com o seu predecessor?

Penso que o novo álbum ultrapassa largamente o primeiro. Parece-me que a qualidade da composição é muito superior. Tudo foi muito bem pensado e elaborado. Como já referi, o meu objetivo era fazer um álbum que – quer do ponto de vista da composição, quer do da produção – me desse verdadeira satisfação e parece-me que desta vez consegui atingir esse meu objetivo.

Isto é um megalançamento.

- Por que precisaram de tantos músicos para criar este álbum? Por que têm tantos músicos no lineup e depois ainda têm uma grande quantidade de músicos convidados?

Infelizmente, sou péssimo a tocar violino e isso foi uma razão de peso para esse facto. As pedras angulares no que toca à gravação somos eu (guitarra, teclados, backing vocals), o Mats (voz) e o Snowy (voz e bateria). Também desencantei um músico brasileiro chamado Ronaldo Rodrigues que é exímio a tocar sintetizadores dos anos 70 e fez todos os solos de

Moog e Hammond mais as partes de piano. Também fez um trabalho excelente. Estou igualmente super encantado com o trabalho do Andy la Rocque (King Diamond) e o Michael Denner (ex-Mercyful Fate and ex-King Diamond) ajudou-me a fazer alguns solos de guitarra. Além disso, precisei de uma vocalista feminina, de violinistas e de mais alguns “ingredientes” para completar o conjunto. No que diz respeito à vocalista feminina, tivemos de arranjar uma substituta para a vocalista principal (Angelina DelCarmen), porque todos os estúdios em Nova Iorque – a cidade onde ela vive – fecharam por causa da pandemia. Foi por essa razão que ela não pôde assegurar a voz feminina em todo o álbum.

- Certamente, compuseste o álbum a pensar em convidar músicos para participar no álbum. Mas compuseste o álbum a pensar especificamente nestes artistas?

Sim. A participação do Mats e do Snowy estava prevista desde o início, por isso eu compus o álbum a pensar neles. O mesmo aconteceu com a bateria. Sou tão fã do Snowy como baterista que tive o seu estilo de tocar sempre em mente quando estive a fazer os arranjos de bateria. Quanto ao resto – violinos, solos de órgão Hammond, etc. – bastou-me encontrar a pessoa adequada para fazer o trabalho, por assim dizer.

- Deste-lhes a oportunidade de colaborar na composição das suas partes?

Não houve colaborações no que toca à composição no álbum. Não pedi a ninguém para colaborar nessa parte, mas, se alguma vez o fizer, dirigir-me-ei ao Snowy e/ou ao Mats sem dúvida. São excelentes compositores. Eu e o Snowy temos ideias muito semelhantes em matéria de música.

- Como se organizaram para dirigir um grupo tão grande de músicos durante a atuação e a gravação?

Preparação e mais preparação e um ror de trabalho árduo! Antes de gravarmos o álbum, eu fiz uma

Opera Diabolicus

DEATH ON A PALE HORSE

Horror masters OPERA DIABOLICUS' sophomore full-length featuring Mats Levén (CANDLEMASS, THERION), Snowy Shaw (KING DIAMOND, MERCYFUL FATE, THERION), Andy La Rocque (KING DIAMOND) and Michael Denner (KING DIAMOND, MERCYFUL FATE)!"

OUT NOW!

CD Digipak · Digital ·
Double Vinyl in various colours

Dread Reaver

OUT NOW!

CD DIGIPAK · DIGIBOX · DIGITAL ·
VINYL IN VARIOUS COLOURS · CASSETTE

DREAD REAVER SHOWS ABBATH
TRIUMPHING OVER ALL TRIALS AND
TRIBULATIONS, RELEASING HIS MOST
MENACING AND ACCOMPLISHED
ALBUM TO DATE.

Season of Mist

WWW.SEASON-OF-MIST.COM

FOR TONS OF KILLER PRICE AND EXCLUSIVES: COLLECTOR'S EDITIONS, RARE LPS, MERCH ON DEMAND...

Available on
iTunes

Spotify

@SeasonofMist

YouTube /SeasonOfMistLabel

@seasonofmistofficial

/Seasonofmistofficial

“[...] Toda a música foi mais ou menos escrita há uns anos atrás, mas estávamos presos por um contrato constrangedor com a nossa antiga editora [...]

pré-produção extremamente rigorosa para tudo e, se ouvirem essas gravações, vão constatar que são quase idênticas ao álbum, à parte o facto de eu ter cantado em todas as partes. Isto deu imenso trabalho, mas foi muito importante para todas as pessoas que participaram no álbum tocando ou cantando saberem o que se esperava delas. Todos os solos de guitarra, órgão e violino (mas não o violino de “Bring Out Your Dead”) foram improvisados. Penso que esta preparação foi fundamental para que tudo ficasse no seu devido lugar e articulado. Podíamos ter confiado mais na sorte, mas quando queremos que a nossa forma de ver a música se concretize, é essencial ser preciso e fazer um trabalho exaustivo.

A capa é realmente magnífica. É absolutamente fantástica!

- Como é que o Gyula Havancsák da Illustration and Design a fez para ti?

Foi formidável. Fiquei tão satisfeito com a capa do álbum anterior que queria mesmo que fosse o Gyula a fazer esta também. Tinha algumas dúvidas sobre se ele seria capaz de superar a qualidade da arte que fez para a capa do álbum anterior, mas parece-me que conseguiu fazê-lo. Estou mais do que contente com o resultado final. Quanto mais olho para a arte, mais gosto dela. No que diz respeito à colaboração, também foi incrível. Eu tinha algumas ideias prévias baseadas no título do álbum e fomos trocando ideias sobre o assunto. Como é

óbvio, eu queria uma capa em que figurasse a Morte montada num dramático cavalo pálido e que se parecesse com um quadro antigo. Era importante para mim que a Morte não se parecesse com a representação tradicional em que aparece com a foice na mão, mas antes com um rei orgulhoso, imponente. Parece-me que o Gyula atingiu esse objetivo a 110%. É um trabalho verdadeiramente espetacular. Ele é um artista fantástico.

- Inspirou-se em todos os artistas que trataram este tema?

Não sei se ele se inspirou de alguma forma noutros artistas. Analisámos alguns quadros antigos de reis a cavalo e outros dessa natureza, mas nada muito específico.

Mudaram de uma pequena editora para uma grande: a Season of Mist.

- Como é que isso aconteceu?

Como já referi, estávamos num beco sem saída com a nossa antiga editora. Só de pensar em fazer um segundo álbum e lançá-lo com aquela editora já me dava dores de cabeça. Essa foi uma das razões pelas quais o álbum demorou tanto tempo a sair. Sentia-me encurralado. Eu tinha a certeza que queria fazer um novo álbum, portanto lancei mãos à obra à espera de que tudo acabasse por correr bem. Quando o álbum já estava misturado, vi que era altura de ver se ia ficar com a antiga editora ou tentar a minha sorte com outra editora. Fui

fazendo contactos aqui e acolá e o Michael Berberian da Season of Mist telefonou-me diretamente. Provavelmente o nosso tipo de música não corresponde exatamente ao género habitual dessa editora, mas eu identifico-me muito com a forma como eles se focam em música mais tenebrosa e experimental do que as editoras de Metal mais mainstream que lançam Power Metal e estilos similares. Depois de 4 meses de embrulhadas legais com advogados, a nossa antiga editora deixou-nos ir. Não nutro nenhuma má vontade contra eles, sei que se trata apenas de uma questão de fazer negócio.

- Que apoio está a vossa editora a dar-vos para promover este álbum?

A Season of Mist tem sido fantástica. Gosto de profissionalismo e sinto que eles têm sempre um plano bem delineado para lançar os seus produtos. Por exemplo, já fizeram dois vídeos com as letras que, na minha opinião, saíram muito bem.

É possível fazer concertos com álbuns tão imponentes?

É claro que sim. Gostaria que as pessoas pudessem ouvir o álbum do princípio ao fim, mas, nos concertos, é preciso adotar uma abordagem diferente. Parece-me que muitas das canções podem ser tocadas sozinhas, por isso penso que é algo que é viável. Vamos ver o que acontece no futuro.

Facebook
Youtube

MILAGRE METALEIRO

PINDELO DOS MILAGRES - PORTUGAL

XIII OPEN AIR 2022

RAGE

Order

Ogan

Bloodbound

Entra

Dark

SKELETON

ZENOIA

IRON SAVIOR

VHÄLDEMÄR

DORMANTH

TRI STATE CORNER

DRAGON CHILD

Moonshadt

BLAME ZEUS

Amfernyen

Amfernyen

ARCOAS

WATERLAND

Desolito

ZURRAPA

26, 27 E 28 DE AGOSTO

PINDELO DOS MILAGRES-S.PEDRO DO SUL

CAMPING GRATUITO

ORGANIZAÇÃO:



PARCEIROS:



APOIOS OFICIAIS:



PROMOÇÃO:

CAMINHOS METÁLICOS • CÍRCULO DE FOGO • ECLIPSE METÁLICO •
HINTZ WEBZINE • IMPÉRIO DO ROCK • LOUDI • METAL GLOBAL •
METAL MÓRFOSIS • PEDRA DO METAL • PORTUGUESE DISTORTION •
ROCK'N'RADIO • SON DO ROCK • SOUNDS FROM APOCALYPSE •
TEMPLO DO ROCK • TREBARUNA

BILHETES À VENDA EM

WWW.MILAGREMETALEIRO.EU

MILAGRE METALEIRO

PINDELO DOS MILAGRES - PORTUGAL

XIII OPEN AIR 2022



26 DE AGOSTO

PINDELO DOS MILAGRES-S.PEDRO DO SUL

VERSUS MAGAZ

CURTAS



COSMIC ORDER

«Inner Temple»

(Argonauta Records)

Um primeiro disco tem sempre arestas a limar, embora esse facto não constitua um problema. Quantos clássicos e primeiros lançamentos de bandas icónicas, não teriam arestas a polir, mas que, talvez por isso se tornaram tão característicos? “Clássico” não será certamente o destino deste «Inner Temple», até porque existem claras influências a pairar sobre estas canções. Oçam, pois até vale a pena, e facilmente identificarão dois ou três nomes norte-americanos. Embora os próprios refiram Alice In Chains ou Tool, encontrei também algumas semelhanças vocais com o fantástico A. A. Nemtheanga.

[7/10] EMANUEL RORIZ



SARCASM

«Embers»

(Hammerheart Records)

Afirmam ser um regresso às raízes, ao início dos anos 90, quando se formaram e começaram a disparar edições de demos. O tempo fez o seu bom trabalho, amadurecendo, e o death metal dos Sarcasm, hoje em dia, é um bom copo de vinho tinto, em especial para os devotos da cena sueca mais primitiva. Entre várias passagens melódicas, um trabalho de guitarras notável, algumas incursões por andamentos mais arrastados, a veia tradicional, leia-se rápida e furiosa, é sem dúvida a mais vincada e a que mais saudosismo traz para cima da mesa. Puxem do disco e bebam mais um copo!

[8/10] EMANUEL RORIZ



THE RISEN DREAD

«Night Hag»

(WormHoleDeath)

Os Irlandeses The Risen Dread estreiam-se no panorama musical com «Night Hag», um álbum conceptual que fala sobre doenças mentais. Vêm rotulados como um intrigante “Horror Thrash” mas parece-me uma banda com sonoridade mais virada para o metal/thrash core. A voz passa o limite que considero interessante mas, certamente, os fãs deste género de voz gutural vão gostar. O álbum soa demasiado monótono, pouco interessante... faltando ali algo para o elevar a outro patamar, apesar de ser tecnicamente interessante. Um par de riffs muito porreiros, mas não passa muito disso. Provavelmente a parte mais interessante é a participação do Andreas Kisser. Ouvi as vezes suficiente de forma a tecer uma opinião honesta, não mais que isso.

[6.5/10] EDUARDO RAMALHADEIRO



TÝR

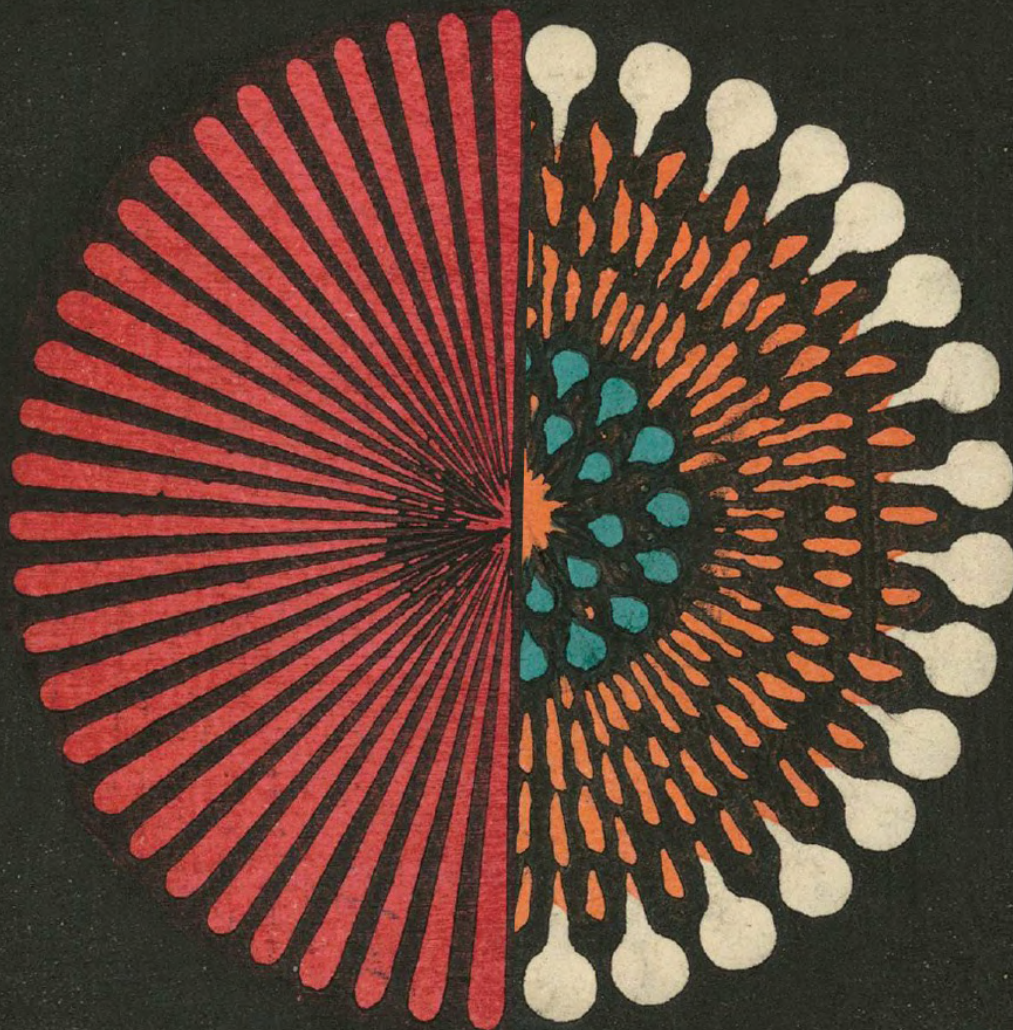
A Night at the Nordic House (with The Symphony Orchestra of the Faroe Islands)

(MetalBlade)

Wow! Grande disco! Sou da opinião que não é qualquer banda ou músico que tem a capacidade para tocar com uma orquestra. Os Týr fizeram-no, tal como o nome indica com a Orquestra Sinfónica das Ilhas Faroé. Se a música por si só já é épica, os Týr não se fizeram rogados e ainda juntaram um coro de algumas dezenas de cantores. Sem quebrar a sua identidade, os temas são elevados a um outro nível de profundidade e grandiosidade. Só é pena o espaço – um evento destes merecia uma sala um pouco maior – pois faz parece o concerto um pouco... intimista. O setlist conta com dezoito temas, perfazendo 90 minutos. Obviamente, «Hel», o mais recente disco está representado com cinco temas mas os Týr percorrem praticamente toda a discografia. Lembro-me de há uns anos escrever sobre um álbum ao vivo dos Epica, que era (quase) intragável, devido às luzes berrantes, no entanto e neste aspecto, «A Night at the Nordic House» é muito bem realizado. O concerto está disponível no YouTube e devo dizer que é um mimo - ver o Maestro de cabelos brancos a cantar e a curtir a música ou como se pode ler num comentário, “...ouvir as senhoras do coro a cantar, orgulhosamente e a plenos pulmões: “I will decimate and decapitate those who question the sword!”” é absolutamente épico!

[9/10] EDUARDO RAMALHADEIRO

SWAMP BOOKING PRESENTS



²⁰²²
SACRI MONTI / KALEIDOBOLT

19 MAIO 2022
RCA CLUB

AMAZING
events



HIWATT

ORANGE



51 / VERSUS MAGAZINE



Persefone

Jornada Espiritual

Mais uma jornada musical de evolução espiritual
Álbum acabadinho de sair, «Metanoia», a mostrar toda
a consistência e poder desta banda de Andorra; e a
oportunidade de falar com o vocalista e teclista da
banda – Miguel Espinosa.

Entrevista: João Paulo Madaleno

Antes de mais, muito obrigado pelo vosso tempo e disponibilidade para responder às nossas perguntas. Espero que esteja tudo bem com vocês, vossos amigos e familiares. Finalmente, temos um novo álbum de Persefone – «Metanoia». Em 2019, a Versus Magazine teve uma entrevista com Persefone e, nessa altura, já ansiávamos por um novo álbum vosso. Entretanto, ouvi os primeiros singles deste álbum que foram publicitados nas redes sociais: “Katabasis” e “Merkabah”. No entanto, confesso que gosto mais de ouvir os álbuns completos, principalmente, quando são álbuns conceptuais e do género progressivo (o que parece ser o caso deste). Como sou um grande fã da vossa música, mal soube da saída deste álbum fui ouvi-lo, do princípio ao fim. Na primeira impressão, fiquei muito agradado com o que ouvi. Sendo assim, qual o significado de «Metanoia»?

Miguel Espinosa - Muito obrigado!

Posso dizer que «Metanoia» é um processo de mudança da mente, do coração, do “Eu-interior”, do modo de vida. E a mudança, geralmente, está associada à dor e ao sofrimento. No álbum falamos sobre esse processo, desde que uma pessoa entra no seu “inferno pessoal” e, depois, reage e sai de dentro dele.

Este é mais um álbum conceptual?

Sim, é.

Na concepção deste álbum, o que evoluiu no vosso processo criativo relativamente aos trabalhos anteriores?

Sempre que escrevemos um álbum, gostamos de fazê-lo depois de ter aprendido coisas novas, seja apenas em termos da música (harmonia, teoria musical, novos estilos) ou da produção musical. Não há razão para escrever novas músicas se vamos fazer a mesma coisa, novamente. Portanto, tentamos melhorar a cada álbum. Neste caso em particular,

aprendemos muitas coisas novas sobre a produção musical, já que o Carlos e eu trabalhamos em videogames, trilhas sonoras e propaganda. Isso deu-nos muito conhecimento. Também, nunca paramos de aprender coisas novas

// Marc é uma fera. Na minha opinião, tornou-se num dos melhores growlers da cena de death metal progressivo actual e aprendeu a dar mais de si quando canta na banda.

sobre música. Adoramos ouvir novas músicas, novos artistas. Então, quando começamos a trabalhar no novo álbum, muitas dessas coisas surgiram naturalmente.

Persefone escreveu esta afirmação: («Metanoia» é sobre uma jornada musical de evolução espiritual. Merkabah é um veículo para elevar a mente, Merkabah

pede meditação e confiança no processo. Com esta música, queríamos marcar um momento crucial no álbum e escrever sobre um desvio pessoal do antigo eu, uma transformação dolorosa e necessária para atingir novos patamares, libertar-nos do medo, e abraçar a vida como uma experiência incrível que recebemos... “de joelhos, ainda acredito”).

- Este álbum é mais um capítulo da vossa jornada espiritual?

Sim, claro! Nós nunca escrevemos letras sobre algo que não está a acontecer ou não aconteceu connosco de alguma forma.

- Que lições tiram daqui?

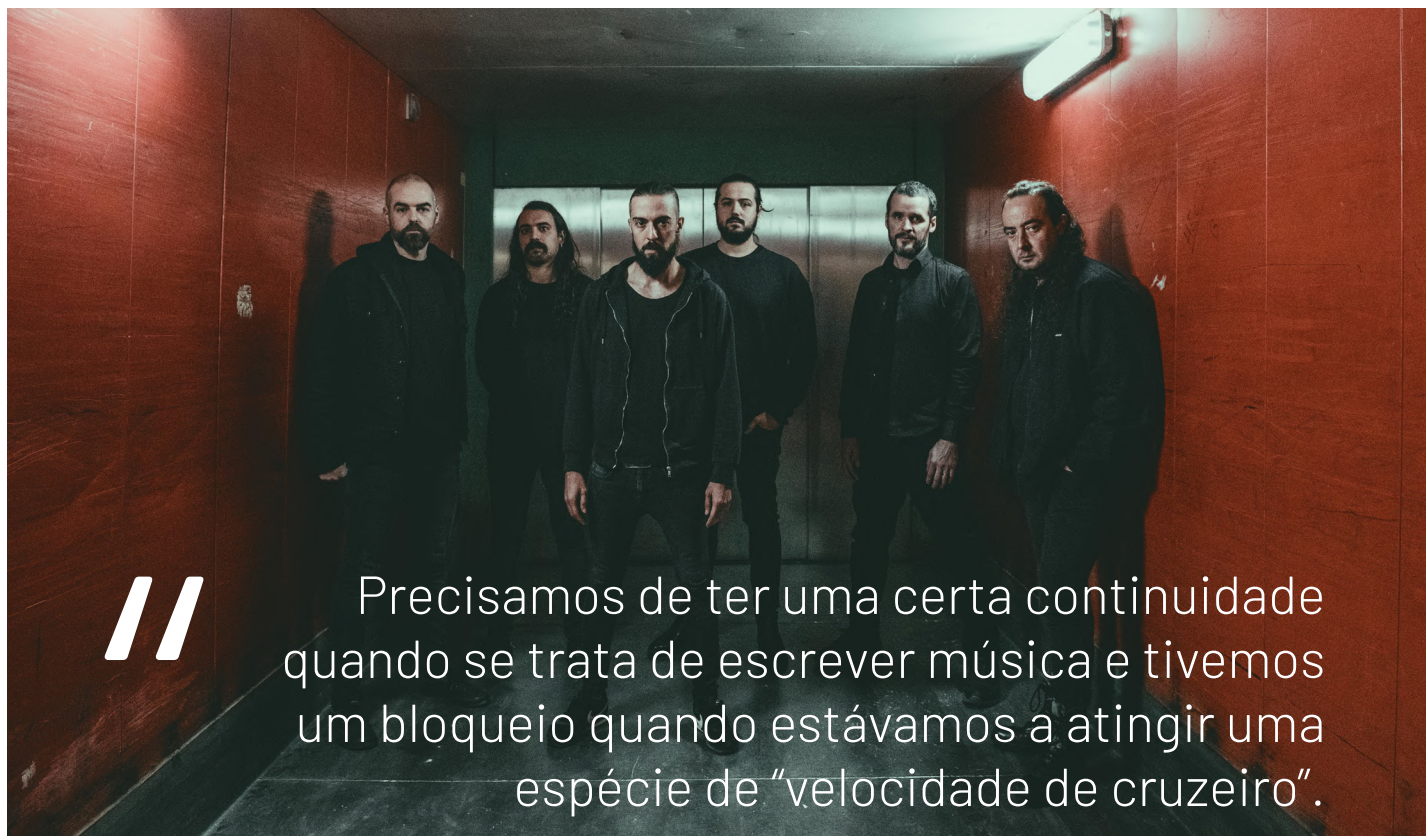
Para ser justo, cada lição espiritual que aprendemos deve ficar com cada um de nós, e não estou a referir apenas os membros da banda em si, mas também os fãs que podem ler as letras. A minha experiência é diferente da do Carlos, do Bobby ou de qualquer outro membro da banda, por isso, não adianta falar disso.

- Quais os obstáculos e dificuldades com que se depararam?

É muito difícil criar um álbum dos Persefone. A mais disso, tivemos também uma pandemia que dificultou ainda mais o processo. Precisamos de ter uma certa continuidade quando se trata de escrever música e tivemos um bloqueio quando estávamos a atingir uma espécie de “velocidade de cruzeiro”. Tivemos que parar e recomeçar alguns meses depois. Foi muito difícil, mas não queremos reclamar muito, pois conhecemos bandas que tiveram de parar as suas digressões e perderam muito dinheiro com isso, e outras bandas que tinham acabado de lançar os seus álbuns e foi mau porque não conseguiram fazer a devida publicitação desses álbuns... No final das contas, nós só precisávamos parar e começar de novo.

- Que mudanças registaram em vocês?

Como disse anteriormente, as minhas mudanças pessoais foram



Precisamos de ter uma certa continuidade quando se trata de escrever música e tivemos um bloqueio quando estávamos a atingir uma espécie de “velocidade de cruzeiro”.

diferentes das dos outros membros da banda, pelo que não acho que valha a pena falar sobre isso.

Um aspecto que me parece melhor neste álbum são as vocalizações: as límpidas do Miguel Espinosa Ortiz e os guturais do Marc Martins Pia. - O desempenho do Marc também parece estar melhor enquadrado com a sonoridade da banda. Concordam?

Marc é uma fera. Na minha opinião, tornou-se num dos melhores growlers da cena de death metal progressivo actual, e aprendeu a dar mais de si quando canta na banda. Isso combinado com a forma como as músicas se desenvolveram, de uma forma muito natural e orgânica, fez com que Marc encaixasse muito bem nelas.

- A voz do Miguel parece ter maior relevância neste álbum. O que podem dizer sobre isto?

O mesmo que aconteceu com o Marc. Todas as partes vocais do álbum estão lá porque as músicas o exigem. Se os meus vocais

aparecem mais do que em outros álbuns é, simplesmente, por causa disso. E, para dizer verdade, estou a gostar muito disso... hehehe.

Tal como em «Aathma», em «Metanoia», conseguiram ter alguns convidados especiais, nomeadamente, Einar Solberg (vocalista dos Leprous, na minha humilde opinião, detentor de uma voz soberba, uma das melhores da actualidade), que aparece logo no primeiro tema do álbum. Como surgiu esta oportunidade de trabalhar com o Einar?

Einar, assim como os outros elementos de Leprous, é amigo da banda desde 2012, desde quando fizemos uma digressão juntos. Queríamos convidá-lo já há muito tempo, mas nunca encontramos o espaço adequado para ele cantar. Então, pensamos que a sua voz na introdução deste álbum encaixaria na perfeição, pois a vibração cinematográfica dessa faixa achamos que podia ser perfeita para mostrar o incrível cantor que é. Em menos de dois minutos ele vai de uma voz muito delicada

a um final muito poderoso. Um desempenho incrível!

Apesar de a banda já ter dois guitarristas, o Carlos e do Filipe, os guitarristas Steffen Kummerer e Angel Vivaldi participam em “Anabasis Pt.2” ... qual foi a sua contribuição para esse tema? Ou seja, o que trouxeram de diferente?

Ao longo dos anos temos conhecido pessoas incríveis. Com o Steffen isso aconteceu porque, há alguns anos, o Carlos fez um teste para os Obscura (sim, ele faz essas coisas de vez em quando). Foi então que soubemos que o Steffen amava os Persefone e disse ao Carlos que deveria continuar com a banda, e não ir para os Obscura. A partir desse momento, tornaram-se amigos e foi fácil tê-lo no álbum. Aliás, o Steffen assina em Anabasis, mas não toca guitarra. Em relação ao Angel, descobrimos que ele adorava a nossa banda por causa de um comentário a uma publicação de um vídeo que fizemos há alguns anos atrás. Depois disso, começamos

a conversar e conhecemo-nos melhor num concerto que fizemos em Nova Iorque. Foi incrível tê-lo a tocar connosco. A sua forma limpa, apaixonada e elegante de tocar deu ao solo uma vibração, realmente, especial.

A vocalista Merethe Soltvedt reaparece neste álbum em dois temas. No entanto, tem uma contribuição um pouco discreta... concordam?

Sim! Adoramos a voz dela! Somos fãs da sua voz há anos, e gostamos quando ela canta, mas também sentimos que esses lugares devem ser muito especiais para que o ouvinte não se acostume a ela. Dessa forma, é realmente surpreendente, e agradável quando ela aparece!

Para a realização deste álbum, assinaram pela Napalm Records.

- O que é que vos levou a tomar esta decisão e como se desenrolou este processo?

Bem, para todas as bandas, ter uma editora discográfica como a Napalm a apoiar é muito importante. No nosso caso particular, queríamos assinar um contrato com uma grande editora discográfica, mas não a qualquer custo. Precisávamos saber se a editora gostava realmente da banda, se estavam dispostos a ajudar a banda a evoluir e a acreditar em nós como uma banda que pode crescer sem parar. Tínhamos várias editoras em mente quando estávamos a trabalhar no álbum, mas foi a Napalm que mostrou maior interesse por nós e, depois de vários encontros, ficou claro que iríamos assinar por eles.

- Que mudanças mais significativas ocorreram na banda? Alguma alteração na forma de trabalhar? Melhorias financeiras? O que nos podem dizer sobre isto?

Claro, houve mudanças na banda, mas acho que ainda é muito cedo para tirar quaisquer conclusões, pois começamos há pouco tempo a trabalhar com eles. Daqui a alguns meses, teremos uma visão melhor de como está a correr o

lançamento do álbum e poderemos constatar se a mudança foi boa.

Em termos de produção do álbum, foi reunida uma equipa de peso, os produtores Jens Bogren (At The Gates, Haken, The Ocean), Logan Mader (Gojira, Periphery, Once Human) e Jacob Hansen (Volbeat, Amaranthe, Epica), «Metanoia» foi misturado pelo David Castillo, que já que trabalhou com grandes nomes, nomeadamente Leprous, Soen e Opeth, e foi masterizado pelo Tony Lindgren (Enslaved, Ihsahn, Sepultura).

- Como foi trabalhar com eles e em que aspecto a sua contribuição foi decisiva para o resultado final deste álbum?

Na produção musical, há um ditado engraçado que diz o seguinte: "shit in, shit out". Mas é complicado porque se nossas gravações estiverem realmente boas, mas a mistura final e a masterização não, então apenas metade do trabalho fica feito. Portanto, desde alguns anos atrás, decidimos trabalhar com grandes produtores musicais. Nesse caso, escolhemos o David porque ele envolveu-se muito rapidamente na forma como o som do álbum deveria desenvolver-se. Ajudou-nos com as gravações e o resultado final é, provavelmente, o melhor que já tivemos.

A música de Persefone é muito impressionante e extremamente complexa. Como referi logo no início, a minha primeira impressão do álbum foi muito positiva. Mais concretamente, notei uma melhoria na composição, assim como, na forma como vocês tocam uns com os outros. Parece-me óbvio que actualmente são uma banda melhor. Concordam?

Uma banda é a combinação de seus membros e da sua equipa de suporte. Portanto, sim. Somos a melhor versão da banda que já existiu. No entanto, estou a referir-me, principalmente, à maneira como trabalhamos juntos. O núcleo principal que escreve a música ainda está lá, comigo e com o Carlos a escrever música,

mas agora também temos o Bobby muito envolvido na música, e também a trabalhar duramente no marketing da banda. Também temos o Filipe que é um artista de destaque e, além de apoiar o Carlos com a guitarra, tem trabalhado muito no merchandising da banda (designs): capas, artes em geral e vídeos com letras. E é claro que temos o nosso empresário, a nossa equipa, a nossa agência de reservas, etc. Todos esses profissionais têm contribuído para que os Persefone tenham crescido muito e considero que esta é a melhor versão da banda que já tivemos.

Há um aspecto em que estou um pouco desapontado com os Persefone: fui ver as datas dos vossos concertos para este ano e não vêm a Portugal! Em 2013, estiveram em Portugal, no SWR Barrocelas Metalfest XVI. Para quando o vosso regresso a Portugal?

Pois, isso também é decepcionante para nós. Pensa que o Filipe é de Portugal e adoraria tocar no seu país. O roteiro da próxima digressão com os Obscura não foi decidido por nós, mas sim pela agência de reservas deles. Mas temos vocês em mente para o futuro. Tenho a certeza de que voltaremos a Portugal nalgum momento.

O que podemos esperar de Persefone num futuro próximo? Irão começar a trabalhar num novo álbum? Teremos de esperar mais 5 anos por um novo álbum? Já começamos a pensar nalgumas ideias para o novo álbum, mas é muito cedo para dizer quando o lançaremos. Mas, claro, não está nos nossos planos esperar mais cinco anos por isso.

Mais uma vez, obrigado pelo vosso tempo e esperamos, sinceramente, vê-los em Portugal! Muito obrigado por nos receber! Também esperamos isso!

Facebook
Youtube

A Música, Os Músicos E As Suas Opiniões



Nunca como actualmente tivemos acesso às opiniões, desejos, opções e vidas dos nossos (ídolos) famosos. Alguns mostraram ser personalidades encantadoras com opiniões que se aproximam daquilo que sempre defenderam, outros com o advento das redes sociais tiveram palco para algo mais do que a música e mostraram ser perfeitos anormais com opiniões que vão para além da razoabilidade e do bom senso que deveriam ter como “fazedores de opinião” e de ídolos (alguns de massas).

O que eu gostava de deixar como “discussão” é o facto de ser possível e até razoável deixarmos de ouvir a música de alguém com

quem não concordamos com as opiniões, filosofia de vida e ideologias políticas ou se por outro lado devemos começar a ouvir alguém com quem nos identificamos ideologicamente mas cuja música não nos diz muito.

O que a mim me importa nos músicos que admiro é o trabalho musical que fazem, é a minha identificação com a sua música, em especial com os seus trabalhos instrumentais (as letras para mim não têm assim tanta importância). Ponto prévio, nunca vou deixar de ouvir alguém de quem discorde e também não me vai conquistar de grande maneira alguém com quem concorde mas cuja música não me diz muito.

É sempre agradável que os nossos ídolos tenham opiniões, ideologias próximas das nossas mas isso para mim nunca foi e provavelmente nunca será essencial para o meu gosto musical. Para mim música é música, será sempre música, um “local” de refúgio, de abstracção, onde “tudo” é possível e política e a vida real é outra coisa, que ultrapassa a música mas que, para mim, nunca a vai atingir.

Não é o facto de politicamente concordar com Tom Morello ou Bruce Springsteen que me vai fazer gostar mais ou menos dos seus trabalhos e por outro lado, as opiniões idiotas (na minha opinião) de Eric Clapton ou de Ted Nugent não me fazem admirar menos os músicos. No entanto é sempre agradável perceber-me ligado ideologicamente a gente como Paul Stanley e Jon Bon Jovi.

Defendo que todos, TODOS, devem ter palco para dar as suas opiniões mas devem estar também preparados para ouvirem e lerem o que não querem. Máxima liberdade, exige máxima responsabilidade.

Playlist

Adriano Godinho

Iron Maiden - Senjutsu
Jinjer - Wallflowers
The guitar trio - the guitar trio (1996)

Carlos Filipe

Swallow The Sun - Moonflowers
Rhapsody Of Fire - Glory For Salvation
Ereb Altor - Vargtimman
Amorphis - Tales from the Thousand Lakes
Ayreon - Into the Electric Castle

Cristina Sá

So Hideous – But a Pure Heart Can Sing
Ergolae Somptator – Mille vertiges fondent sur les âmes vides
Harakiri for the Sky – Maere
Demonstealer – The Holocene Termination
Amorphis – Silent Waters

Eduardo Ramalhadeiro

Death - The Sound of Preserverance
Amorphis - Halo
Amorphins - Under the Red Cloud

Emanuel Roriz

Jerry Cantrell - Brighten
Budda Guedes - Portugal desde a raiz
Turnstile - Glow on
The Picturebooks - The Major Minor Collective
Ministry - Psalms 69

Ernesto Martins

Atrophy - Violent by Nature
Borknagar - Borknagar
MØL - Diorama
Didier Lockwood - One World in Eight
Summoning - With Doom We Come

Gabriel Sousa

Chez Kane - Chez Kane
Tarantula - III
A.C.T. - Heatwave
The Black Crowes - Shake Your Money Maker
Kreek - Kreek

Gabriela Teixeira

Soen - Imperial
Pain of Salvation - In the Passing Light of Day
Riverside - Wasteland
Porcupine Tree - In Absentia
Orphaned Land - Mabool

Helder Mendes

Killing Joke - Hosannas From the Basements of Hell
Genocide - Genocide
Alice In Chains - The Devil Put Dinosaurs Here
Sinistro - Live at Roadburn
Children of Bodom - Hatebreeder

Hugo Melo

Funeral - Praesentialis in Aeternum
Doedsvangr - Serpents ov Old
Rotting Christ - Der Perfekte Traum
Cradle of Filth - Existence is Futile
Morte Incandescente - Vala Comum

João Paulo Madaleno

Alien Weaponry - Tangaroa
Opera Diabolica - Death on a Pale Horse
Leprous - Aphelion
Summoner's Circle - Chaos Vector
Ex Deo - The Thirteen Years of Nero



ERGHOLAE SOMPTATOR

Vontade de surpreender

Dois álbuns em um ano e meio: eis a prova da criatividade esufiante deste duo de Black Metal francês, que promete vir a ser um caso muito sério na cena da música extrema.

Entrevista: CSA

Saudações, Jérôme! Espero que esteja tudo bem contigo e com o outro elemento da banda. Está tudo bem connosco, obrigado.

Antes de mais, gostaria que nos apresentasses a tua banda e a sua história.

Jérôme – Ergholae Somptator é um duo de Metal. O Honoratus toca guitarra, eu a bateria e gritamos os dois a nossa poesia sombria na nossa língua materna. Fundámos a banda no sul de França lá por 2013 e lançámos por nossa conta e risco uma demo intitulada «Raptus du Fané», depois o mini-álbum «Morendo Jusqu'à la Fin». O nosso primeiro álbum - «Eau

Ardente» - saiu no ano passado pela Marwolaeth Records.

A propósito, que quer dizer o nome da banda (Ergholae Somptator)?

As duas palavras que compõem o nome da banda foram criadas intencionalmente para descrever o espírito criativo que emana do nosso duo. Trata-se da aliança de duas identidades – Honoratus e Jérônymous – que, combinados, dão origem a algo de novo. Queríamos encontrar um nome pouco usual, estranho e essas sonoridades que fazem pensar em línguas mortas agradaram aos nossos ouvidos. Criando palavras

abstratas evitamos restringir a nossa música a imagens concretas.

De que ingredientes é feita a vossa música? Sentem-se especialmente influenciados por alguma(s) banda(s) em particular?

A base da nossa música é Black Metal, mas não pretendemos dar continuidade a esta ou àquela corrente. Queremos antes abarcar o género na sua totalidade e até ir mais além. Não nos limitamos na associação das cores e das formas, enquanto não se dá a osmose do quadro final. Assim, não somos influenciados por nenhuma banda em particular, mas por todas as bandas de Metal extremo ou

outros gêneros, quer seja pela positiva, quer seja pela negativa. De qualquer modo, a nossa forma de compor é espontânea evitando todos os clichês do gênero.

Em 2020, deram-nos «Eau Ardente» e agora é a vez de «Mille Vertiges Fondent sur les Âmes Vides». Que criatividade!!! E dois excelentes álbuns \m/

Obrigado.

- Isto tem alguma coisa a ver com a maldita pandemia?

[Já entrevistei músicos que confirmaram que o confinamento lhes tinha dado mais tempo para criar.]

A pandemia não acelerou em nada a nossa produtividade. Na realidade, atrasou o lançamento de «Mille Vertiges Fondent sur les Âmes Vides». O álbum estava pronto no fim de 2020. Os acontecimentos associados à pandemia obrigaram a editora a retardar o seu lançamento.

O vírus não teve nenhum impacto na criação do álbum. Quando «Eau Ardente» saiu em março de 2020, o segundo álbum já estava composto, mas não tinha sido gravado. Felizmente, pudemos manter a reserva do estúdio e ir para lá assim que acabou o primeiro confinamento.

Se só decorreu um ano e meio entre o lançamento dos dois álbuns, não foi devido a uma renovação da criatividade, mas porque os processos de criação destes álbuns se sobrepuseram. O trabalho relacionado com «Eau Ardente» foi demorado, porque foi caótico e acabou por se desenrolar em dois períodos diferentes.

«Mille Vertiges Fondent sur les Âmes Vides» foi realizado de forma mais constante e ordenada. E assim aconteceu que os dois álbuns ficaram prontos quase ao mesmo tempo. Não trabalhamos de forma linear, ocupamo-nos de vários projetos ao mesmo tempo. Tivemos períodos de criação bulímicos durante os quais trabalhamos em muitas coisas algumas das quais ainda estão na gaveta.

“

Ergholae
Somptator é um
duo de Metal. O
Honoratus toca
guitarra, eu a bateria e
gritamos os dois a nossa
poesia sombria na nossa
língua materna. [...]

- Há alguma relação entre os dois álbuns no que diz respeito ao tema?

Os dois álbuns partilham o mesmo estado de espírito. Ambos tratam da humanidade, mas com relativismo, com altivez, comparando as suas pretensões e as suas imperfeições ao infinito do tempo e da natureza. O novo álbum aborda as coisas mais ao nível dos sentimentos, da emoção. Este álbum também tem um leitmotiv centrado no fogo, que atrai os seres, mas que também os faz fugir e os consome, tal como refere o dito latino «In girum imus nocte ecce et consumimur ingi» usado no livrinho.

- Como os associa (ou não) do ponto de vista musical?

O novo álbum destaca-se pelo diálogo entre a guitarra e o baixo e a sua eficácia, enquanto o precedente foi construído com base em estratos de guitarra caracterizados pela crueza. Esta mudança realça a essência da

nossa música, sem afetar os caminhos tortuosos que marcam a sua identidade. Mudámos a nossa maneira de compor e também a nossa produção. O primeiro foi gravado por nós com o nosso próprio material, enquanto o segundo foi misturado e masterizado no estúdio DismalSound com um excelente engenheiro de som.

Observei bem as capas dos dois álbuns e elas parecem-me bastante diferentes. «Eau Ardente» apresenta um fragmento de vitral (que não parece ter nada a ver com Black Metal), enquanto «Mille Vertiges» apresenta uma foto bem sombria (bastante típica do gênero). [Contudo, uma parte do vitral revela uma imagem bastante típica de Black Metal.] São obras do mesmo artista? Podemos atribuir a diferença de estilo aos temas de cada um dos álbuns?

Todos os trabalhos visuais são



“O novo álbum destaca-se pelo diálogo entre a guitarra e o baixo e a sua eficácia, enquanto o precedente foi construído com base em estratos de guitarra caracterizados pela crueza.

feitos por nós os dois. O vitral de «Eau Ardente» foi criado a partir de um dos meus desenhos e depois fotografado diante um castelo em ruínas. Portanto, a capa apresenta uma torre medieval vista através de um vitral colorido, como um símbolo Black Metal percecionado através de um prisma que deforma a imagem. Um prisma que é coerente com a imagem representada: o vitral é uma das grandes artes da Idade Média e a sua religiosidade intrínseca faz par com o misticismo associado ao Black Metal. A capa do segundo álbum é bastante abstrata, mas continuam a ser imagens relacionadas com o fogo um dos temas do álbum como já referi. Quisemos criar um logo especialmente para este álbum, que liga o nome da banda ao nome do álbum numa só imagem. É uma nova forma de reverter os códigos do género: é um logo, mas não tem a forma que seria de esperar.

«Eau Ardente» foi lançado uma editora inglesa [Marwolaeth Records], mas confiaram «Mille Vertiges» aos italianos da Code666. A que deve esta mudança de editora? Valeu a pena?
É uma nova experiência. O que

a Code666 propõe para a nossa música é maior, mais abrangente e pôs os nossos lançamentos num novo nível. É uma sequência lógica para nós, porque pôs este álbum numa dimensão superior. Por conseguinte, estamos contentes com a forma como as coisas evoluíram.

O álbum foi lançado na semana passada. Já têm reações dos fãs e da imprensa?

Não tivemos reações negativas. Pelo contrário, a imprensa teve uma reação muito favorável e parece ter compreendido bem o que fazemos, que o álbum é deveras aventureiro, mas também mais eficaz que o anterior. Tivemos mais reações, porque agora chegamos a mais pessoas graças à editora, muitas das quais não nos conheciam. Os que já tinham reparado em nós, em vários países, tiveram reações muito positivas.

Quais são os vossos planos para o futuro? Já têm um novo álbum a caminho?

Temos muitas ideias. Sabemos o que queremos e o que fazemos. Encaramos cada lançamento como um novo jogo, portanto a nossa música sofrerá várias evoluções e mudanças, mas manter-se-á fiel

à sua dimensão Black Metal. De facto, já temos um novo álbum a caminho, bem como um minialbum e outros projetos.

Contas continuar a tocar bateria e a cantar ao mesmo tempo no futuro ou já pensaste em ceder um desses instrumentos a um outro músico?

A bateria e a voz são os meus instrumentos em Ergholae Somptator e, às vezes, também me ocupo dos teclados, quando é necessário. Não estou interessado em passar alguns desses instrumentos a outros. Por outro lado, a nossa forma de trabalhar faz com que o Honoratus e eu estejamos presentes em todos os aspetos do processo criativo, portanto até interferimos com os instrumentos um do outro.

Queres deixar uma mensagem aos fãs portugueses? [Tenho a certeza que deve haver alguns.]

Espero que gostem do álbum! Portugal é um país que nos agrada, já tive a oportunidade de ir aí e o Honoratus também. Ficáramos encantados por ter a oportunidade de ir aí tocar.

Facebook
Youtube

The European Siege 2022

ARCH
ENEMY

behemoth

+ Special Guests

VARCASS

UNTO OTHERS

07 OUTUBRO 2022
COLISEU DE LISBOA

WWW.PRIMEARTISTS.EU

FACEBOOK.COM/PRIMEARTISTS | INSTAGRAM.COM/PRIMEARTISTSPT

PRIME
ARTISTS

EMPO

LOUD!

ST. VINCENT & THE MOUNTAINS
M/6



O velho e o novo

Gåte, com o seu som Folk, combina sons antigos e sons modernos para produzir trabalhos memoráveis e diferentes, apelativos para ouvidos mais exigentes.

Entrevista: CSA

Saudações! Espero que estejam todos bem. Não consegui encontrar muita informação sobre Gåte. O que podes contar-nos sobre a história da banda?

Sveinung Sundli – Gåte nasceu em 1999, quando a Gunnhild (a vocalista) tinha 13 anos. Tudo começou com um espetáculo de warm up para a banda sueca Garmarna num pequeno palco icónico em Trondheim, onde ainda vivemos. Num período de tempo muito curto e contra todas as nossas expectativas, tornamo-nos uma banda de renome na Noruega. Chegamos a disco de platina com o nosso segundo álbum. Nunca

ninguém tinha previsto que a nossa estranha mistura de Folk e Rock se tornaria tão popular. Em 2005, a Gunnhild queria focar-se no teatro e a banda dissolveu-se. Tirando umas presenças em 2009, não fizemos nada até termos recomeçado a banda em 2017.

Segundo percebi, o lado Folk é muito importante na vossa música. Podes comentar esta ideia?

Eu e a Gunnhild (somos irmãos) fomos criados numa família dedicada à música Folk. Desde muito cedo, aprendemos a tocar rabeca e a cantar à maneira tradicional. É claro que isso afeta

tanto o que a banda faz, como a qualidade e autenticidade do resultado final obtido.

Usam instrumentos tradicionais na vossa música? [Penso ter ouvido alguns instrumentos de percussão e de cordas neste álbum.]

Gåte, na versão acústica, usa rabeca Harding, rabeca normal e harpa.

Gåte tem quatro membros. Que papel desempenha cada um na banda?

Na realidade, somos cinco membros, mas no projeto acústico em que estamos agora a trabalhar



“[...] De certa forma, temos sido uma espécie de tesouro nacional da Noruega e não temos saído muito do país com a nossa música. Agora queremos tentar essa via [...]

somos só quatro: a Gunnhild, na voz e na rabeca, eu (Sveinung), no harmónio e no violino, o Magnus na voz também, na guitarra, no harmónio e na harpa, o Jon Even na voz, na percussão e no harmónio.

De que trata o vosso álbum [«Nord»]?

Este álbum tem uma parte que comporta versões acústicas de canções que fizemos e canções escritas em formato acústico. Contém várias canções tradicionais norueguesas com letras da Idade Média. Também temos canções que escrevemos recentemente e outras com música e letra de Knut Buen, violinista.

Que influências podemos sentir neste álbum?

Fomos inspirados por Wardruna e Heilung nas suas versões mais recentes. Embora eles não se envolvam na música Folk da mesma maneira que Gåte, parecemos que há alguma similaridade entre as nossas concepções de base e as novas canções que

escrevemos foram influenciadas pelos mesmos caminhos que eles seguiram.

Quem é responsável pela escrita (música e letras)?

Há melodias e letras que têm muitas centenas de anos ou mais, com partes que nós escrevemos. E é claro que os arranjos são nossos.

A capa apresenta uma bela pintura.

- Encontraram-na em algum lado ou encomendaram-na a alguém?

Não é uma pintura, é uma foto tirada por um talentoso fotógrafo que vive em Oslo.

- Como a relacionam com o tema central do álbum?

A fotografia foi tirada no norte da Noruega. Baseamo-nos na música mais antiga, mais autêntica do Norte, de que há transcrições.

A Indie Recordings anunciou o lançamento do álbum para 3 de dezembro. Que planos previram para esta ocasião especial?

Estamos a trabalhar com a Indie pela primeira vez e isso acontece, porque eles também têm contactos

no mercado fora da Noruega. De certa forma, temos sido uma espécie de tesouro nacional da Noruega e não temos saído muito do país com a nossa música. Agora queremos tentar essa via e trabalhar com a Indie parece fazer sentido. Estamos muito entusiasmados!

Querem deixar alguma mensagem para os nossos leitores relativa ao vosso novo álbum?

Este álbum é uma versão despida e acústica de «Riddle». Estamos muito orgulhosos do resultado e provavelmente usaremos o que aprendemos neste processo em futuros concertos e outras atividades. Mas também estamos ansiosos por ligar os amplificadores até ao 11 outra vez e ir para a estrada para fazermos grandes concertos. Gåte está claramente mais experiente. Somos uma das bandas mais intensas e melhores ao vivo com que o público se pode deparar!

Facebook
Youtube

In Crucem Agere

À terceira...

É hora de inovar ainda mais e de levar ainda mais adiante o som da banda, confidenciam Syknatt e P., os atuais membros da banda, a propósito do terceiro álbum que acaba de ser lançado

Entrevista: CSA

Saudações. Como têm passado? Espero que estejam ambos bem.

P. – Saudações. Obrigado. Estamos ambos bem, especialmente agora que o álbum já foi lançado!

In Crucem Agere surgiu em 2010. O que aconteceu durante estes 11 anos em que a banda tem andado por aqui.

Syknatt – Fundei a banda em 2010 com um duo com o Procreator, que assegurava as guitarras e a bateria, enquanto eu me ocupava da voz e do baixo. Nessa constelação, gravámos a nossa demo. O Procreator deixou a banda nesse mesmo ano e, um ano mais tarde, o Lord Sinister juntou-se a mim e ocupou-se da bateria e eu encarreguei-me da guitarra. Em 2012, o Valgautr entrou para a banda para tocar guitarra e assim gravámos o nosso álbum de estreia – «Cosmic Impulser» – que lançámos por nossa conta em 2015 e pela Wolfmond Productions em 2016. Depois do lançamento deste álbum, eu continuei sozinho, já que o Valgautr decidiu regressar à Islândia e a distância que me

separava do Lord Sinister, que vivia em Itália, tornou a colaboração demasiado difícil.

O ano de 2018 viu o lançamento do segundo álbum – «Graveyard of Lies» – e o P. juntou-se a mim como membro da banda a tempo inteiro. Também nesse ano, fizemos a nossa estreia ao vivo com uma formação completa. Pouco depois começámos a trabalhar em novo material, que viria a converter-se no novo álbum: «Calling the Void».

«Calling the Void» é o vosso terceiro álbum. Que ideias novas traz à cena Black Metal? Quem compôs a música? Quem escreveu as letras?

Syknatt – Começamos a combinar Black Metal tradicional com elementos de Death, Doom e Black Metal moderno. Contribuímos em igual proporção para a composição deste álbum.

P. – Tentamos não nos impor nenhuns limites no que toca ao processo de composição. Tendo em conta as bandas em que estou envolvido, In Crucem Agere é a que me dá maior liberdade na

composição das canções, porque apostamos na experimentação, sem, no entanto, esquecermos as nossas raízes que nos ligam ao Black Metal tradicional. Ou, para ser mais preciso, pode-se dizer que seguimos a tradição e os ideais do Black Metal, na medida em que ansiamos pela grandeza e por levar mais além as fronteiras do género. Metade das letras foram escritas pela Rebecca Andel, e a outra metade por mim em colaboração com o Syknatt.

Como se compara com os dois outros álbuns da banda («Cosmic Impulser», em 2015, e «Graveyard of Liars», em 2018)? [Têm lançado 1 álbum cada 3 anos!!!]

Syknatt – Nos dois primeiros álbuns, usámos uma abordagem Black Metal mais clássica, enquanto desta vez fizemos algumas experiências e incluímos as influências de ambos.

P. – O facto de eu me ter juntado à banda teve influência na forma de compor, mas, na minha opinião, todas as alterações no nosso som vieram de forma muito natural.

Não decidimos subitamente que queríamos fazer algo novo, as coisas foram acontecendo.

A capa apresenta um quadro muito bonito. Quem o fez para vocês? Como se relaciona com o tema central do álbum?

Syknatt – Foi criada pela artista Rebecca Andel, que também nos emprestou a sua voz. Decidimos usar essa pintura na capa, porque reflete muito bem o desespero e a desolação que enchem o álbum.

P. – Na realidade, ela pintou esse quadro há uns anos, para se libertar de um período difícil da sua vida. Diz que é uma espécie de “vômito de desespero em tela”. Já nessa altura eu o via como potencial capa de um álbum e «Calling the Void» pareceu-nos o candidato adequado, já que essa pintura está muito adequada a ele e reflete de forma precisa o que queríamos exprimir com a nossa música.

Os vossos lançamentos anteriores foram independentes (100 cópias para o primeiro álbum e apenas formato digital para o segundo de acordo com a Metallum) e agora assinaram contrato com uma editora italiana. Isto representa uma verdadeira diferença para a banda?

Syknatt – O segundo álbum também foi lançado em CD como edição de autor! Sobretudo devido ao facto de ICA ter sido um projeto de estúdio até 2018 e à pandemia que continua a tornar difícil fazer concertos, é importante colaborar com uma boa editora, para atingir uma audiência mais alargada.

P. – Penso da mesma maneira. Uma editora bem conhecida ajuda muito a promover a nossa arte, mas nós também beneficiamos da grande qualidade do próprio lançamento.

Que planos têm para o lançamento deste álbum? Vão fazer concertos?

Syknatt – Se houver interesse nisso, pretendemos fazer também uma versão em vinil e apresentar

«Calling the Void» ao vivo. Estamos abertos à ideia de fazermos concertos.

P. – Vemo-nos sobretudo como uma banda de estúdio, focada em escrever nova música. Contudo, estamos realmente interessados em fazer alguns concertos em lugares bem escolhidos no próximo ano.

Querem deixar alguma mensagem para os nossos leitores relativa ao novo álbum da banda?

Syknatt – Os que procuram os abismos tenebrosos da existência humana e gostam de melodias caóticas, encontrarão tudo isso em «Calling the Void».

P. – Obrigado pelo interesse na nossa música e pela oportunidade de falar um pouco sobre ela.

“[Neste ano] Começamos a combinar Black Metal tradicional com elementos de Death, Doom e Black Metal moderno.

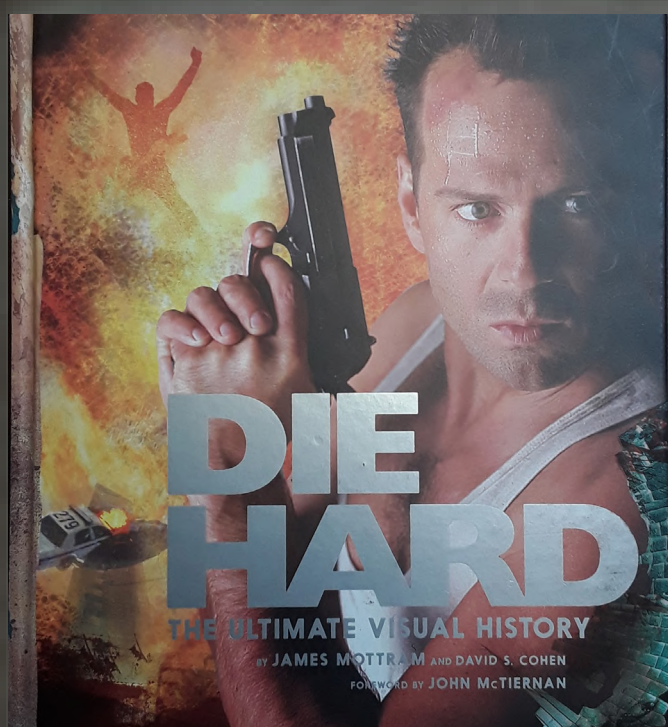
Facebook
Youtube



ANTRO

Por: Carlos Filipe

DE FOLIA



Os que acompanham esta rubrica da versus, dirão, “cá vamos nós outra vez” levar com o Die Hard (John McTierman, 1988) ou como “magnificamente” foi traduzido para Portugal, Assalto ao Arranha-céus. Este é por excelência, o filme de acção de todos os tempos, aquele que marca este género cinematográfico para sempre, e que tal como costume sardonizar como “filme de Natal”, que ao longo dos anos, por culpa dos médias audiovisuais, passou a estatuto de obrigatório, levando mesmo à já mítica frase “Não é Natal sem passar na TV o Die Hard ou o Sozinho em casa” – Este ano foi o Sozinho em Casa (sic). Como se um filme de terroristas que afinal são ladrões que assaltam o cofre de uma empresa Japonesa na véspera do Natal, fosse por si, um filme de Natal. Só mesmo porque se passa no dia 24 de Dezembro e no final começa a “nevar” papel porque como todos sabemos, não neva em Los Angeles, na Califórnia.

Este filme é um ícone do cinema de acção, e como tal, passou a ser um daqueles filmes que são escalpelizados e analisados minuciosamente, levando à publicação de inúmeros livros sobre a sua produção e influência, trazendo a público um sem número de interessantes pormenores que qualquer um por si podiam ter mudado completamente o decurso do filme que todos conhecemos. Um desses livros é “Die Hard – The Ultimate Visual History” de James Mottram e David S. Cohen da Titan Books (2018), que é uma autentica bíblia da serie de filmes no geral, mas sobretudo do primeiro filme em particular, dedicando metade do livro. O livro está repleto de artigos de produção e ainda trás uma planta da torre que serve de cenário principal do Die Hard. É com este livro que vamos viajar no fascinante mundo da concepção, produção e realização de Assalto ao Arranha-céus.

Nos anos setenta e oitenta, era muito comum os argumentistas ou candidatos a argumentistas terem uma ideia original e desenvolverem um argumento. Hoje, isto é bem mais difícil e raro de acontecer. Depois de fechado a história, era uma questão de submeterem o seu argumento a um estúdio, e se tudo corresse bem, era dado luz verde e o filme era produzido, e quem sabe até advir um blockbuster. São inúmeros os filmes que assim viram a luz do dia, e Die Hard, olhando de forma paradigmática, parece ser um desses filmes tal como foi Robocop, Alien, Indiana Jones ou mesmo Regresso ao Futuro só para citar alguns. Mas não, Die Hard é a adaptação de um livro de bolso – A outra forma de uma história dar um filme, naquilo que se apelida de adaptação literária – de Roderick Thorp, “Nothing Lasts Forever”. Melhor, Die Hard é por assim dizer, por herança



Die Hard forever!

(part I)

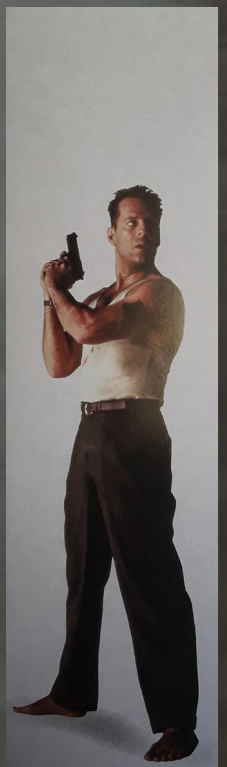
literária, a sequência de um outro filme “The Detective” (Gordon Douglas, 1968) com Frank Sinatra no papel do detective Joe Leland, que é adaptação do livro do mesmo autor “The Detective”, para o qual “Nothing Lasts Forever” é a sua sequência. Já agora, por atalhe de foice, quantos dos leitores da versus sabem que Rambo - a fúria de um Herói (Last Blood, 1981) deriva igualmente de um livro escrito por David Morrell, “First Blood” (1972, 2006 – headline)? Um destes Antros também irá ser alvo de dissecação.

A história do arranha-céus de “Nothing Lasts Forever”, segundo o seu autor, tem origem no filme monumental de 1974 “A Torre do Inferno” (The Towing Inferno, 1974), onde de um pesadelo veio a ideia para a escrita do livro. A base da história é a mesma que o filme: Joe Leland, 60 anos, divorciado, reformado da NYPD, tornou-se consultor de segurança, e voa até Los Angeles para visitar a filha Stephanie Gennaro, uma executiva numa multinacional do petróleo, no arranha-céus da empresa onde irá realizar a festa de Natal da empresa. No dito edifício, depois de retirar os sapatos após um estranho conselho dado por alguém no seu voo até L.A., verifica que o edifício foi tomado por terroristas liderados por Anton Gruber. Descalço e armado com uma simples, o ex-detective vai limpar os terroristas um a um.

A adaptação do livro de Thorp andava por Hollywood à espreita de uma oportunidade para se concretizar no filme, que seria a sequência de “The Detective” de 1968 produzido pela Fox com Frank Sinatra no papel principal. Um jovem argumentista, Jeb Stuart, teve em mãos a tarefa de escrever o argumento de “Nothing Last Forever”. Uma das inúmeras mudanças, talvez a mais icônica, foi abandonar o nome da personagem, “Joe Leland”, para inicialmente escolher “John Ford”, mas não lhe deixaram utilizar por ser um nome de referência no mundo da

realização Americana, escolhendo Jeb um nome que sobressaísse de uma lista de 50 nomes de família que escreveu e acabou por tropeçar em “McLane”, um forte nome de família escocesa. Jeb Stuart escreveu e entregou aos executivos uma primeira versão do argumento numa sexta-feira e foi de fim de semana. No Domingo, tinha a notícia que tinham adorado e que tinham dado luz verde ao projecto. Isto geralmente não funciona assim e até um filme ter a famosa “green light” pode levar meses. Neste caso do Die Hard, levou... 2 dias.

Com a luz verde, entrou em cena uma outra figura conhecida do cinema de acção, uma autêntica força da natureza, que irá ter um cunho preponderante no sucesso do filme, Joel Silver (Arma Mortífera, Predador, Trilogia Matrix). Joel Silver é aquele produtor que leu o argumento do Matrix, não percebeu nada da história, mas achou aquilo tão espectacular que avançou às cegas, para o que viria a ser um filme marcante no virar do século XX para o XXI. Quem acham que mudou o nome do argumento? Quem quis que o filme se chama-se “Die Hard”? Silver. Simplesmente porque sempre desejou fazer um filme chamado “Die Hard”. Assim o ditou, assim ficou. Sem argumentos, está decidido. Mal conheceu o argumentista original, Jeb Stuart, disse-lhe que eventualmente iria ser despedido, e assim foi: “Estás despedido, porque não te conheço.” Stuart ainda conseguiu ficar algum tempo mas Steven E. de Sousa (Predador, Instinto Fatal) acabou por ser quem afinou o argumento que deu no filme que conhecemos.



ANTRO DE FOLIA

Para que haja “Luz-Ação-Camera” é necessário um realizador que irá orquestrar toda a criatividade necessária para passar do papel para o celuloide, e em 1987, o realizador do momento era o Holandês Paul Verhoven que tinha acabado de realizar o estrondoso Robocop, transformando uma série B num blockbuster que ainda hoje, volvidos mais de 35 anos, continua a ser uma referência. Paul recusou e de imediato passaram para o realizador do outro grande filme de 1987, Predador, um tal de John McTierman (McT) do qual já foi alvo de dois Antros, Versus #41 e #42. Depois de ter recusado fazer o filme mais do que uma vez, McTierman lá acedeu a Joel Silver. O problema de McTierman era o argumento. Achava que a utilização do terrorismo não era entretenimento suficiente, qualquer que seja a razão. Assim, devido

se fazem passar por terroristas. Como todos sabemos, o elemento principal do filme é... já adivinharam, um arranha-céus. Ora, estes não se encontram a qualquer esquina, e depois de quase terem escolhido Houston, Texas pelos seus inúmeros arranha-céus, foi no próprio “quintal” do estúdio FOX que encontraram o seu arranha-céus, apelidado de Nakatomi Plaza. A Fox estava a construir o seu edifício Fox Plaza, o qual faltava só uns quantos andares para ficar concluído. Foi o timing perfeito, o edifício perfeito, no local certo para a produção – L.A., e a cereja em cima do bolo, tinham o que mais queriam, um terraço no topo com um heliporto para uma das cenas cruciais do filme. Se a busca pelo Nakatomi Plaza se revelou problemática, nada se pode comparar à procura do actor que iria interpretar John McLane. Hoje é indiscutível o trabalho realizado por Bruce Willis no papel de John McLane, mas este esteve quase para não acontecer. Primeiro, havia um senão contratual do filme anterior que deixou os produtores e realizador com o coração nas mãos. O contrato de Frank Sinatra em “The Detective” estipulava que ele tinha a primazia relativo a qualquer sequela futura. Ora, Die Hard tirado de “Nothing Last Forever” era uma sequela e Frank Sinatra seria John McLane se tivesse dito, sim. Para alívio de todos, Sinatra disse não, com uma frase lacónica: “Estou demasiado velho e demasiado rico”. Começou assim a ronda aos potenciais actores para o papel, entre os que disseram “não” Clint Eastwood, Paul Newman e Richard Gere para o qual o papel tinha sido escrito e só não aceitou por não se rever num filme de acção, enquanto há rumores sobre a oferta do papel a Arnold Schwarzenegger, Sylvester Stallone, Harrison Ford, Don Johnson, Burt Reynolds, James Caan e Richard “Macgyver” Dean



ao realizador McT, o terrorismo passou para segundo plano e o motivo principal passou a ser o assalto, afinal “toda a gente gosta de um bom assalto”. Com McT a bordo, a história e argumento evoluíram para algo muito melhor, onde Anton Gruber do livro original passou a chamar-se Hans Gruber e esta personagem passou a ser o catalisador do argumento, e quando o vilão passa a ser o cerne da história, é praticamente certo nascer daí um grande vilão. O cunho pessoal que McT acrescentou a Die Hard começa aqui. A metáfora era perfeita: Os ladrões que



Anderson.

No mundo de Hollywood, muito do que acontece é decidido em conversações à mesa, e foi num desses encontros com um famoso agente de actores que Joel Silver soube de um tal Bruce Willis que parecia talhado para o papel. Depois de ter visto Willis em "Modelo e Detective", Silver ficou convencido que este tinha o mesmo carisma que Mel Gibson ou mesmo James Cagney. Por seu lado e com uma carreira que não descolava, Bruce Willis necessitava tanto de Die Hard tal como Die Hard necessitava de um actor como ele. Mas, esteve quase para ter de "passar" a oferta, pois Willis ainda estava contratualmente ligado a "Modelo e Detective". Mas um milagre da vida aconteceu. Se Willis era o detective, Cybill Shepherd era a Modelo e Shepherd ficou grávida precisamente na altura certa que permitiu a Bruce Willis ir fazer Die Hard, enquanto Cybill ficou de licença de maternidade. Bruce Willis ficará eternamente agradecido a Cybill Shepherd referenciando que "se eu tivesse engravidado Cybill Shepherd, não teria conseguido um timing tão perfeito".

Com um herói vindo da classe trabalhadora, faltava agora arranjar um vilão que viesse da alta. Assim, a forma como foi desenvolvido a personagem de John McLane, deu azo à criação de um dos mais icónicos e inteligentes vilões do cinema: Hans Gruber. Por portas e travessas, o inglês Alan Rickman (que posteriormente foi coroado como Severus Snape na saga Harry Potter) foi escolhido pela produção e aceitou depois de algumas dúvidas relativo à participação num filme de acção – O homem vinha essencialmente do teatro – de Hollywood, um daqueles com H grande. O certo, é que Rickman decidiu encarar Hans Gruber longe do tradicional antagonista, interpretando não o clássico vilão, mas alguém determinado, conferindo-lhe tudo aquilo que McLane não era: Cosmopolita, elitista, arrogante. Com o Casting completo e a produção a avançar a olhos vistos, construindo aqueles cenários magistrais, desde o hall de entrada até à sala onde estão todos os reféns com a cascata, inspirados na obra do famoso arquitecto Frank Lloyd Wright, só faltava mesmo: Luzes, Câmara, Acção!



PALETES

Por: Carlos Filipe

Thundermother - «Heat Wave» (Suécia, Hardrock)

«Heat Wave», o título do quarto álbum dos Thundermother, O objetivo é nada menos do que o domínio do mundo do Rock 'n' Roll! A mistura especial que Thundermother cria neste álbum agrada todos os de rock 'n' roll, blues, punk e heavy metal. (AFM Records)



Frozen Soul - «Crypt Of Ice» (EUA, Death Metal)

Dallas, Texas Frozen Soul faz jus ao seu nome, com o som de death metal na sua forma mais fria e clássica. Riff após riff lento e opressores. A marca de death metal franco e direto é um sopro de ar fresco num gênero que ultrapassou os limites do tecnicismo. (Century Media)

Suffering Hour - «The Cyclic Reckoning» (EUA, Blackened death metal)

O power trio blackened death metal SUFFERING HOUR lança o seu segundo álbum, «The Cyclic Reckoning». A banda carregou seu senso de caos maniaco e estrutura da velha escola para o mundo da morte negra cósmica. «The Cyclic Reckoning» mostra a banda a disparar em todos os cilindros. (Earsplit)

Trillionaire - «Romulus» (EUA, Rock)

O enigmático coletivo de rock americano TRILLIONAIRE lança o seu primeiro álbum, «Romulus». Estes são um grupo de veteranos vindos de uma ampla gama de bandas de rock e metal proeminentes dos EUA, reunindo os seus talentos combinados numa mistura brilhante e contagiante de rock moderno. (Earsplit)

Age Of Woe - «Envenom» (Suécia, Death Metal/Crust Punk)

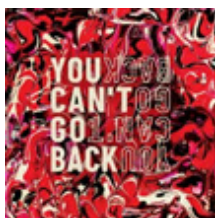
O som do quinteto inclui elementos entre doom, sludge, death e post metal. AGE OF WOE já está amplamente posicionado musicalmente. Mas a banda também quebra barreiras com uma formação dos quais os membros vêm da Suécia, Finlândia e Alemanha. «Envenom» é o terceiro LP de AGE OF WOE. (Lifeforce Records)

Demon Head - «Viscera» (Dinamarca, Doom Metal/Hard Rock)

DEMON HEAD é a constelação duradoura de cinco músicos internacionalmente aclamados. Eles cunharam o termo DIABOLIC ROCK como uma apresentação apropriada, criando a base de 10 canções onde instrumentos acústicos, cordas mellotron e órgão de igreja são exibidos em igual medida ao som. (Metal Blade Records)

Novae Militiae - «Topheth» (França, Black Metal)

Estamos entusiasmados em unir forças novamente com a horda de black metal satânico francesa Noavae Militiae, enquanto nos preparamos para o lançamento iminente pela primeira vez em formatos analógicos de «Topheth», seu novo terceiro LP completo. O álbum cheio de negatividade mais uma vez assume um sinistro esplendor ritualístico e litúrgico. (Independentes)



Sarin - «You Can't Go Back» (Canadá, Post-metal)

Quarteto pós-metal de Toronto, SARIN, lança o seu terceiro álbum, «You Can't Go Back». As seis faixas que compõem esta missiva carregada de emoção são introspectivas e comemorativas; o álbum perfeito para apresentar o pós-metal eufórico de SARIN a um público mais amplo e colocá-los no mapa do peso. (Prosthetic Records)

Werewolves - «What A Time To Be Alive» (Austrália, Technical Black/Death Metal)

O lançamento do segundo álbum dos WEREWOLVES, «What A Time To Be Alive», foi imediatamente seguido por uma praga global. «What A Time To Be Alive» avança corajosamente mais fundo na mistura de black e death metal e mostra os WEREWOLVES compondo e apresentando-se mais confiantes. (Prosthetic Records)

Dyslumn - «Cosmogonie» (França, Progressive Black/Death Metal)

Na última década, o DYSLUMN tem sido uma espécie de “azarados” anônimos da cena black metal francesa.

DYSYLUMN visa os sertões com o seu terceiro LP incrivelmente denso, «Cosmogonie». Este pode ser visto como uma experiência ambiente / atmosférica quanto orgulhosamente de black metal. (Signal Rex)

Bonfire - «Roots» (Alemanha, Hardrock)

Foram dois anos que viram a banda balançar incontáveis palcos em casa e no exterior antes de definir a barra ainda mais alta com a sua mais recente oferta: «Fistful Of Fire». Este é definitivamente um dos álbuns mais difíceis do Bonfire de todos os tempos. (AFM Records)



Adamantis - «Far Flung Realm» (EUA, Epic Power Metal)

11 músicas do clássico Power Metal épico de inspiração europeia! O relançamento da estreia universalmente aclamada de «Far Flung Realm» de ADAMANTIS - uma mistura atemporal e majestosa de power metal. Os ingredientes essenciais incluem duelos de guitarras e músicas que envolvem e inspiram. (Cruz Del Sur Music)

The Amenta - «Revelator» (Austrália, Death Metal)

«Revelator», o quarto álbum dos THE AMENTA da Austrália, são o culminar de quase 20 anos de experimentação coletiva em Death Metal não-conformista, dissonante, dinâmico e eletronicamente lacerado. THE AMENTA usou seu hiato de 7 anos para desconstruir metodicamente o seu som distinto. (Debemur Morti Productions)

Ionophore - «Knells» (EUA, Dark Ambient)

O quarto álbum completo de IONOPHORE, «Knells» é a continuação do bem recebido «Whetter». O álbum mostra o grupo explorando um som mais introspectivo e neoclássico, refletindo sobre uma sensação leve de quietude e ambiente noturno, interrompido por elementos de jazz letárgico. (Earsplit)

Dobbeltgjenger - «Smooth Failing» (Noruega, Rock)

Conhecida como uma banda extremamente diversa, estendendo o seu som em todas as direções, a banda de rock de Bergen Dobbeltgjenger, retorna com um disco soberbamente focado. «Smooth Failing» é preenchida até cima com groove e ritmos funky, e as músicas são cativantes do início ao fim. (Karisma Records)

Meantime - «Absent, In Recovery» (Inglaterra, rock / alternative)

Stefan Klein (guitarras) e Adam Stanley (vozes) uniram-se pelo o amor por grandes sons de guitarra e rock dos anos 90/2000, percebendo que, apesar de virem de mundos distantes, eles tiveram uma formação musical semelhante que tornou as suas visões perfeitamente sincronizadas. (OBSCURE Promotion)

Crypts Of Despair - «All Light Swallowed» (Lituânia, Death Metal)

A banda de death metal Crypts of Despair deu um salto quântico com o seu álbum de estreia. A música é ao mesmo tempo feroz, repleta de sons sobrenaturais e dissonantes, pontuados por uma ambiência assustadora e assustadora. Este é o álbum de death metal perfeito da época. (Other)

Sollust - «In(Versus)» (Portugal, Gothic/Doom Metal)

«In(Versus)» é o primeiro álbum lançado pela banda depois do EP de estreia. Neste álbum, várias influências serão perceptíveis, sempre assumindo como DNA o som progressivo associado a outros sons dentro do Hard Rock e Metal. Há uma evolução inata da banda. (Other)

Be The Wolf - «Torino» (Itália, Hard N' Heavy)

Be The Wolf está de volta ao lugar a que pertencem. O Seu quarto esforço marca uma espécie de retorno ao passado. O trio refaz toda a sua experiência artística em um trabalho cheio de sombras e luzes que engloba o frenesi pop da estreia, o tórrido rock blues e a atitude direta do terceiro álbum. (Scarlet Records)



Winterage - «The Inheritance Of Beauty» (Itália, Power Metal)

Winterage está pronto para liberar todo o seu potencial e atingir um público mais amplo com seu novo e ambicioso esforço. «The Inheritance Of Beauty» é um poderoso opus de metal sinfônico com fortes influências vindas do folk irlandês, da música clássica e medieval. (Scarlet Records)

Fuath - «Il» (Escócia, Atmospheric black metal)

Traduzido como “ódio” em gaélico, FUATH é o desdobramento do black metal atmosférico de Andy Marshall do SAOR. Inspirando-se no período indiscutivelmente mais fértil e explosivo do black metal - do início a meados da década de 1990. Marshall decidiu transformar o FUATH em um projeto sério. (Season of Mist)

The Lions Daughter - «Skin Show» (EUA, Horror Metal)

Na primeira parte de sua carreira, THE LION'S DAUGHTER estava profundamente enraizada no metal enegrecido. Quando chegou a hora do álbum número três, o trio de St. Louis abandonou toda a tradição e abraçou um novo território com «Future Cult», um disco de metal carregado de sintetizadores que poderia facilmente servir como banda sonora para um filme de Dario Argento. (Season of Mist)

Chaos Echos - «Ecstasy With The Nonexistents» (França, Experimental Death Metal)

O testamento final dos deuses absolutos do death metal experimental underground. «Ecstasy With the Nonexistents» mostra os alquimistas franceses metamorfoseando-se e manipulando algumas de suas faixas mais icônicas, para subverter e transcender sua própria identidade. (Sentient Ruin)

Dsknt - «Vacuum Γ-Noise Transition» (Suíça, Black Metal)

Os escultores suíços de black metal DSKNT estão de volta com o seu imenso LP «Vacuum γ-Noise Transition», um pesadelo devorador de aniquilação sônica onipotente concebida nos limítrofes da sanidade, assumindo uma forma hedionda através de um labirinto devastador de fractais de guitarra. (Sentient Ruin)



Plague Organ - «Orphan» (Holanda, Avantgarde Black/Death Metal)

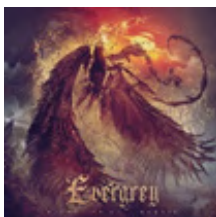
Com influências que vão do jazz de forma livre desviante, drone e dark ambient, ao black e death metal, Plague Organ estreia com o seu primeiro LP, «Orphan», um mantra de experimentalismo desviado e repleto de encantamentos invertidos destinados a perfurar a sua mente e destruí-lo da sua sanidade. (Sentient Ruin)

Valdaudr - «Drapsdalen» (Noruega, Black Metal)

Viagem no tempo para a gloriosa era do Black Metal norueguês dos anos 90 com o épico álbum de estreia de VALDAUDR! Embora a música seja uma continuação do Cobolt 60, VALDAUDR é algo diferente, já que Vald tem um estilo vocal totalmente diferente e com alguns vocais limpos aqui e ali. (Soullseller Records)

Xeper - «Ad Numen Satanae» (Itália, Black Metal)

“Ad Numen Satanae” - o novo álbum marcante do XEPER cheio de poder, grandeza e paixão! Formado em 2007 em Treviso, Itália, pelo guitarrista Guh.Lu, mais conhecido como ex-integrante de bandas internacionais como Setherial, Impiety, XEPER apresenta o seu quarto álbum. (Soullseller Records)



Evergrey - «Escape Of The Phoenix» (Suécia, Progressive Metal)

Preparando-se para o lançamento de seu aguardado 12º álbum, a banda sueca de metal progressivo EVERGREY está em um ponto de sua carreira que muitos de seus colegas só podem sonhar. Com «Escape Of The Phoenix», outra jornada pesada, melancólica e instigante como só EVERGREY pode criar. (AFM Records)

Lake Of Tears - «Ominous» (Suécia, Gothic Metal/Progressive Rock)

O novo lançamento de LAKE OF TEARS é a banda sonora perfeita para dias curtos e cinzentos e noites longas, frias e escuras. Os pioneiros suecos da música dark, finalmente revelam seu mundo sinistro de pensamento. Depois de longos anos e matemática complicada vem «Ominous». (AFM Records)

Angelus Apatrida - «Angelus Apatrida» (Espanha, Thrash Metal)

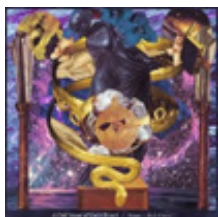
Formado há quase exatamente 20 anos, Angelus Apatrida mais do que ganhou reputação como grandes nomes do thrash metal moderno. Uma das poucas bandas espanholas a desfrutar de reconhecimento internacional. O esforço autointitulado surgiu de sessões extremamente criativas e isoladas. (Century Media)

Superlynx - «Electric Temple» (Noruega, Doom / Psych)

O terceiro álbum do trio Doom / Psych, Superlynx, de Oslo, é uma continuação e um desenvolvimento posterior de ambientes não explorados anteriormente. O título do álbum é uma referência ao jeito de Jimi Hendrix ver a música. (Dark Essence Records)

Blindfolded And Led To The Woods - «Nightmare Withdrawals» (Nova Zelândia, Technical Death Metal)

O quinteto de death metal progressivo baseado na Nova Zelândia, BLINDFOLDED AND LED TO THE WOODS, apresenta o terceiro álbum da banda, «Nightmare Withdrawals», um disco que já mostra a banda numa embarcação imparável para o próximo nível de dizimação técnica. (Earsplit)



Myopic At The Graves - «A Cold Sweat Of Quiet Dread» (EUA, Progressive Doom)

O trio de doom progressivo baseado em Washington DC, MYOPIC, e a unidade one-man doom / sludge de Baltimore, Maryland, AT THE GRAVES lançam «A Cold Sweat Of Quiet Dread», um LP colaborativo. MYOPIC continuou a sua progressão para composições mais lentas, mais longas e mais extensas. (Earsplit)

The Crown - «Royal Destroyer» (Suécia, Melodic Death/Thrash Metal)

Tendo celebrado seu trigésimo aniversário em 2020 [seus primeiros oito anos como Crown Of Thorns], The Crown provou ser uma das forças mais duradouras do death metal. Em 2021, eles aumentaram a parada com Royal Destroyer, um recorde que estabelece um novo padrão para o gênero. Tem de tudo - o material de death metal do início dos anos 90, as melodias assustadoras, o thrash, o punk, o grind, o heavy metal e as coisas mais épicas e doomy. (Metal Blade Records)

Msg (Michael Schenker Group) - «Immortal» (Alemanha, Heavy Metal/Hard Rock)

MSG é um nome lendário. Depois de duas gravações fenomenais sob o disfarce de Michael Schenker Fest, um verdadeiro herói da guitarra está retornando às suas raízes. Ao formar o Michael Schenker Group (MSG) em 1979, Michael Schenker lançou as bases para uma das mais gloriosas carreiras solo do hard rock de todos os tempos. (Nuclear Blast)

Profond Barathre - «Tinnitus» (Suíça, Ambient Black Metal)

Profond Barathre é a fantasia extática de dois irmãos em Cristo, evocando a grandeza fria de sua Suíça natal com o seu trovejante som pós-black metal. Profond Barathre regressa com seu terceiro álbum «Tinnitus». É o uivo definitivo de um velho cão moribundo. (Other)

Wrathrone - «Eve Of Infliction» (Finlândia, Death Metal/Death 'n' Roll)

A terceira obra de assassinos finlandeses, Wrathrone, cheira com segurança a podridão e pus. A fonte de influências é variada, mas ainda se apoia firmemente na abordagem da velha escola. A força sônica esmagadora das músicas leva-o ao fundo do abismo. (Other)



Aeonblack - «The Time Will Come» (Alemanha, Heavy Metal)

Aeonblack, fundada em 2003, apresenta o seu segundo LP «The Time Will Come», no qual eles erguem a bandeira do heavy metal tradicional, mas dispostos a dar um novo folego ao gênero. O LP oferece uma enorme parede de som em 11 músicas com riffs agressivos poderosos e vocais clássicos melódicos a gritos. O vocalista faz lembrar Rob Halford. (MDD Records)

Pupil Slicer - «Mirrors» (Inglaterra, Mathcore)

Vindos de Londres, Reino Unido, os PUPIL SLICER lançam o seu álbum de estreia, «Mirrors». Combinando todas as arestas do mathcore angular com a intensidade esmagadora do grindcore, «Mirrors» captura a energia frenética que impulsiona PUPIL SLICER para a frente. (Prosthetic Records)

Summoning The Lich - «United In Chaos» (EUA, Melodic Death Metal/Deathcore)

SUMMONING THE LICH lança o seu álbum de estreia, «United In Chaos». Eles têm uma atenção aos detalhes e apresentam uma narrativa inigualáveis. «United In Chaos» conta a história da ascensão do Lich e da queda do Reino de Rodor em canções repletas de ganchos memoráveis e riffs substanciais. (Prosthetic Records)

Wolf King - «The Path Of Wrath» (EUA, Blackened Heavy Metal)

WOLF KING voltou, sem perder nada, a banda favorita de heavy metal enegrecido da Bay Area criou uma obra de doze faixas. «The Path Of Wrath» conta contos da vida real de lutas existenciais e explorações de vida e morte. (Prosthetic Records)



Band Of Spice - «By The Corner Of Tomorrow» (Suécia, Hard N' Heavy Rock)

Desde que o brilhante Spiritual Beggars entrou no cenário pesado em meados dos anos 90, a voz e o carisma de Spice sempre foram sinônimos de boa composição, atitude rock e um toque agriado de melancolia. «By the Corner of Tomorrow», o novo álbum da banda, é uma coleção fluida de canções ricas em variação, vibração e um sentimento melódico inquestionável. (Scarlet Records)

Odd Dimension - «The Blue Dawn» (Itália, Progressive Metal)

Odd Dimension deixou uma marca permanente na cena internacional do metal progressivo. A abordagem criativa da banda rejeita qualquer aplicação a implicações ideológicas ou metafísicas, que concebe a música como uma cura para seus medos e um catalisador de desejos. Coração e cérebro, paixão e racionalidade... progressivo e metal! (Scarlet Records)

Wythersake - «Antiquity» (EUA, Blackened Death Metal)

Combinando o lado sofisticado e progressivo / melódico dos mestres death-black escandinavos dos anos 90 com a ferocidade e o frenesi americanos, Wythersake é a banda que a cena do metal extremo deseja há muito tempo. (Scarlet Records)

Spire - «Temple Of Khronos» (Austrália, Black Metal)

Os obscuros futuristas de dark metal australianos Spire regressam com o seu imenso LP «Temple of Khronos», uma obra-prima do metal extremo psicodélico / progressivo do mais alto nível que irá desassociar o ouvinte e teletransportá-lo para fora de sua própria consciência, realidade, e do eu. (Sentient Ruin)

Wolvennest - «Temple» (Bélgica, Experimental Psychedelic Black Metal/Ambient)

WOLVENNEST propõe um processo de composição de loops de guitarra, batidas repetitivas, teclas de sintetizador misturadas com vocais hipnóticos escurecidos. «Temple» foi descrito como uma mistura de sons psicodélicos Krautrock dos anos 70 misturados com Black Metal norueguês do início dos anos 90. (Ván Records)



Zaratus - «In The Days Of Whore» (Grécia, Black Metal)

Com base nas raízes profundas do black metal autêntico, mas com muitos elementos épicos, majestosos e além dos limites, ZARATUS cria uma identidade única em estilo e som, que os faz se destacar. o álbum contém 7 faixas com uma duração total de 48 minutos. (Ván Records)

Orden Ogan - «Final Days» (Alemanha, Power Metal)

ORDEN OGAN estão na vanguarda do power metal. O novo álbum «Final Days» é um verdadeiro smasher e mostra que o grupo alemão está entre os melhores compositores do heavy metal. «Final Days» combina finesse com riffs enormes, arranjos inteligentes com grandes melodias. (AFM Records)

Decline Of The I - «Johannes» (França, Post-Black Metal)

DECLINE OF THE I é uma combinação de letras multifacetadas, pós-black metal e exploratórias, que abordam tópicos de filosofia existencial. Originário da França, «Johannes» segue uma abordagem diferente baseada na produção do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard. (Agonia Records)

1782 - «From The Graveyard» (Itália, Doom Metal)

«From The Graveyard» é o segundo álbum da banda Occult Doom 1782. Neste álbum há um salto de qualidade e as oito faixas e 43 minutos de puro escuro Doom, com riffs lentos e poderosos, e bateria pesada e massiva. É o trabalho mais pesadas que fizeram até agora. (All Noir)

Escumergamënt - «... Ni Degu Fazentz Escumergamënt E Mesorga» (Suécia, Black Metal)

Escumergamënt é uma banda recém-nascida que esconde músicos de longa data da cena black metal Sueca, com uma abordagem essencial e tradicional. O álbum é composto por seis músicas, cada uma é uma chave que se abre num conceito muito maior. Espere um black metal misterioso e obscuro. (Avantgarde Music)

Suicide Forest - «Reluctantly» (EUA, Atmospheric/Depressive Black Metal)

Três anos depois da estreia, Suicide Forest regressa com «Reluctantly», um 2º LP que desenvolve ainda mais a sua arte. Muda de coordenadas clássicas de black metal depressivo e expande sua paleta de som. Como resultado, este estabelece uma ponte entre DSBM, black metal atmosférico e blackgaze. (Avantgarde Music)

Eyehategod - «A History Of Nomadic Behavior» (EUA, Sludge/Doom Metal)

O novo álbum de EYEHATEGOD, «A History of Nomadic Behavior», é um reflexo do caos e da euforia que a banda experimentou nos últimos três anos. Confrontando a escravidão da negatividade por meio de sons, riffs e letras ferozmente agressivos e criativos. EYEHATEGOD expõe brutalidade para libertar. (Century Media)

Witherfall - «Curse Of Autumn» (EUA, Heavy/Progressive Power Metal)

WITHERFALL é imparável! O rolo compressor do heavy metal melódico dark de Los Angeles abre novos caminhos e tece novos contos no novo álbum «Curse of Autumn». Desde a composição expressiva e a capacidade do grupo de transformar a música popular na narrativa do álbum, WITHERFALL está destinado aos mais altos (heavy metal) com «Curse of Autumn». (Century Media)

Forhist - «Forhist» (França, Atmospheric Black Metal)

FORHIST é a mais recente encarnação de Vindsvæl, a entidade sem rosto por trás do lendário BLUT AUS NORD. Inspirado pela cena Black Metal norueguesa dos anos 90, FORHIST é uma caminhada solitária em bosques profundos onde a escuridão emergiu. FORHIST é puramente um ato de Black Metal cru, íntimo e poético: um mundo de sonhos assombrado de riffs harmoniosos mas selvagens e malevolência vocal. (Debemur Morti Productions)

Hiraki - «Stumbling Through The Walls» (Dinamarca, Progressive/Avant Noise Rock)

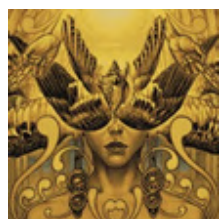
Como parte da florescente cena underground da Dinamarca de música dark e pesada, o trio HIRAKI implanta um estilo agressivo de synthpunk progressivo à beira do abismo. HIRAKI mostrou-se mais desequilibrado e explosivo no seu segundo álbum, «Stumbling Through The Walls». (Earsplit)

Nixil - «All Knots Untied» (EUA, Black Metal)

NIXIL é a expressão da profunda frustração existencial de quatro indivíduos em colaboração. «All Knots Untied» é uma manifestação de caos, raiva, força e desespero. Ao longo de seis salmos sórdidos, NIXIL expõe um turbilhão de coquetéis alquímicos, criando um som expansivo de black metal atmosférico. (Earsplit)

Plaguewielder - «Covenant Death» (EUA, Blackened Sludge Metal)

Os nativos de Ohio, PLAGUEWIELDER, estão de volta com o seu terceiro álbum, «Covenant Death». A arte da capa do álbum, um breve teaser e muito mais foram publicados. Vindo do deserto económico no sector sudeste de seu estado natal, PLAGUEWIELDER é uma dupla de energia do metal extremo. (Earsplit)



Dvne - «Etemen Anka» (Escócia, progressive metal/doom)

Dvne é uma banda de grandes contrastes, tecendo peso titânico e delicadeza intrincada, ideias líricas complexas com enredos envolventes, e isso só foi expandido e concentrado no segundo álbum «Etemen Anka». O nome da banda é uma referência ao eterno épico de ficção científica Dune, de Frank Herbert. (Metal Blade Records)

Epica - «Omega» (Países Baixos, Symphonic Metal)

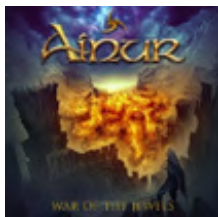
Monumental não é nem mesmo uma palavra forte o suficiente para descrever a nova oferta dos EPICA «Omega». No seu oitavo álbum, os titãs holandeses do metal sinfónico vão sem esforço e astuciosamente lançar a sua maior, mais grandiosa e mais vistosa obra de todos os tempos. (Nuclear Blast)

Ricky Warwick - «When Life Was Hard Fast» (Irlanda do Norte, Rock)

Nascido em Newtownards, County Down, Irlanda do Norte, o cantor / compositor / guitarrista Ricky Warwick moldou-se no meio operário. Ricky e sua família mudaram-se para a Escócia e foi aqui que Warwick mergulhou totalmente nos mares sónicos do Rock'n'Roll. (Nuclear Blast)

Cambion - «Conflagrate The Celestial Refugium» (Internacional, Death Metal)

Sem qualquer hesitação, é seguro dizer que «Conflagrate the Celestial Refugium» entrega uma blasfémia de Death Metal implacável cheia de musicalidade irresistível de alto nível e intensidade explosiva. CAMBION demonstra diferentes maneiras e avanços em como criar destruição sonora total. (Other)



Ainur - «War Of The Jewels» (Itália, Symphonic Metal)

Já se passaram 17 anos desde que Ainur pensou em transformar a obra-prima de Tolkien “O Silmarillion” em música. O seu próximo álbum «War of The Jewels», mostra a banda numa evolução interessante, imergindo completamente nas atmosferas de guerra de J.R.R.Tolkien. (Other)

Les Chants Du Hasard - «Livre Troisième» (França, Symphonic Black Metal)

LES CHANTS DU HASARD é o projeto de Hazard. Nasceu com a ideia de que o Metal é um estilo musical que lida com emoções extremas, raiva, violência, escuridão e desespero e cujo objetivo é criar uma experiência auditiva dessas emoções, algo mais do que apenas música, afogaria o ouvinte. (Other)

Memoriam - «To The End Not Final» (Inglaterra, Death Metal)

É o início de uma nova era. A máquina está bem oleada, o plano é excelente - MEMORIAM lançou o seu quarto álbum de estúdio! Mais uma vez, o ritmo é monstruoso, os riffs mortalmente impiedosos e a atmosfera opressiva, paralisante, até mesmo opressora. (Other)



Necronomicon - «The Final Chapter» (Canadá, blackened death metal)

O Thrash Cult está de volta! «The Final Chapter», o novo álbum do NECRONOMICON! Melhor e mais difícil do que nunca! As músicas em “The Final Chapter” são intrincadas, contundentes, velocidade total e poderosa, tudo em um pacote. (Other)

Plasmodium - «Towers Of Silence» (Austrália, Cosmic Black Death Metal)

A banda australiana Plasmodium chocou os ouvintes com a sua estreia, que foi uma expressão incrível de black / death metal espacial e complicado como nenhum outro. Para seu segundo álbum, eles aproveitaram os mesmos ideais e incorporaram elementos atmosféricos. (Other)

Sullen - «Nodus Tollens - Act 1 Oblivion» (Portugal, Progressive Metal)

Os master-proggers portugueses SULLEN, lançam o seu álbum LP «Nodus Tollens», um neologismo de John Koenig usado para definir o sentimento de insegurança. «Nodus Tollens - Act 1: Oblivion» retrata a apreensão da realidade e a necessidade de uma mudança de paradigma. (Other)

Syning - «Syning» (Noruega, Black Metal, Ambient)

Mais uma vez, a escuridão vem rastejando ... SYNING. O Black Metal assustador e desesperado apresenta-se num ambiente tão distante. O resultado é algo diferente, mas assustadoramente familiar. Este projeto leva-o num passeio em direção ao apocalipse e tudo o que está além. (Other)

Wode - «Burn In Many Mirrors» (Inglaterra, Black Metal)

Com a sua 3ª explosão de black death metal profano, WODE lança «Burn In Many Mirrors», o seu trabalho mais selvagem e predatório até então. Com seis novas faixas de ferocidade infernal meticulosamente convocada, WODE queima a paisagem e a envolve no fedor da névoa da morte. (Other)

Black Moon Mother - «Illusions Under The Sun» (EUA, Psych-Rock/Doom/Shoegaze Metal)

Uma mistura impressionante e única de Psych-Rock, Doom Metal e shoegaze da cidade musical de Nashville! Black Moon Mother mistura sons leves e pesados que vêm de elementos do Psych-Rock, Pop, Doom Metal e Shoegaze. (Petrichor)

Grief Collector - «En Delirium» (EUA, Doom Metal)

Grief Collector apresenta uma música em camadas com os vocais de Robert Lowe combinados com uma produção áspera que culminou em «En Delirium». Não perca a voz épica da desgraça de Robert Lowe combinada com as serenatas repletas de tragédias épicas. (Petrichor)

Video Nasty - «Video Nasty» (Canadá, Thrash Metal)

Video Nasty é um projeto de Thrash / Death / Speed Metal de Calgary / Vancouver, Canadá, iniciado por Jordan Schmitt. Jordan queria começar um projeto que lidasse com todos os filmes de terror dos anos 70/80/90. Isso junto com o furioso Metal era a combinação perfeita. (Petrichor)

Depths Of Hatred - «Inheritance» (Canadá, technical death metal)

DEPTHS OF HATRED limpou o quadro e regressou com o seu novo álbum, «Inheritance». Com um novo vocalista, um novo som e uma nova energia, eles não perderam a vantagem técnica que os fazia destacar-se do

death metal. (Prosthetic Records)

Altarage - «Succumb» (Espanha, Death Metal)

ALTARAGE entrega que o burburinho underground prometia. O seu quarto álbum, «Succumb» está repleto de fúria death metal negra e dissonante, que evoca imediatamente uma infinidade de imagens sinistras no cérebro. (Season of Mist)

Vreid - «Wild North West» (Noruega, Black 'n roll)

Desde o seu início tumultuado, a cena do metal norueguês sempre foi pioneira. Ao abraçar a ilustre história do black metal como parte de sua herança musical, as muitas bandas icônicas evoluíram em várias direções. Liderando o movimento black 'n roll na Noruega, os VREID são o exemplo perfeito disso. (Season of Mist)

Cryptosis - «Bionic Swarm» (Holanda, Progressive Thrash Metal)

É hora de abrir caminho para a erupção futurística de multi-metal de CRIPTOSIS. O magnífico resultado desta transformação criativa é revelado com o seu extraordinário álbum de estreia. O trio holandês segue um curso natural e idiossincrático, que invoca músicas pesadas que ousam pensar diferente. (Century Media)

Enforced - «Kill Grid» (EUA, Thrash Metal/Crossover)

Os crossover maníacos da Virgínia ENFORCED lançam o seu novo álbum, «Kill Grid». Informado por uma incrível seção cruzada de extremos - de thrash e punk a death metal e hardcore - o grupo emergente lança uma bomba coletiva de nove canções de morte devastadora em tempos apáticos. (Century Media)

Sanguisugabogg - «Tortured Whole» (EUA, Death Metal)

SANGUISUGABOGG, os novos mercadores gore cuja reverência pelo death metal da velha escola é igualada apenas por sua celebração sem remorso de respingos. «Tortured Whole», a estreia do quarteto de Ohio é uma demonstração de death metal tradicional da mais alta ordem. (Century Media)

The Pretty Reckless - «Death By Rock And Roll» (EUA, Hard Rock)

Rock 'n' roll é uma religião. É um compromisso com um ideal, um sistema de crenças. O estilo de vida e as armadilhas podem parecer glamorosos e românticos, mas o caminho não é fácil. Requer persistência e muita fé. Incorporando integridade inabalável e servindo hinos intransigentes há 12 anos. (Century Media)

The Antikaroshi - «Extract Transform Debase» (Alemanha, Avant/Post-Rock)

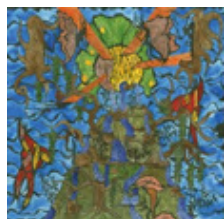
O trio alemão de vanguarda / pós-rock THE ANTIKAROSHI apresenta seu quinto LP, «Extract.Transform.Debase». O ANTIKAROSHI é o nome de uma canção indesejada escrita, tocada e gravada por uma necessidade implorante de fazê-lo. (Earsplit)

Messier 16 - «Iota» (Noruega, Black/Death Metal)

Num mundo de extrema solidão, Messier 16 incentiva-o a encontrar companhia nesta jornada de 53 minutos de solene clima musical, a ousar chafurdar. «Iota» é um álbum difícil de colocar, mas fácil de abraçar. É um cobertor de calor musical de metal extremo e elementos de coral sincero. (Indie Recordings)

Nekromantheon - «The Visions Of Trismegistos» (Noruega, Thrash Metal)

Depois de nove longos anos agitando o caldeirão no subsolo, Nekromantheon finalmente ressurgiu das profundezas com seu registro mais feroz até agora! «Visions of Trismegistos» é um ataque de metal há muito esperado, trazendo o espírito do metal antigo mais uma vez. (Indie Recordings)



Jordsjø - «Pastoralia» (Noruega, Symphonic Prog / Progressive Rock)

Seguindo a tradição de alguns dos melhores rock nórdicos do século passado, Jordsjø consegue mesclar rock progressivo com melodias fantásticas e um toque folk. Abrangendo uma jornada musical de passagens minimalistas de melotron até a tempestade do rock, «Pastoralia» é uma obrigação para qualquer fã do prog escandinavo. (Karisma Records)

Mur - «Inner Hole» (França, Blackcore)

Os matizes Synthwave fornecem algumas novas perspectivas para o black metal pós-MUR. Os seis músicos, dotados de uma rede ativa e uma base de fãs dedicada, estão ansiosos para defender seu novo álbum, contaminado com sons extremos e unificadores. (LADLO Productions)

Hanging Garden - «Skeleton Lake» (Finlândia, Atmospheric Rock Metal)

Quando se trata da musicalidade de HANGING GARDEN, as palavras são apenas uma segunda escolha. Pelo menos as palavras que tentam descrever as canções desta banda finlandesa e sua estética artística geral. (Lifeforce Records)

White Void - «Anti» (Noruega, Hard Rock)

Os hard rockers ecléticos White Void são um grupo curioso. Forjados no espaço entre o rock oculto dos anos setenta, o hard rock sem desculpas dos anos oitenta e o movimento New Wave britânico, eles equilibram que separa o antigo do novo. White Void têm suas origens no black metal norueguês. (Nuclear Blast)



Batushka - «Heavenly King» (Polónia, Black Metal)

Batushka não desacelera. A sua música é variada, emocional e dinâmica. Desta vez, a banda convidou vários músicos de grupos folclóricos e orquestras regionais. O design gráfico e a arte da capa foram preparados pelo colaborador de longa data da banda, Maciej Szu pica. (Other)

Feed Them Death - «Negative» (Inglaterra, Death Metal/Grindcore)

«Negative» é um exemplo monumentalmente ambicioso de não ortodoxia na música extrema, combinando excentricamente a agressividade e velocidade do grindcore com o peso sombrio do sludge e doom metal, tudo contra um pano de fundo de metal industrial e clareza paradoxais. (Other)

Minas Morgul - «Heimkehr» (Alemanha, Atmospheric Black Metal)

MINAS MORGUL está de regresso com o seu novo e sétimo álbum, «Heimkehr»! MINAS MORGUL fez o seu nome, não só na cena do metal alemão, mas também internacional. A banda representa um Pagan Black / Death Metal expressivo e melódico e temperado com riffs de guitarra preenchidos. (Other)



Slaves To Fashion - «The History Of Heavy Metal» (Noruega, Heavy Metal)

O género heavy metal comemorou o seu aniversário de 50 anos. A cada mês, a banda lançou uma nova música original que foi inspirada, prestou homenagem e representou um período ou subgénero do heavy metal. Essas músicas estão agora juntas no álbum conceitual «The History of Heavy Metal». (Other)

Vaneno - «Struggle Through Absurdity» (Portugal, Groove/Sludge Metal with Thrash Metal)

VANENO é o resultado de uma jornada que começou em 2017 com o começo humilde da banda de três amigos que queriam tocar juntos. A identidade sonora consiste em fortes influências do Sludge, misturadas com elementos que lembram Stoner. O resultado é um som diverso que carrega a jornada da banda ao longo desses anos e destila a quantidade certa de raiva e peso. (Other)

Bizarrekult - «Vi Overlevde» (Noruega, Black Metal)

Bizarrekult une as duas identidades da sua mente - profundidade filosófica da estepe congelada da Sibéria e a beleza majestosa do solo norueguês, neste álbum que é de estreia! «Vi Overlevde» (sobrevivemos) fala ao coração de cada fã pós-Black Metal que está em busca de algo diferente. (Petrichor)

Sepiroth - «Condemned To Suffer» (Holanda, old-school Death Metal)

Golpeando o rosto, partindo o pescoço, torcendo a espinha do Death Metal holandês! Sepiroth é uma banda de Death Metal brutal da velha escola de Sliedrecht, Holanda. A banda foi fundada em 2003 pelo baterista Damiën e pelo guitarrista Chris. (Petrichor)

Horndal - «Lake Drinker» (Suécia, Sludge Metal/Hardcore)

Já se perguntou como é a morte de uma cidade inteira? O segundo álbum de HORNDAL, «Lake Drinker», é a banda sonora pesada de uma verdadeira história de terror sobre uma pequena cidade industrial na Suécia. A besta está de volta, só que desta vez parece um pouco diferente. (Prosthetic Records)

Evil Drive - «Demons Within» (Finlândia, Melodic Death Metal)

A banda finlandesa de metal melódico EVIL DRIVE ataca novamente! Com o seu terceiro álbum, eles apresentam-se mais poderosos e com grandes melhorias musicais e técnicas. Mais faminto do que nunca, EVIL DRIVE está pronto para conquistar o mundo de assalto, destruindo tudo em seu caminho! (Reaper)

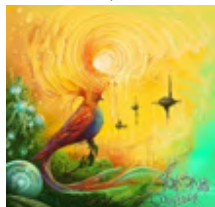
Entertainment)

Wolfchant - «Omega Bestia» (Alemanha, Folk/Melodic Death/Power Metal)

O típico metal pagão melódico de Wolfchant foi fortalecido a partir deste ponto pelos vocais claros de Michael Seifert (Rebellion) e o fator épico das canções foi expandido. A popular mistura de metal extremo misturado com melodias atemporais, riffs e partes épicas foi expandida com várias nuances. (Reaper Entertainment)

Vokonis - «Odyssey» (Suécia, Stoner/Doom Metal)

«Odyssey» é o primeiro álbum verdadeiramente progressivo da banda - um recorde para a nova década. Após o sucesso de seu terceiro álbum «Grasping Time», os VOKONIS imediatamente começaram a gravar mais material, com o objetivo de expandir ainda mais o panorama do progressivo. (Other)



Genghis Tron - «Dream Weapon» (EUA, Experimental Metal)

GENGHIS TRON está de volta com seu novo álbum altamente antecipado, Dream Weapon. A formação aperfeiçoa a mistura única de rock extremo e música eletrônica, sendo GENGHIS TRON o pioneiro. «Dream Weapon» marca um passo ousado em frente criatividade de GENGHIS TRON. (Relapse Records)

Impure Wilhelmina - «Antidote» (Suíça, Dark Metal)

Post-core / Rock. A música cura a alma. «Antidote» evoca essa ideia simples, ilustrando o aspecto catártico do 7º álbum dos IMPURE WILHELMINA. Há 25 anos que IMPURE WILHELMINA criam uma música singular na fronteira do rock e do metal. (Season of Mist)

Seth - «La Morsure Du Christ» (França, Black Metal)

A história da formação do black metal SETH remonta aos primeiros dias da cena do metal francês. A SETH acendeu a chama daqueles primeiros dias novamente com «La Morsure du Christ», que pode ser vista como uma sequência da estreia aclamada. Das cinzas da catedral, um mundo sem Deus surgirá. (Season of Mist)

Labored Breath - «Dyspnea» (EUA, Black Metal)

Trinta e seis minutos de um black metal evoluído e destruidor de almas. «Dyspnea» é a estreia imponente pela entidade one-man black metal Labored Breath. Rompendo a atmosfera fascinante e o poder evocativo do black metal islandês com a violência esmagadora e o antagonismo bruto do black metal francês, Labored Breath criou uma intimidação e majestoso black metal. (Sentient Ruin)

Goath - «III Shaped By The Unlight» (Alemanha, Black Death Metal)

Com «III: Shaped by the Unlight» GOATH acredita no que é tocar um Death / Black Metal agressivo na sua forma mais pura. Cru, muito poderoso e maligno - e desta vez ainda mais sombrio! A energia que GOATH espalha aqui atinge o ouvinte diretamente no rosto. (Ván Records)

Ninkharsag - «The Dread March Of Solemn Gods» (Inglaterra, Black Metal)

Formado em 2009 com um desejo de criar um Black Metal frio e majestoso no estilo clássico, NINKHARSAG rapidamente estabeleceu-se como uma força única e poderosa no Black Metal. É um álbum enorme, cheio de hinos selvagens, riffs massivos e carregados de refrões. (All Noir)

Olhava - «Frozen Bloom» (Rússia, Atmospheric/Post-Black Metal)

A dupla russa de Blackgaze, Olhava, está de volta com o seu novo álbum de estúdio. «Frozen Bloom» é a continuação natural do autointitulado «Olhava» e «Ladoga». Frozen Bloom é a quarta obra de Olhava em três anos, e aqui a dupla fez alguns caminhos diferentes em termos de composição. (Avantgarde Music)

Code - «Flyblown Prince» (Inglaterra, Progressive Post-Rock)

Após alguns anos de silêncio, a lendária banda de black metal progressivo do Reino Unido Code está de volta com seu quinto álbum. Com «Flyblown Prince», com uma paisagem sonora em constante mudança de humor e agressão violenta. Este pode ser um dos álbuns mais intensos e extremos da banda. (Dark Essence Records)

Domkraft - «Seeds» (Suécia, Psychedelic Sludge Metal)

Como uma fênix, DOMKRAFT ressuscitou das cinzas com um tema apocalíptico no seu terceiro álbum «Seeds». O último álbum do titânico trio de riff-doom psicadélico sueco. Com «Seeds», DOMKRAFT desenha um mapa de uma utopia de rock pesado. Melhor viver através do volume monolítico! (Prophecy Productions)

Inferno - «Paradeigma (Phosphenes Of Aphotic Eternity)» (Chéquia, Black Metal)

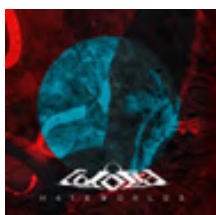
«PARADEIGMA (Phosphenes of Aphotic Eternity)» é o trabalho definitivo da idiossincrática banda checa de vanguarda INFERNO. Usando camadas de faixas de guitarra, texturas vocais e sonoras abstrusas, ritmos marciais intrincados e dinamismo sinistro, INFERNO produziu uma paisagem de sonho surreal. (Debemur Morti Productions)

Ungfell - «Es Grauet» (Suíça, Black Metal)

UNGFELL da Suíça é uma força imparável de intrincada, mas inegavelmente imersiva na fúria de riffs, numa cena que se substitui a composições memoráveis por jargões pseudo-intelectuais. No terceiro álbum, «Es grauet», Ungfell sequestra os ouvintes na forma de um assassinato horrível e medonho. (Eisenwald)

Basalto - «Doença» (Portugal, Stoner Metal/Rock)

Das profundezas da região central de Portugal, vem o sujo, lamacento da velha escola Doom / Stoner de Basalto. A banda consolidou-se no cenário underground Português com o lançamento de 3 álbuns e esta ciente do peso pesado dos seus riffs, vocais profundos e rosnados e as incursões selvagens da bateria. (Gruesome Records)



Colosso - «Hateworlds» (Portugal, Progressive Death/Groove Metal)

O inovador projeto Death Metal Colosso, que vai muito além do estilo clássico do Death Metal, levando o género a outros níveis de extremidade. «Hateworlds», leva Colosso a um novo nível diferente. Melódico, pesado, groovy e industrial são apenas alguns acréscimos ao som do Death Metal. (Gruesome Records)

Helslave - «From The Sulphur Depths» (Itália, Death Metal)

Helslave oferece doses massivas de Death Metal da velha escola no estilo escandinavo. Do tom da guitarra doentia às batidas explosivas implacáveis, há muito espaço para riffs melódicos e rosnados ferozes. Todos juntos, Helslave oferece um pacote completo de Death Metal podre, imundo e furioso. (Gruesome Records)

Vøidwomb - «Altars Of Cosmic Devotion» (Portugal, Blackened Death Metal)

Vindo do Norte de Portugal, chega um novo ataque ao género Blackened Death Metal. As sombrias e obscuras paisagens sonoras de Vøidwomb são totalmente materializadas na forma de «Altars of Cosmic Devotion», um EP de 5 faixas que traz fatias da obscuridade exibida. (Gruesome Records)

Dobbeltgjenger - «Smooth Failing» (Noruega, Rock)

Conhecida como uma banda extremamente diversa, estendendo seu som em todas as direções, a banda de rock de Bergen, Dobbeltgjenger regresa com um disco soberbamente focado. «SMOOTH FAILING» é preenchida até a borda com groove e ritmos funky, e as músicas são cativantes do início ao fim. (Karisma Records)

Nordgeist - «Frostwinter» (Rússia, Atmospheric Black Metal)

Os NORDGEIST foram concebidos na cidade siberiana de Bratsk, no Oblast de Irkutsk. A sua abordagem ao black metal é obviamente moldada pela cena nórdica. Agora o NORDGEIST lança seu LP de estreia «Frostwinter», vai atingir o mundo como uma nevasca negra da Sibéria. (Kunsthall Produktionen)

Paysage D'hiver - «Geister» (Suíça, Black Metal)

PAYSAGE D'HIVER sempre afundará as suas garras negras na alma e a arrastará de volta gritando para um mundo invernal de escuridão e geada severa. Com «Geister» ("Ghosts"), os partidários do black metal underground suíço continuam mais adiante no caminho de gelo, respirando uma vida nova e arrepiante ao som do black metal clássico. (Kunsthall Produktionen)

Nattverd - «Vandring» (Noruega, Black Metal)

Nós extrapolamos alguns limites, o que resultou em faixas mais diversas, que tocam muito na melancolia, ainda mais agressão e momentos épicos. Vandring é na verdade o fim da Trilogia da Peste Negra. Agora termina a trilogia, com um final mais agressivo, melancólico e épico. (Osmose Productions)

Steve Von Till - «A Deep Voiceless Wilderness» (EUA, Acoustic/Folk)

Com uma discografia a solo que remonta a mais de duas décadas, Steve Von Till trabalhou num reino de sombras, retirando camadas da realidade em uma busca sem fim pelo verdadeiro significado e emoção crua. (Other)

Teramaze - «Sorella Minore» (Austrália, Progressive Metal/Rock)

TERAMAZE é a principal banda de rock progressivo da Austrália, liderada pelo guitarrista e fundador da banda Dean Wells. TERAMAZE está na vanguarda da cena Rock / Metal Progressivo na Austrália há algum tempo. A TERAMAZE está preparada para entregar seu trabalho mais ambicioso até o momento. (Other)



De Arma - «Strayed In Shadows» (Suécia, Atmospheric Black Metal/Post-Rock)

A melancolia é um assunto delicado. Enquanto os suecos mudam musicalmente entre o metal melancólico, o rock gótico, o shoegaze e até o pós-punk, a melancolia continua sendo a âncora da dupla. Com "Strayed in Shadows", DE ARMA envia um raio de luz para convidá-lo a seu abrigo quente em um mar de melancolia nórdica. (Prophecy Productions)

Dordeduh - «Har» (Romênia, Atmospheric Folk/Black Metal)

Com o álbum «Har», os DORDEDUH da Romênia criaram um disco de metal raro e único que desafia a categorização fácil, ultrapassa os limites e oferece algo novo e nunca antes ouvido. «Har» é um marco - e não apenas para o metal romeno. (Prophecy Productions)

Dornenreich - «Du Wilde Liebe Sei» (Austria, Melodic/Symphonic Black Metal, Neofolk)

DORNENREICH oferece uma verdadeira cornucópia de surpresas maravilhosas com o seu nono álbum «Du wilde Liebe sei» ("You Wild Love Be"). O trio tirolês usou bem os mais de sete anos que se passaram desde o anterior lançamento para criar uma nova dimensão de som. (Prophecy Productions)

Noêta - «Elm» (Suécia, Black Ambient Folk)

O som de uma lágrima caindo numa pedra coberta de musgo. O som de um coração partindo. O som de um botão de rosa abrindo ao amanhecer. Estes são apenas alguns dos sons que compõem a banda norueguesa NOÊTA, com a vocalista e música Élea. apropriadamente categorizada dedark ambiente. (Prophecy Productions)

Body Void - «Bury Me Beneath This Rotting Earth» (EUA, Sludge/Drone/Doom Metal)

BODY VOID lança o seu primeiro álbum «Bury Me Beneath This Rotting Earth», o qual é uma ousada e ambicioso opus da destruição enegrecida de quatro faixas. A natureza telúrica de cada faixa, em toda sua glória terrosa e texturizada, presta um tributo sonoro à terra. (Prosthetic Records)

Hadit - «With Joy and Ardour Through the Incommensurable Path» (Itália, Death Metal)

Os evasivos místicos mágicos italianos do death metal, Hadit, regressam após seis anos de silêncio com seu tão aguardado álbum de estreia «With Joy and Ardor Through the Incomensurable Path», um feitiço ofuscante de destruição dark cosmológica do death metal envolto em dissonância esmagadora. (Sentient Ruin)

Sleepwalker - «Noč Na Krayu Sveta» (Internacional, Experimental / Psychedelic Black Metal)

A entidade experimental de black metal ritualística russa / japonesa / americana Sleepwalker) emerge do sono com «Noč Na Krayu Sveta», um EP de duas músicas / meia hora de alquimia sônica alucinogénia e excelência transcendental de vanguarda. (Sentient Ruin)

Armnatt - «Eternal Flame» (Portugal, Black Metal)

ARMNATT rapidamente se tornou numa pedra de toque para a cena de black metal de Portugal. A onda nebulosa-mas-odiosa que o trio conjura fala de uma compreensão profundamente arraigada da segunda onda de época do black metal. ARMNATT resiste às mudanças e às areias sempre mutantes. (Signal Rex)

Seance Of ... - «The Colour Of Magick» (Austrália, Raw Black Metal)

SEANCE OF ... começou como um projeto paralelo durante um hiato de Grave Worship. Com o passar dos anos e o sono errático da Adoração do Túmulo, SEANCE OF ... tornou-se o principal recipiente para a expressão e exploração de AR, continuando e evoluindo o black metal em suas muitas formas. (Signal Rex)

Fyrnask - «VII - Kenoma» (Alemanha, Black Metal)

«VII - Kenoma» é o 4º álbum da banda alemã de Black Metal FYRNASK. Enquanto permanece comprometido com a fundação do Second Wave Black Metal, a experiência auditiva de «VII - Kenoma» também está profundamente enraizada na Ritual Ambient e Drone, bem como na world music. (Ván Records)

Ancient Wisdom - «A Celebration In Honor Of Death» (Suécia, Atmospheric Black Metal)

Já se passaram 17 anos, mas finalmente chegou a hora de o ceifeiro empunhar a sua foice mais uma

vez. Ancient Wisdom é o alter ego musical de Marcus E. Norman, veterano da cena black metal sueca. «A Celebration in Honor of Death», o quinto LP mostra um lado sombrio e mais sinistro dessa entidade. (Avantgarde Music)

Bewitcher - «Cursed Be Thy Kingdom» (EUA, Black/Speed Metal)

Quando alguém se encontra na proverbial encruzilhada - cara a cara com o próprio Diabo - quem não escolheria o caminho da mão esquerda? Honestamente, o mal é muito atraente, muito forte, e o Inferno tem a melhor música de qualquer maneira. BEWITCHER fez seu pacto com Lúcifer anos atrás. (Century Media Records)

Kosmodemonic - «Liminal Light» (EUA, Blackened Doom Metal)

KOSMODEMONIC é uma banda de black metal doomy movida pelo fogo demoníaco. Peça por peça, eles criaram um som que funde as influências de artistas de black metal com a majestade do art doom. Eles procuraram criar um som que fosse esmagador, mas mantivesse um senso de magia do metal clássico. (Earsplit)

Ordeal Plight - «Her Bones In Whispers» (Alemanha, Black Metal)

ORDEAL & PLIGHT é um projeto musical com mudança de pessoal de diferentes países europeus. No seu segundo álbum, «Her Bones in Whispers», o coletivo consegue criar uma viagem hipnotizante com excursões por cenários cinematográficos tensos e sombrios - preto fosco tornado audível. (Eisenwald)

The Flight Of Sleipnir - «Eventide» (EUA, Stoner/Doom/Folk Metal)

THE FLIGHT OF SLEIPNIR é uma das bandas mais exclusivas e consistentemente do underground do metal. A criação de THE FLIGHT OF SLEIPNIR surgiu de um desejo de explorar sons etéreos e progressivos com temas que refletem sobre a rica literatura da antiga Escandinávia. (Eisenwald)



Liquid Tension Experiment - «Lte3» (EUA, Technical/Progressive Rock/Metal)

No rock progressivo moderno, parece que há um novo supergrupo a cada poucas semanas. Mas muito antes de isso ser a norma, e antes que os músicos estivessem rotineiramente envolvidos em mais de uma banda, havia Liquid Tension Experiment. (InsideOut Music)

Nad Sylvan - «Spiritus Mundi» (Suécia, Crossover Prog / Progressive Rock)

Após a conclusão da trilogia de álbuns de sucesso de «The Vampire», o vocalista Nad Sylvan estava considerando uma abordagem diferente para seu próximo projeto: «Spiritus Mundi». (InsideOut Music)

Lunas Call - «Void» (Inglaterra, Progressive Death Metal)

LUNA'S CALL é uma banda de death metal progressivo de East Midlands, no Reino Unido. Formando uma fusão de death metal técnico e rock progressivo clássico, a banda cria um som distinto na cena do metal moderno de hoje. (Listenable Records)

Alluvial - «Sarcoma» (EUA, Atmospheric Death Metal)

A dificuldade nos une como humanos em uma experiência compartilhada. ALLUVIAL examina esse fenômeno no seu segundo álbum, «Sarcoma». O quarteto de Atlanta mergulhou num turbilhão de riffs polirrítmicos de estalar o pescoço, uma enxurrada de duplos baixo e uma avalanche dinâmica de gritos. (Nuclear Blast)

Impaled Nazarene - «Eight Headed Serpent» (Finlândia, Black Metal)

Testemunhe o regresso triunfante dos Impaled Nazarene! Após sete anos, o novo álbum «Eight Headed Serpent» (o 13º) é finalmente lançado neste mundo atingindo-o como a bomba nuclear de 666 megatoneladas, «Eight Headed Serpent» não tem misericórdia de ninguém! (Osmose Productions)

Balmog - «Eve» (Espanha, Black Metal)

Este novo passo continua a desenvolver a abordagem pessoal dos BALMOG. Black / death metal, post punk, metal tradicional, psycho-rock ... é tudo e nada ao mesmo tempo. Depois de três álbuns de puro black / death metal, o BALMOG enriquece o seu som e cria uma vasta manifestação de metal extremo. (Other)

Felled - «The Intimate Earth» (EUA, Folk Black Metal)

A banda norte-americana Felled criou uma música de tirar o fôlego que mistura black metal com elementos folk, emprestando-lhe uma rara profundidade e calor. A inclusão de instrumentos como violino e viola é feita com maestria e é usada quase como o instrumento principal. (Other)

Ghastly - «Mercurial Passages» (Finlândia, Death Metal)

Ghastly volta da fonte ilimitada de obscuridade incompreensível e inspiração sombria que é a Finlândia com o seu terceiro álbum de visões de pesadelo, «Mercurial Passages». Death Metal para estados alterados de consciência e maravilhas mistificadoras. (Other)

Empress - «Premonition» (Canadá, Doom/Sludge/Post-Metal)

Depois de mergulhar no vasto oceano de bandas de sludge / pós-metal / doom, sabemos que há uma maré infinita de qualidade. Empress não é exceção a esta regra. Adicionando um toque progressivo ao seu som monumental, Empress conseguiu criar uma mistura única. (Petrichor)

Xasthur - «Victims Of The Times» (EUA, de/opp-ressive black metal)

Com «Victims of the Times», XASTHUR oferece uma viagem folk ácida através das entranhas sombrias do sonho americano. XASTHUR foi originalmente concebido pelo vocalista e multi-instrumentista Scott Conner como projeto sombrio de black metal na tradição da segunda onda nórdica. (Prophecy Productions)



Delving - «Hirschbrunnen» (EUA, Psychedelic Rock)

Hirschbrunnen é uma coleção de canções que exibem uma ampla gama de influências do rock psicadélico, música eletrônica antiga, progressão dos anos 70, bem como jazz e até sons ambientais - mas todos com um estilo de composição distinto pelo qual DiSalvo se tornou conhecido. (All Noir)

An Autumn For Crippled Children - «As The Morning Dawns We Close Our Eyes» (Holanda, Post-Black Metal, Shoegaze)

Um ano depois, All ficou em silêncio, tudo ficou em silêncio, AN AUTUMN FOR CRIPPLED CHILDREN lançou o seu segundo álbum. «As The Morning Dawns We Close Our Eyes» desafia o ambiente em que foi criado para entregar black metal invernal salpicado com melodias shoegaze crescentes. (Prosthetic Records)

Kataan - «Kataan» (EUA, Death Metal)

Death metal distópico é a base para os KATAAN por meio de missivas existenciais e imagens depressivas. A dupla criou um nível espesso e hipnótico de atmosfera com camadas de bateria e riffs violentos que preenchem os extremos mais distantes do espectro musical. (Prosthetic Records)

The Ember, The Ash - «Fixation» (Canadá, Symphonic Deathcore)

THE EMBER, THE ASH lança o segundo álbum, «Fixation». O esforço a solo de um polímata musical que atende apenas pelo nome, este é um projeto envolto em mistério. Ocupando o abismo entre o black metal sinfônico e o metalcore texturizado, «Fixation» é uma mistura única de precisão gelada. (Prosthetic Records)

Vexillum - «When Good Men Go To War» (Itália, Power/Folk Metal)

Vexillum orgulha-se ter lançado seu novo álbum seis anos após a aclamada ópera de metal «UNUM». «When Good Men Go to War» leva a banda e os ouvintes numa viagem mística pelos mares, com um tom geral sombrio e vicioso, sem renunciar às renomadas melodias folk celta do norte da banda. (Scarlet Records)

Withered - «Verloren» (EUA, Black/Death Metal)

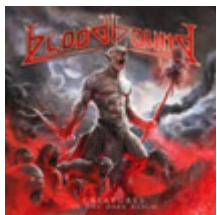
Withered tem sido uma carga de extrema perplexidade que a cena do metal nunca foi capaz de apontar. A avaliação Auto depreciativa de Thompson sobre sua produção criativa pode ser parte de um discurso de humildade cavalheiresco ou uma abordagem duramente realista do status de culto de Withered. (Season of Mist)

La Merde - «La Vie En Noir» (Bélgica, Neofolk)

Vindos da Bélgica, LA MERDE tem misturado neofolk clássico com eletrônica industrial desde 2018. Empunhando uma ética DIY e usando uma ampla gama de instrumentos. E agora chega «La Vie en Noir», o LP de estreia dos LA MERDE que revela paisagens sonoras suntuosas e tensão fervente. (Signal Rex)

Abkehr - «In Blut» (Alemanha, Black Metal)

Das fendas mais remotas do submundo do metal extremo alemão vem Abkehr, uma nova dupla de black metal do norte da Alemanha cuja gênese parece ter sido provocada por um colapso emocional e mental sem precedentes e por uma atração insondável em direção à escuridão absoluta e devoradora. (All Noir)

**Bloodbound - «Creatures Of The Dark Realm» (Suécia, Heavy/Power Metal)**

Quando a banda sueca de power metal BLOODBOUND surgiu em 2005, celebraram a admiração da banda por ícones do metal como Iron Maiden, Helloween e Judas Priest. «Creatures Of The Dark Realm» desce que a equipe de três compositores começou do zero. (All Noir)

Flotsam And Jetsam - «Blood In The Water» (EUA, Power/Thrash Metal)

Anunciada como “a banda de metal mais subestimada do planeta”, as lendas do thrash do Arizona, FLOTSAM AND JETSAM, estão definidas para o domínio mundial mais uma vez com seu 14º álbum de estúdio, «Blood In The Water». (All Noir)

Io - «Fire» (Itália, Sludge/Doom Metal)

IO, lua vulcânica e ardente de Júpiter, onde os fluxos de lava se transformam em lagos de magma. A banda italiana está pronta para lançar seu primeiro álbum, intitulado «Fire», que contém quatro faixas longas e ultra pesadas, movendo-se entre riffs gigantescos. (All Noir)

Khirkí - «Κτηνωδία» (Grécia, Modern Rock N’ Roll)

Khirkí é uma banda de três integrantes de Atenas, Grécia, que compartilha a sua essência com o rock ‘n’ roll e a música tradicional grega. Inspirada na feiticeira mitológica, o álbum de estreia apresenta um conjunto coeso de canções, principalmente de ritmo acelerado e edificante. (All Noir)

Plaguestorm - «Purifying Fire» (Argentina, Melodic Death Metal)

Os Plaguestorm têm um novo álbum chamado «Purifying Fire», talvez o álbum mais maduro até agora da sua curta discografia. Este álbum conta com 9 músicas na forma de Melodic Death Metal que mesclam fúria e raiva com tristeza e melancolia em partes iguais. (All Noir)

Satyrus - «Rites» (Itália, Occult Doom Metal)

Apresentando membros de bandas como Malauriu ou Wolvesguard, SATYRUS convida o ouvinte a uma jornada lenta e sombria para o abismo do peso da desgraça. Os antecedentes dos membros da banda permitem que eles criem um campo mais amplo entre o doom, black metal, psicologia e sons progressivos ao metal clássico e oculto. (All Noir)

Bala - «Maleza» (Espanha, Alternative Metal)

BALA não é uma banda comum. As suas influências vão desde as diferentes faces do grunge até os grandes nomes do punk ou stoner rock. A mistura única de paisagens musicais e inspirações de várias gerações ajudou a moldar a banda de diferentes maneiras moldando o futuro do rock alternativo/metal. (Century Media Records)

Caliban - «Zeitgeist» (Alemanha, Metalcore)

Os veteranos alemães do metalcore, CALIBAN gravaram uma cover de “Sonne” dos Rammstein para perceberem que sua língua nativa encaixava-se com sua colisão temperada de riffs punitivos e os vocais urgentes de Andreas Dörner. A visão da banda para o álbum veio naturalmente. (Century Media Records)

Pharaoh - «The Powers That Be» (EUA, Power Metal)

A espera acabou! Os metaleiros americanos de longa data PHARAOH estão de volta com seu primeiro álbum em nove anos, «The Powers That Be»! Uma oferta de nove canções de desafiador metal melódico num esforço mais diverso e aventureiro, traçando um caminho novo e progressivo. (Cruz del Sur Music)

**Lucifer’S Hammer - «The Trip» (Chile, Heavy Metal)**

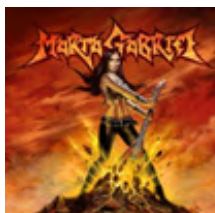
«The Trip» acaba sendo um terceiro álbum clássico dos LUCIFER’S HAMMER do Chile, definindo em última análise o seu estilo tradicional de heavy metal com um sentido mais considerado para composições. As músicas são mais complexas. (High Roller Records)

Witch Cross - «Angel Of Death» (Dinamarca, Heavy Metal)

Junto com o lendário Mercyful Fate e alguns artistas consideravelmente mais obscuros como Alien Force, Randy e Crystal Knight, o próprio WITCH CROSS de Copenhagen deve ser classificado como uma das melhores bandas de heavy metal dinamarquesas de todos os tempos. (High Roller Records)

Kayak - «Out Of This World» (Países Baixos, progressive rock)

Ao longo de uma carreira de 48 anos, KAYAK estabeleceu-se como uma das bandas de rock progressivo mais bem-sucedidas da Holanda. As faixas do álbum dificilmente poderiam ser mais diversificadas, mostrando o amplo horizonte musical, embora ainda profundamente enraizado no progressivo. (InsideOut Music)



Marta Gabriel - «Metal Queens» (Polónia, Heavy/Power Metal)

Marta Gabriel é conhecida como a líder do heavy metal power force CRYSTAL VIPER que acaba de lançar um novo álbum de estúdio, «The Cult». Ela também é uma musicista experiente e «Metal Queens» é seu primeiro álbum a solo, embora seja um lançamento muito incomum. (Listenable Records)

Suidakra - «Wolfbite» (Alemanha, Melodic Death/Black/Folk Metal)

Depois de mais de 25 anos de história e mais de 13 álbuns de estúdio, uma banda pode-se reinventar ou até mesmo lançar o inesperado? Bem, os Suidakra podem não se reinventar completamente, mas com «Wolfbite» criaram uma mistura de todo o trabalho musical do passado e uma lufada de ar fresco. (MDD Records)

Tragedy And Triumph - «Where Mountains Rise And Hearts Fall» (Alemanha, Melodic Death/Viking Metal)

Tragedy And Triumph é um projeto de longa data de Marius Berendsen, lançando-se com o álbum de estreia «Where Mountains Rise and Hearts Fall». Apresentando na melhor maneira Viking / Melodic Death Metal e, portanto, consistentemente poderosos, groovy e, claro, melódicos. (MDD Records)

Burning Darkness - «Dödens Makt» (Suécia, Melodic Black Metal)

O quinteto sueco de black metal BURNING DARKNESS lançou o seu segundo álbum, «Dödens Makt». A sua introdução primitiva evolui para um verso progressivo que se transforma num refrão agressivo. A banda mistura ritmos rápidos e partes muito pesadas, juntamente com trêmulos melódicos clássicos e elementos progressivos. (Non Serviam Records)

Burning Witches - «The Witch Of The North» (Suíça, Heavy/Power Metal)

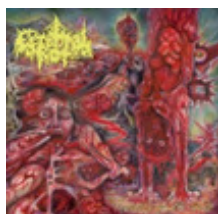
Bruxaria pura: apenas doze luas cheias após o lançamento de seu terceiro opus, «Dance With The Devil», Burning Witches regressam endurecidos com o seu trabalho mais violento e estrondoso até à data. Um álbum preparado para se tornar um clássico do metal moderno, uma obra de referência para o aço verdadeiro e honesto. (Nuclear Blast)

Flame, Dear Flame - «Aegis» (Alemanha, Doom Metal)

Fornecendo uma abordagem surpreendente da forma mais épica do que pode ser vagamente categorizado como Doom Metal, FLAME, DEAR FLAME conseguem fundir uma paleta sónica que apresenta seções delicadas e melancólicas de guitarras limpas e bateria. No seu álbum de estreia «Aegis», eles ergueram um som distinto, caracterizado por uma performance emocionante da vocalista. (Eisenwald)

Fear Factory - «Aggression Continuum» (EUA, Groove/Industrial Metal)

Não se pode exagerar o tamanho da bota FEAR FACTORY no pescoço de metal pesado com álbuns influentes repleto de hinos devastadores. FEAR FACTORY fabricou, desmanufaturou e remanufaturou um som que reverbera em vários subgêneros. (Nuclear Blast)



Cerebral Rot - «Excretion Of Mortality» (EUA, Death Metal)

Ascendendo da odiosa decadência de seu primeiro LP, CEREBRAL ROT passa do contágio animal ao humano com um novo vírus mais purulento em «Excretion Of Mortality». Um retorno de tal decrepitude purulenta e cancro que condiz com os verdadeiros adeptos do Death Metal subterrâneo vil e doentio. (Other)

Go Ahead And Die - «Go Ahead And Die» (EUA, Groove/Thrash/Death Metal)

GO AHEAD AND DIE é uma nova banda crua, urgente, implacável, emocionantemente chocante e vibrante. Nasceu da mente do escritor e músico criativo Igor Amadeus Cavaleira e do vínculo de sangue e música que ele compartilha com seu pai, ícone do metal extremo e líder da banda do SOULFLY. (Nuclear Blast)

Interloper - «Search Party» (EUA, Melodic/Progressive Metalcore)

O ímpeto do INTERLOPER não pode ser subestimado, pois eles voltaram para apresentar o seu álbum de estreia «SEARCH PARTY». Tirando inspiração da emoção humana crua, nostalgia e ultrapassando os limites da

precisão da própria musicalidade, INTERLOPER continua a desenvolver a sua identidade. (Nuclear Blast)

Funeral Chasm - «Omniversal Existence» (Dinamarca, Funeral Doom Metal)

Vindo da Dinamarca, a entidade doom FUNERAL CHASM conspira com Aesthetic Death para lançar «Omniversal Existence», o primeiro álbum da banda. «Existência Omniversal» é uma peça profunda, pessoal e sublime de destruição extrema. É uma reflexão introspectiva, cheia de emoção visceral. (Other)

Lord Of Pagathorn - «Age Of Curse» (Finlândia, Black Metal)

Lord Of Pagathorn ataca com seu terceiro opus «Age Of Curse». Oito canções de morte colhendo o black metal finlandês. Lord Of Pagathorn rastejou para fora de seu caixão decadente em 1992 no Círculo Polar Ártico, Finlândia. A hora da blasfêmia e do caos triunfou! (Other)

Bohemyst - «Čerň A Smrt» (Chéquia, Blackened Metal)

Bohemyst é uma continuação do Vingador da horda escura Checa. Vários motivos pessoais e práticos levaram ao abandono do Avenger no seu 25º aniversário e a banda continua a entregar dark metal sob o novo nome Bohemyst. Metal enegrecido com toques de death metal. (Petrichor)

Consumption - «Recursive Definitions Of Suppuration» (Suécia, Death Metal)

O death metal ainda não está morto e é horrível, mas o futuro fascinante está aqui na forma de consumo! Consumption é uma dupla sueca relativamente nova que produz trituradores Grind / Death. Este projeto é ideia do multi-instrumentista Håkan Stuvemark, famoso por seus trabalhos com um grande grupo de bandas de Metal Extremo. (Petrichor)

Urne - «Serpent & Spirit» (Inglaterra, Stoner/Sludge Metal/Metalcore)

O trio londrino Urne não tem uma maneira única de descrever seu som, tudo se resume a uma coisa: pesado. Oscilando entre sludge, tech-metal, doom, hardcore e qualquer outra coisa com um coração pesado, o álbum de estreia, «Serpent & Spirit» é um trabalho de uma das melhores bandas do underground britânico. (Candlelight)

Wristmeetrazor - «Replica Of A Strange Love» (EUA, Metalcore)

Emergindo da escuridão vem «Replica of a Strange Love», o novo álbum dos WRISTMEETRAZOR. Iluminando os cantos mais sombrios de todos os seus pesadelos e representando um mergulho niilista de cabeça em uma mistura inebriante de morte, pecado e romance. (Prosthetic Records)

The Day Of The Beast - «Indisputably Carnivorous» (EUA, Black/Thrash Metal)

THE DAY OF THE BEAST lança o seu quarto álbum. Indiscutivelmente, «Carnivorous» é um death metal pesado de riff enegrecido, na sua forma mais extrema. Gotejando com pura agressão, «Indisputably Carnivorous» é a banda sonora de cada pesadelo furioso trazido à vida. (Prosthetic Records)

Unrequited - «Beautiful Ghosts» (Canadá, Atmospheric Black)

A música pop basicamente tem um tópico universal: o amor. Embora o tema seja apresentado em muitas variantes sobre o amor, o pop geralmente trata do amor. Esta é provavelmente a principal razão pela qual as bandas de metal geralmente evitam esse assunto. (Prophecy Productions)

Reinforcer - «Prince Of The Tribes» (Alemanha, Epic Power Metal)

A batalha é feroz: escolha o seu lado! Reinforcer combina heavy metal clássico com uma abordagem de power metal épica, que leva os ouvintes numa jornada cheia de duplas guitarras e melodias heroicas. Com seu primeiro álbum, os cinco alemães dão um passo de gigante. (Scarlet Records)

Gorgon - «Traditio Satanae» (França, Black Metal)

Composto por 11 faixas, de um Black Metal mais brutalmente selvagem, tempestuosa e virulenta, o núcleo da banda deu origem ao seu trabalho mais agressivo até ao momento. Totalmente e inegavelmente convincentes, riffs contundentes e vocais hediondos. (Season of Mist)

Hooded Menace - «The Tritonus Bell» (Finlândia, Death Doom Metal)

Com as habilidades de composição imaculadas e o equilíbrio perfeito entre explosões de death metal severo e melancolia melódica requintada, HOODED MENACE libera horror esquelético e desespero sombrio em seu público ansioso com «The Tritonus Bell»! Trouxeram Heavy Metal clássico dos anos 80! (Season of Mist)

Ophidian I - «Desolate» (Islândia, Technical Death Metal)

Com o objetivo de alcançar o ápice do metal técnico em termos de proficiência, arranjos e som, OPHIDIAN I produziu o destrutivo álbum «Desolate». A intensidade de reprodução, velocidade e ferocidade, refletem o caos de onde vem, bem como a beleza inerente e a harmonia complexa. (Season of Mist)

Coffin Lurker - «Foul And Defiled» (Holanda, Death/Doom Metal)

Coffin Lurker, um experimento hediondo gerado até uma ilusão perversa de conduzir o doom metal para além de extremos de peso e horror que nunca antes tinha visto ou compreendido. Impressionante e abominável em todos os seus aspectos, em seu hediondo LP de estreia «Foul and Defiled». (Sentient Ruin)

Ruach Raah - «Misanthropic Wolfgang» (Portugal, Black Metal)

Há uma década que RUACH RAAH tem perseguido prolificamente uma visão intransigente do black metal: marcial, punk, HARSH. Morte e Satanás foram saudados, e seus hinos exalam total e absoluta crueldade. RUACH RAAH arruinou o dia, com um ataque feroz e orgulhosamente monocromático. (Signal Rex)

Friisk - «Un Torügg bleev blot Sand» (Alemanha, Atmospheric Black Metal)

«... Un torügg bleev blot Sand», o próximo álbum do grupo alemão de Black Metal FRIISK. O álbum consiste em 48 minutos com 7 canções independentes, mas profundamente conectadas musicalmente, que combinam o som áspero, mas melódico, das bandas alemãs de Black Metal dos anos 90. (All Noir)

Night Crowned - «Ha Danfa Rd» (Suécia, Melodic Black/Death Metal)

Formada por ex-membros e atuais de artistas lendários como Dark Funeral, Nightrage e Cipher System e com uma visão musical tão clara quanto assombrosa e perturbadora, a banda criou com seu último álbum uma obra imponente cheia de raiva, melancolia e pura destruição. (All Noir)

Wooden Veins - «In Finitude» (Chile, Avant-Garde Metal)

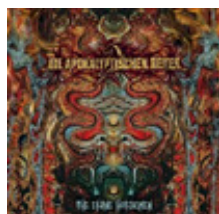
«In Finitude», é o lançamento emocionante e atmosférico álbum da banda de metal de vanguarda chilena Wooden Veins! Apresentando ex-membros de bandas de doom metal conhecidas como Mourning Sun e Mar de Grises, os participantes não são estranhos à cena. (All Noir)

Dungeon - «Serpent World Of Sorrows» (Canada, Melodic Death Metal)

A banda de death metal melódico de Vancouver, DUNGEON SERPENT, confirma o seu esmagador novo álbum «World Of Sorrows». Com cinco movimentos expansivos, brutais e arcaicos de carnificina melódica de death metal, o álbum funde a influência de atos brutais do gênero. (Earsplit)

Musk Ox - «Inheritance» (Canadá, Neofolk)

O elusivo trio folclórico de câmara canadiana MUSK OX lança o seu terceiro disco «Inheritance». Um conjunto cativante de composições que representam novos níveis de crescimento e maturidade para MUSK OX. (Earsplit)



Die Apokalyptischen Reiter - «The Divine Horsemen» (Alemanha, Avant guard / Death metal melódico)

DIE APOKALYPTISCHEN REITER preparou um lançamento verdadeiramente especial do 25º aniversário com «The Divine Horsemen», que é uma experiência musical única, desde grind eruptivo a metal tribal, não muito diferente de «Roots» do Sepultura, e até mesmo acenos de black metal. (Nuclear Blast)

Agrypnie - «Metamorphosis» (Alemanha, Progressive/Post-Black Metal)

Muito antes de a conhecida instituição de vanguarda Black Metal Nocte Obducta se separar, Torsten deu origem aos AGRYPNIE - que era para ser um projeto solo e refúgio para suas ideias musicais. O magum opus «Aetas Cineris» afirma AGRYPNIE como uma instituição madura do black metal moderno. (Other)

Heavy Metal Addicted - «Criminal Ways» (Brasil, Hardcore Punk)

O primeiro álbum intitulado «Criminal Ways» dos brasileiros HEAVY METAL ADDICTED, ataca com um Black'n'Roll desumano, atirando com guitarras e baixo totalmente furiosos que deslizam numa bateria rancorosa com vocais selvagens. (Other)

Iceburn - «Asclepius» (EUA, Alternative Metal)

Asclepius é o novo álbum do coletivo em constante evolução e aventureiro Iceburn, que regressa com o seu

primeiro material novo em vinte anos. A crueza de «Asclepius» remonta aos dias dos seus primeiros álbuns e funde elementos de metal, jazz, psicodelia e rock com um fluxo contínuo e riffs monolíticos. (Other)



The Slow Death - «Siege» (Austrália, Death Doom Metal)

The Slow Death é uma banda excepcional que abrange, tanto o aspecto emotivo quanto o mais pesado do death / doom metal atmosférico. Há vocais femininos assustadores com grunhidos abissalmente baixos para acompanhar a música, abrangendo uma gama incrível de expressões de partir o coração. (Other)

Concilium - «Desecration» (Portugal, Black Metal)

Os necromantes do black / death metal atmosférico português Concilium lançam seu tenebroso LP «Desecration», uma emanção espectral agitada de morte total e agonizante exalando na borda de um vazio decadente. (Sentient Ruin)

Perfect World - «War Culture» (EUA, Crossover)

Perfect World, uma banda de hardcore que consegue combinar o clássico NYHC com elementos modernos do género, mantendo a autenticidade das suas letras. Crossover moderno que acrescenta sentimento ao atual sentimento que estão assombrando o mundo. (Petrichor)

Saturnian Mist - «Shamatanic» (Finlândia, Black Metal)

Black metal; tons crus, escuros e pesados, ritmos hipnotizantes com um toque mórbido de devastação! Saturnian Mist foi formado em 2006 na Finlândia. O objetivo estava claro desde o início; criar black metal oculto com os elementos de práticas rituais incorporados em seu som. (Petrichor)

Armnnatt - «Eternal Flame» (Portugal, Black Metal)

ARMNATT rapidamente tornou-se uma pedra de toque para a cena de black metal de Portugal. O black metal nunca precisou se desenvolver porque era perfeito desde o início. ARMNATT resiste às mudanças e às areias sempre mutantes do “bom gosto” e entrega aos fiéis uma nova tocha da «Eternal flame». (Signal Rex)

Low Flying Hawks - «Fuyu» (EUA, Doom/Post-Metal)

os LOW FLYING HAWKS estão completaram a sua trilogia baseada no antigo mito grego de Sísifo, Rei de Corinto, que foi cruelmente punido pelos deuses do Olimpo. LOW FLYING HAWKS oferece uma visão musical refinada, que pode ser chamada de olhar para o doom com uma medida de stoner rock. (Prophecy Productions)

Kambrium - «Synthetic Era» (Alemanha, Symphonic Power/Melodic Death Metal)

A visão sombria do futuro tornou-se realidade. A corrupção e a traição governam o mundo. A corrupção e a traição governam o mundo. Em uma sociedade dividida, todos lutam pela sobrevivência. Especialmente no submundo distópico, violência e assassinato são fair diário. (Reaper Entertainment)



Thief - «The 16 Deaths Of My Master» (EUA, Crossover)

THIEF ganhou status de culto, considerando que a espinha dorsal de seu som foi formada por cantos sagrados manipulados e amostras de corais. O terceiro álbum «The 16 Deaths of My Master» surpreende com um uso muito mais pesado de instrumentos originais, como cordas, órgão, cravo, baixo, guitarra e outros sintetizadores de hardware. (Prophecy Productions)

Domination Campaign - «Onward To Glory» (Austrália, Death metal)

DOMINATION CAMPAIGN é um desdobramento dos titãs do death metal da Tasmânia. Formado pelo vocalista dos Psycroptic, DOMINATION CAMPAIGN começou como um projeto solo, mas logo evoluiu, evitando o tecnicismo em favor da brutalidade direta, num golpe de 8 faixas de proporções épicas. (Prosthetic Records)

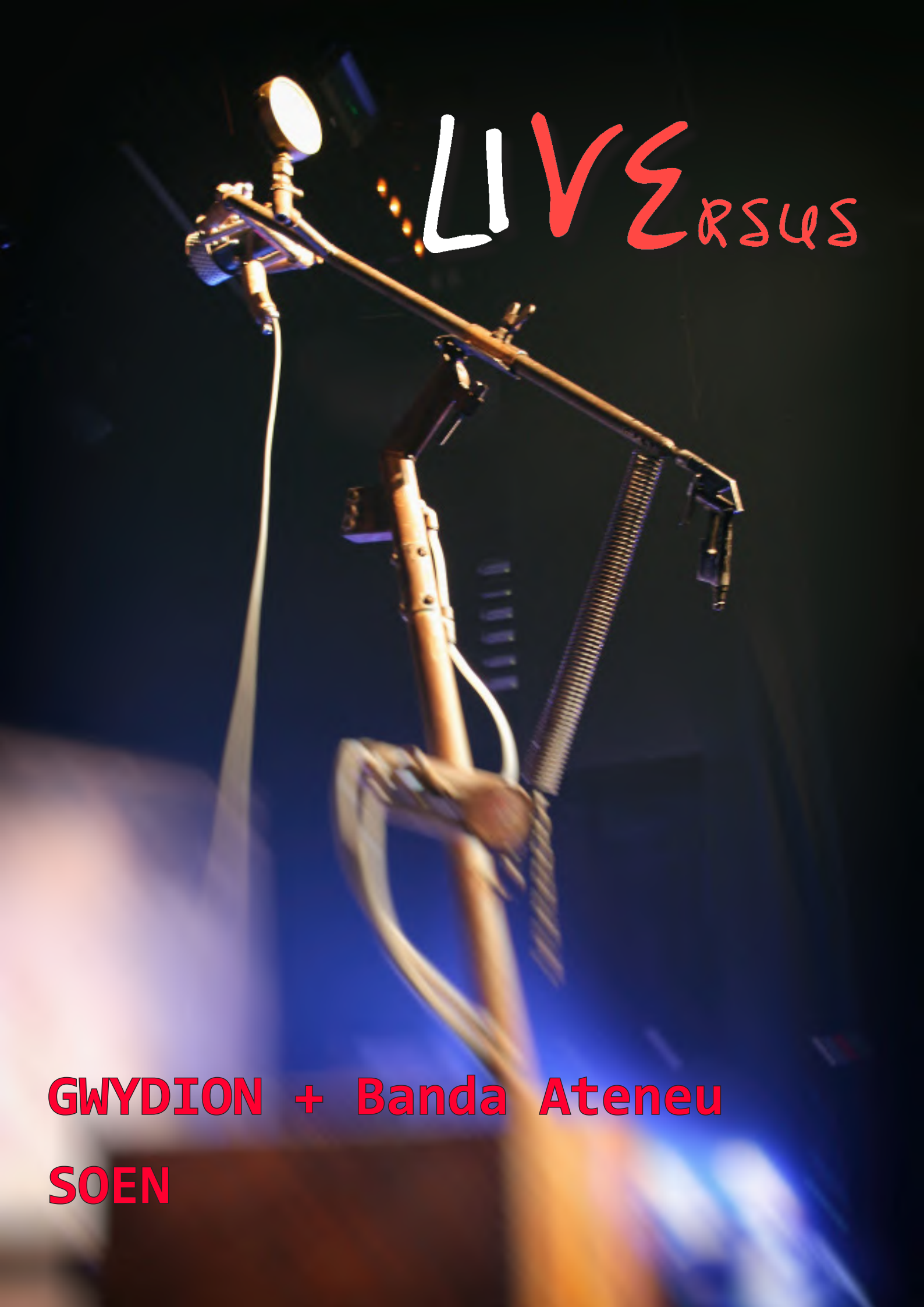
Thy Kingdom Will Burn - «Thy Kingdom Will Burn» (Finlândia, Melodic Death Metal)

Seu primeiro golpe é uma exibição de poder intransigente, mas acessível: death metal melódico na sua forma mais pura. Inicialmente inspirado pelos sons mais agressivos do death metal, Thy Kingdom Will Burn logo mudou para uma abordagem mais melódica, resultando numa sensação muito distinta. (Scarlet Records)

CURIOSIDADES PALETES

Gênero	#LPs	Gênero	#LPs	Álbuns por Países	
				País	#LPs
Black Metal	50	Post-Metal	2	EUA	71
Death Metal	37	Symphonic Metal	2	Noruega	27
Black/Death Metal	16	Extreme Metal	1	Suécia	22
Atmospheric Black Metal	12	Shoegaze	1	Alemanha	22
Progressive Metal	11	Atmospheric/Post-Black/Doom	1	Itália	19
Doom Metal	11	Metal	1	França	18
Power Metal	10	Alternative Metal	1	Finlândia	17
Heavy Metal	10	Psychedelic Stoner Rock	1	Inglaterra	15
Thrash Metal	10	Experimental Metal	1	Portugal	9
Progressive Rock	9	Doom Rock	1	Países Baixos	7
Rock	7	Black/Folk Metal	1	Canadá	6
Technical Death Metal	7	Dark Metal	1	Polónia	6
Death/Thrash Metal	6	Melancolic Metal	1	Austrália	5
Post-Black Metal	6	Post-Metal	1	Espanha	5
Sludge Metal	5	Avant-garde Metal	1	Brasil	4
Death/Black Metal	5	Folk Metal	1	Grécia	4
Death/Doom Metal	4	Darkwave	1	Rússia	3
Hard'N'Heavy	4	Symphonic Metal	1	Bélgica	3
Stoner/Doom Metal	3	Grindcore	1	Hungria	2
Punk	3	Black Industrial/Power	1	Índia	2
Hard Rock	3	Electronics	1	Suíça	2
Funeral Doom Metal	3	Death/Grind Metal	1	Dinamarca	2
Death Metal	2	Progressive Rock/Metal	1	Áustria	2
Progressive Metal/Rock	2	Speed/Thrash Metal	1	Equador	1
Doom Metal	2	Metalcore	1	Sérvia	1
NWOBHM	2	War Metal/Gorenoise	1	Escócia	1
Deathcore	2	Instrumental	1	Chile	1
Neofolk	2	Post-rock	1	Argentina	1
Doom/Death Metal	2	Psychedelic Stoner Metal	1	Islândia	1
Gothic Metal	2	Stoner/Death Metal	1	Iraque	1
Industrial Metal	2	Gothic Rock	1	Roménia	1
Black/Thrash Metal	2	Dark Dreamgaze	1	Internacional	1
Guitar Hero	2			Cazaquistão	1
				Eslováquia	1
				Nova Zelândia	1
				Israel	1

Nesta edição, chegaram-nos à redação um total de **286 álbuns** para ouvir, analisar e criticar.

A vintage microphone on a stand is the central focus, illuminated by a warm spotlight beam from above. The background is dark with a blue light source creating a soft glow and lens flare at the bottom right. The text 'LIVE' is written in large, stylized letters, with 'LIVE' in white and 'VERSUS' in red.

LIVE

GWYDION + Banda Ateneu

SOEN

01/12/21 - Hard Club

Reportagem: Gabriela Teixeira

UM REGRESSO IMPERIAL AO HARD CLUB

No passado dia 1 de dezembro, os suecos Soen regressaram ao Hard Club, no Porto, acompanhados pelos finlandeses Oceanhoarse e pelos franceses LizZard para uma noite de simbiose entre público e bandas.

Não consegui chegar a tempo de ver e ouvir o heavy metal dos Oceanhoarse que traziam consigo o seu álbum de estreia «Dead Reckoning», no entanto, cheguei mesmo na altura certa para ficar a conhecer os LizZard. A lotação estava esgotada, mas foi possível chegar-me bem à frente para conseguir ver o que se iria passar no palco. Os LizZard, com 15 anos de formação e 5 álbuns editados, foram uma surpresa tão agradável que, no dia seguinte, lá estava eu a ouvir «Eroded», o recente álbum, lançado no início deste ano. Nos cerca de 45 minutos que terá durado a actuação, este trio francês apresentou um rock pesado, polido e muito enérgico que roçou ali um ligeiro psicadelismo aquando dos mais de 6 minutos do instrumental «Shift» - o tema-título do álbum de 2018. O som e a simpatia da banda conquistaram o público, em especial a talentosa baterista, Katy Elwell, pela sua qualidade técnica e pelo ritmo que imprimia às músicas. A actuação dos LizZard, que se focou maioritariamente nos novos temas, terminou com um forte aplauso por parte da plateia que, tivesse havido oportunidade, não se teria importado de ouvir mais uma ou outra música.

Em pouco tempo o palco estava preparado para receber Martin Lopez e companheiros para um espectáculo de metal progressivo cheio de melodia e a entrada foi forte ao som de «Monarch», um dos singles de «Imperial» - o novo álbum que deu o mote para esta tour. A actuação fez-se essencialmente de um «ping pong» entre músicas de «Imperial» e «Lotus», à excepção de «Savia» e «Sectarian», alternando temas mais pesados com temas mais melódicos e intimistas. A interação entre banda e público foi uma constante com o vocalista Joel Ekelöf a mostrar-se muito comunicativo, espalhando elegância com o seu blazer e simpatia e gratidão por todos estarem ali a celebrar a música, apesar da pandemia em que vivemos. Em termos de prestação, Joel destacou-se pela forte presença da sua voz, pela forma expressiva como interpretava as letras, convidando o público a mergulhar no feeling das músicas. Na plateia, os fãs respondiam com braços no ar, punhos cerrados e muito headbanging! A entrega dos restantes elementos foi também irrepreensível e, da minha vista privilegiada quase na primeira fila, pude apreciar pequenos pormenores especialmente do multi-instrumentista Lars Ahlund e do novo baixista Zlatoyar.

Este foi um regresso muito desejado ao Hard Club, dois anos depois, e talvez por ter estado tanto tempo sem fazer o que mais gosto - ver música ao vivo - não senti vontade de tirar fotos. Julgo que estava muito concentrada em viver um presente, que temi ser-me retirado, para me preocupar com fotografias. Não posso terminar esta breve crítica sem mencionar o aspecto mais negativo, mas obviamente imprescindível, do concerto: as máscaras. Ao início foram toleráveis, mas, em especial quando havia fumo no palco - e houve vários momentos assim na actuação de Soen - juntamente com o calor que estava na sala, tornava-se um pouco mais difícil respirar. Fora isso, também me parece importante frisar que correu tudo bem com a entrada das pessoas na sala no que a certificados de vacinação diz respeito.

Em suma, foi uma bela noite de união em torno de música feita com muita alma e emoção!

GWYDION + BANDA ATENEU

30/10/21 - Vila Franca de Xira

Reportagem | Fotos: Carlos Filipe

OFÍUSSA – TERRA DAS SERPENTES PHILHARMONIC METAL EXPERIENCE



No panorama internacional, a ideia de juntar dois universos musicais distintos, mas que no fundo muito têm em comum, e quanto mais sinfónico for o grupo de metal melhor avém, já não é novidade desde que os Metallica, pela mão do maestro Michael Kamen (1948-2003), lançaram o S&M em 1999. Desde então, de tempos a tempos lá nos aparece a combinação mágica do metal com a música erudita – sendo para mim o expoente máximo os Dimmu Borgir e a The Norwegian Radio Orchestra & Choir de 2012 – mostrando ao mundo o poder do Heavy Metal e de toda a sua esplendorosa riqueza musical. Nós, que vagueamos há muito no mundo do metal, já sabemos disso há anos, particularmente desde que apareceu 4 violoncelistas finlandeses com uma banda chamada Apocalyptica, e antes, não tivessem os Manowar apelidado Richard Wagner de “Pai da música Heavy Metal”. Os Gwydion, pela mão da banda do Ateneu e o seu maestro Samuel Pascoal, tem a honra, de terem sido - pois isso já ninguém os tira - os primeiros em Portugal a realizarem tal experiência e feito ímpar.

A aventura de como os Gwydion conseguiram realizar o seu sonho, está muito bem explicado na entrevista conduzida pelos Caminhos Metálicos aos Gwydion ([aqui](#)), pelo que é ouvir como tudo se passou pelo discurso em primeira mão dos próprios. O evento foi apresentado como uma experiência de metal e filarmónia com o título de Ofíussa – Terra das Serpentes pelos Gwydion e a banda do Ateneu Artístico Vilafranquense. Sublinho banda, porque de facto, o correcto é dizer Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense, e não filarmónica ou orquestra.

E assim, pouco depois das 21h30, no Ateneu Artístico Vilafranquense, praticamente com a lotação completa, com espectadores de todas as gerações, dos 7 aos 77 como nos livros do TinTin, começou um dos concertos mais singular do metal nacional. Eu gostava de acrescentar “mais singular e esperado do metal nacional”, mas penso que o evento passou um bocado ao lado da maioria dos metaleiros. Eu próprio, só descobrir o evento, por acaso, imagine-se, na rubrica do Nuno Rogeiro – Grande Fã do rock/metal progressivo e jazz – Leste/Oeste no jornal das 14h00, ao Domingo da Sic Notícias, na secção final de destaques musicais. Um grande obrigado Nuno Rogeiro, por me teres dado a conhecer a existência deste grandioso espetáculo de metal sinfónico mesmo aqui ao lado de casa.

A entrada do Maestro Samuel Pascoal vestido a rigor, com um kilt, deu o mote para o espectáculo. Pouco depois, descendo as escadas do auditório e acompanhados pelos seus guerreiros medievais, foi a vez de chegarem os Gwydion, para dar início à heroica batalha musical com a Banda do Ateneu já a tocar a rebate para o embate. A junção do erudito com o metal soou magnificamente desde o primeiro momento, mostrando a todos os presentes, que a música dos Gwydion se encaixa na perfeição com a Banda, e como sempre acontece neste tipo de eventos especiais, consegue elevar a música da banda de metal, dando-lhe uma áurea peculiar e marcante. O segredo de uma boa interligação orquestral, está em nenhuma das bandas, por assim dizer, abafar a outra, conseguindo distinguir-se na perfeição uma da outra, em qualquer momento. O trabalho realizado pelos Gwydion, o maestro e por consequente a banda do Ateneu é do mais fino corte artístico, revelando um alto nível profissional e excelência. O à vontade nas músicas e a isenção de falhas todo ao longo do espectáculo, deu a ideia que os Gwydion e a Banda do Ateneu já tocavam juntos à vários concertos, apesar de ser a primeiríssima vez que actuavam juntos em público.

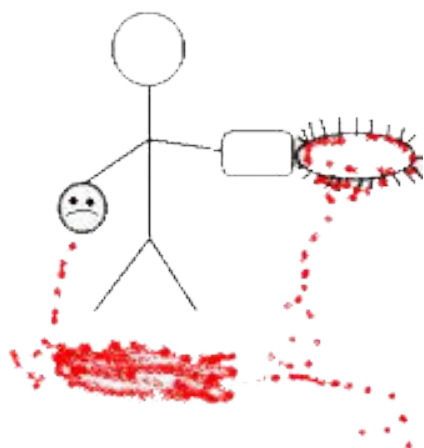
Ofiussa – Terra das Serpentes foi dividido em 3 partes. Duas com a banda do Ateneu a abrir e a fechar o concerto e uma segunda parte só com os Gwydion. Das músicas que tocaram com a Banda do Ateneu foram Ofiussa (ver o vídeo [aqui](#)), The bards, Hammer of the Gods, Gwydion, Trail to a New Land, Fighting to the End, Veteran, Thirteen Days e Stand Alone. Só com os Gwydion destaque King's Last Breath e Brewed to Taste Like Glory (ver o vídeo [aqui](#)), músicas por vezes acompanhadas pela dupla vocal feminina, a Célia e a Isabel, que acrescentaram mais uma camada à música dos Gwydion. O som estava estrondoso, forte e acutilante, quer só com os Gwydion, quer acompanhados pela Banda, e cada música dos Gwydion, era acompanhada por uma garra guerreira, que pareciam que estavam a lutar o inimigo com tudo o que tinham para dar com o objectivo final de ganhar a batalha. Num momento da Banda do Ateneu, ainda tivemos direito a uma luta de espadas corpo a corpo como nos tempos indos destas batalhas por terras Lusitanas. Alias, este tipo de acto cénico combina na perfeição com a imagem dos Gwydion, e seria interessante para o futuro, ver até que ponto os Gwydion, com uma companhia cénica que encontramos nas feiras medievais, nos oferecerem um espectáculo ao vivo de música e teatro.

30 de Outubro de 2021 foi uma noite para recordar e ficar na história do metal nacional. Foi um evento repleto de grandiosidade, onde se conseguiu mostrar mais uma vez que o metal, qualquer que seja o género ou estilo, tem algo de mágico. Quem teve no Ateneu artístico Vilafranquense sentiu duas horas dessa magia e majestade. Resta só desejar que a experiência possa ser replicada em mais locais de Portugal e Ilhas, e quem sabe lá fora, pois Bandas e Filarmónicas, há-as em todo o Portugal. Apenas, será convencer os maestros dessas bandas a renderem-se à experiência, tal como o Maestro Samuel Pascoal se rendeu ao metal e à música dos Gwydion.



O HOMEM DA MOTOSERRA

Ideias tristes em horas bizarras



Vladimir Putin - destinos piores que a morte

Embora os sinais estivessem presentes, assisti, incrédulo e com horror, à invasão da Ucrânia por parte da Rússia.

É espantoso o que Vladimir Putin leva a cabo para compensar o seu micro pénis. Sim, todo este aparato, guerras, ataques a civis, explicações absurdas que vão para lá da imbecilidade, rivalizando mesmo com a maior das malformações a nível cerebral, é apenas uma forma do seu ego psicopata tentar compensar a sua anatomia de Pinypon.

No fundo, a invasão da Ucrânia nada terá a ver com uma questão de segurança, mas sim com uma insegurança em relação à sua masculinidade, e com o facto de, provavelmente, terem descoberto esse seu micro segredo.

Há também quem refira uma incontinência rectal, derivada dos tempos em que era operacional da KGB e da forma como transportava dossiers de informação secreta, mas ainda não há certezas em relação a este assunto.

Portanto e em resumo: A masculinidade de Putin não se consegue vislumbrar a olho nu, alguém descobriu, vai daí invade a Ucrânia e ameaça conquistar o

mundo para ninguém trocar com a sua pilinha. Neste momento, todos



desejávamos que o pequeno Vladimir tivesse nascido em Angola, Moçambique, ou qualquer outro país vizinho, o que infelizmente não sucedeu.

E por esse enorme erro de casting, estamos a braços com uma guerra na Europa.

As negociações de paz têm sido infrutíferas, mas considero que isso apenas acontece porque não se vai ao cerne da questão. Algo que se poderia apaziguar o ditador Russo seria, por exemplo, uma explicação que se for assar sardinhas com o lume a arder, os riscos de sofrer um acidente são praticamente inexistentes. Ou que não há vergonha em ter de urinar sentado, por exemplo. Mas, lamentavelmente, não temos

este tipo de profissionais, incisivos e experientes, na mesa de negociações. Resta-nos então arcar com as consequências.

A maioria do mundo teme uma guerra mundial, mas eu, por outro lado, sou otimista. Acredito que isto pode ser evitado, SE, e só SE, o tribunal de Haia explicar muito bem a que penas o pequeno Russo pode estar sujeito se for capturado.

A pena de morte, seria algo demasiado rápido e eficaz, e o complexado Vladimir, com gelo no sangue (talvez por isso muita coisa tenha encolhido), não a teme. Existem, porém, penas piores que a morte. E nem vou falar de punições físicas. Essas seriam um refresco quando comparado com outras situações.

Mudar as fraldas à Rainha de Inglaterra - A Rainha Isabel II, conhecida por liderar os mamíferos na sua luta contra os dinossauros, embora seja um exemplo de longevidade, teoriza-se que os seus esfíncteres envelhecem naturalmente, como num ser humano normal. Logo, esta será uma pena perpétua, isto se aguentar a humilhação. Acho que pior, só fazê-lo sob a supervisão de José Castelo Branco.

Ser treinado por Jorge Jesus - Em que contexto, perguntam vocês? Na realidade não interessa. Até pode ser numa equipa de "sueca"! Por muito exigente que tenha sido o treino da KGB, estou em crer que parecem férias quando comparado com um treino intensivo dado pelo Mister Jesus. Entre insultos e explosões de raiva, combinado com as pobres aptidões linguísticas do treinador, vai achar que mudar as fraldas à Rainha da Inglaterra é um trabalho maravilhoso.

Limpar casas de banho de festivais de música. - Acho que não preciso de me alongar. Resta-me só acrescentar que não teria direito a usar luvas nem máscara. Ah! E não há cá esfregonas para ninguém.

Ir para África alcatroar estradas - Pode usar um chapéu e protetor factor 20. E muita sorte! Só porque há todo um continente, e não pode falecer logo no 1º dia.

Servir de cobaia para ensaios clínicos, testes de cosméticos e experiências cirúrgicas - Mudanças de sexo incluídas, porque não?

Servir de treino para cães polícia - Os cães não têm saco de boxe, vão precisar de algo para libertar o stress. E como não sou sádico, admito o uso de uma coquilha. Só.

Ser o guarda costas do Ventura nos dias úteis, e do Mário Machado nos fins de semana - Duas pessoas nada polémicas, logo sem risco de ser agredido.

E aqui podia continuar, mas a verdade é que já ninguém tem paciência para ler mais. Estou contudo curioso com o que mais se poderia deliberar. Se tiverem sugestões que considerem dignas, por favor endereçam-nas para putinprocril@gmail.com.

Até lá todos esperamos que micro Putin seja sodomizado por um urso polar, e que as tropas russas, perturbadas pelo acontecimento, se retirem de território Ucrainiano.

Despeço-me preocupado, mas esperançoso.

O Homem da Motoserra.





Manifesto

Selvans é agora um projeto a solo com um ambiente mais urbano e tenebroso, mas sem perder a ligação ao seu passado.

Entrevista: CSA

Saudações! Como tens passado? Espero que estejas bem.

Selvans – Não estou mal, obrigado.

Já entrevistei Selvans sobre os dois álbuns, [«Lupercalia», em 2015, e «Faunalia», em 2018]. Agora a formação mudou. O que aconteceu?

Sim, tornei-me um artista a solo depois do segundo álbum. Foi a evolução mais natural para este projeto. Antes de se converter num duo, Selvans incluía 4 músicos. Mas eu fui sempre o único compositor e o criador de tudo o que dizia respeito a Selvans. Ao longo dos anos, a minha persona foi-se fundindo com o projeto até 2019, ano em que desfiz a sociedade com o

guitarrista Fulguriator – o único sobrevivente da formação inicial – e mudei o meu nome artístico para “Selvans”.

Foi uma espécie de regresso à base, visto que, a partir do lançamento deste EP, terei a minha banda ao vivo completa, para tocar tanto no palco como no estúdio. Estou muito contente com este upgrade da banda e penso que já deves estar a sentir a diferença em termos de som.

Sinto que a música de Selvans está diferente. Dantes era mais Folk, fazia-me pensar em florestas e animais, sobretudo por causa dos sons ambientais. Agora parece-me mais urbano, mais etéreo, mais obscuro, mais sombrio. O que

penças disto? [Tenho de confessar que gosto da vossa música de qualquer modo.]

Isso é apenas meia verdade. Também há sons ambientais neste EP e penso que existirão sempre [na música de Selvans.] Mas, ao mesmo tempo, há uma transição de um cenário mais florestal para outro mais urbano, como referiste. Esta transição começou com o segundo álbum e este EP é uma espécie de continuação dessa tendência.

Passaram quatro anos desde que saiu o segundo álbum. O que tem Selvans andado a fazer?

Durante ano e meio depois da saída do segundo álbum, tive a oportunidade de tocar na Itália e



“ [...] Ao longo dos anos, a minha persona foi-se fundindo com o projeto [...] Estou muito contente com este upgrade da banda e penso que já deves estar a sentir a diferença em termos de som.

na Europa com os outros membros da banda. Fizemos parte das últimas bandas que puderam atuar na Europa mesmo antes do início da pandemia. O confinamento que se seguiu permitiu-me completar o novo EP (que devia ter sido lançado no fim de 2020) e começar a trabalhar em nova música para o futuro. Neste momento, tenho 3 lançamentos prontos e estou a fazer os arranjos com a minha banda. Vais ver várias coisas nos próximos tempos.

Agora temos um novo EP. Trata-se de um manifesto artístico?
Exatamente.

Como comparas este lançamento com os outros?

Está algures entre o novo e o velho. Continua ligado a «Faunalia», mas já está virado para o futuro, para o que Selvans é agora e para o que será no futuro. Penso que se pode dizer que estamos no “ano zero” para este projeto a solo.

Os títulos dos dois álbuns estavam relacionados com o mundo animal. O título do EP refere-se a “arte negra” e a Itália. É uma mudança, não é assim? [Fez-me pensar em bandas como The Vision Bleak ou Carach Angren.]

Essa ideia está errada. Os títulos dos dois primeiros álbuns fazem referência a dois antigos rituais romanos e é isso que vai acontecer com o terceiro álbum, porque estão todos ligados a um dado tipo

de simbolismo.

Dado ser um “manifesto”, este EP descreve o meu projeto: é “tenebroso” pelo seu som; é “italiano”, porque essa é a minha cultura; e é “arte”, porque é a minha forma de me expressar. Eu não vejo uma mudança assim tão grande, porque a base continua a ser a mesma. É claro que introduzi alguns sons novos, porque não gosto que os meus lançamentos sejam todos iguais, mas nada “radical”.

No passado, ouvi alguma música de The Vision Bleak e, como eles escreveram algumas faixas sobre folclore alemão, até consigo perceber o paralelismo. Nunca tive a oportunidade de ouvir música da outra banda.

A capa do EP também é um pouco diferente das dos outros álbuns.

Quem a fez?

Como deves ter reparado, o bode elegante de «Faunalia» tem pernas em vez de cascos. Onde andam eles agora? Na capa do atual EP. Lógico. A arte é da autoria de uma talentosa artista italiana: Aura Negativa.

De quem saiu a ideia? De ti? Da artista?

Foi uma ideia minha e o título é “Ninguém te pode ouvir gritar nos bosques”. Algumas perguntas atrás, disseste-me que eu estava longe do cenário florestal dos primeiros álbuns... mas estavas enganada.

Selvans é uma oneman band.

Fizeste tudo sozinho? Ou convidaste alguém para te ajudar em algumas partes do EP?

Na realidade, já respondi parcialmente a essa questão. Vejo-me como um artista a solo, mais do que uma oneman band. Numa oneman band, a pessoa tem de desempenhar todos os papéis. No meu caso, tudo o que ouves num álbum de Selvans sai da minha mente, mas é arranjado e melhorado pelos outros músicos que tocam os outros instrumentos ao vivo e no estúdio comigo. Quer isto dizer que, quando escrevo música, também componho os solos...

É muito fácil trabalhar comigo, desde que faças o que eu quero (risos).

Nos álbuns, sempre cantei, assegurei os teclados e trabalhei na orquestração. Ocasionalmente, toquei outros instrumentos, mas era essencialmente vocalista e teclista.

Até 2018, só tinha o Fulguriator para arranjar e gravar os álbuns comigo e alguns músicos de sessão para desempenhar os outros papéis.

Neste EP, usei pela primeira vez a atual formação de Selvans: Acheron e Apsycho (guitarra), Agares (baixo), Hyakrisht (bateria). Foi com eles que arranjei as minhas faixas de uma maneira muito old school.

No que diz respeito ao meu caminho como artista a solo, quero que a minha banda seja muito flexível. Posso já dizer-te que, nos meus próximos lançamentos, entre a banda e os convidados, planeio ter 4 guitarristas, 3 bateristas e 2 baixistas.

Este EP anuncia a chegada de um novo álbum?

Exatamente. Já ficas avisada.

Facebook
Youtube

PASSATEMPO

ORDERS: mhma.2020@hotmail.com



MUSEU DO HEAVY METAL
AÇOREANO

Releases:
**AZORES & METAL
VOL #1**

2,5
Free Shipping
(PORTUGAL)

****BANDS****

Depths of Mankind - Riots at Lobe - Kaskaveil - Morbid Death
Beware The Wolf - Drvzka - Veia - Buried By Lava - Wrek Age
KHTHON - Sanctus Nosferatu - Dark Age Of Ruin - Mazk
Palha d'Aço - Drakh - Venên - Dreaming in Black

SPONSORS



**A VERSUS,
juntamente com o
MUSEU DO HEAVY
METAL AÇOREANO,
tem cinco cópias
para oferecer do CD
«Azores & Metal»,
vol#1 - Vejam como
na nossa página
do **Facebook** ou
Instagram**

CLUTCH

— 2022 —

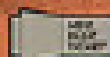
01 AGO. 2022 — HARD CLUB

02 AGO. 2022 — CINETEATRO CAPITÓLIO

WWW.PRIMEARTISTS.BR | [FB.COM/PRIMEARTISTS](https://fb.com/primeartists)



WICKETLINE



LOUD!

WWW.PRO-ROCK.COM



[indiemerchstore](https://indiemerchstore.com)



99 / VERSUS MAGAZINE



SO HIDEOUS

Hedionda beleza

Segundo Brandon Cruz, o encantamento que So Hideous exerce sobre os fãs deriva da mistura de elementos musicais tidos como belos com outros que podem até ser vistos como hediondos.

Entrevista: CSA

Antes de mais, gostaria que nos falasses dos momentos mais importantes da história da banda.

Brandon Cruz – Em 2008, dei início ao projeto, porque queria juntar música de câmara, ressonância e uma voz gritante, como se alguém estivesse a ter um ataque de nervos num concerto de Arvo Part. Tive dificuldade em encontrar músicos para a banda em NYC, porque nessa altura só havia bandas de Beatdown Hardcore, Sludge Post Metal e Death Metal. Depois de publicar vários anúncios, acabei por arranjar alguns membros para a banda (já foram todos embora) para gravar uma demo que deu origem ao nosso som inicial. As pessoas rotulavam-nos como Screamo e Post Rock. Para o EP intitulado «To

Clasp a Fallen Wish with Broken Fingers», o meu irmão juntou-se a nós passando a ser o novo vocalista. Mais tarde, substituímos todos os membros da banda. O Etienne juntou-se a nós e o nosso amigo Danny assumiu a bateria. Com esta formação, gravámos «Last Poem/First Light» [o primeiro álbum lançado em 2013] e «Laurestien» [o segundo álbum lançado em 2015]. Em 2016, entrámos num longo recesso sem termos a certeza de alguma vez voltarmos a reunir-nos. Em 2018, comuniquei aos membros que ainda restavam que tinha canções escritas e queria voltar à ação. Recrutámos o Michael Kadnar para a bateria e o DJ Scully para o baixo e preparámo-nos para apresentar o nosso último trabalho: «None but A

Pure Heart Can Sing».

Portanto, cinco anos depois, estão de volta com o vosso terceiro álbum. Por que razão o fim de 2021 vos pareceu uma boa altura para lançar o novo álbum?

Não foi bem uma questão de determinar se o momento era bom ou não ... muito simplesmente aconteceu assim. Nesta indústria, mesmo depois de teres gravado um álbum, muitas vezes tens de esperar 6 a 8 meses para o lançar devido a questões técnicas. Estávamos à espera desde a primavera e ansiosos por ver o álbum lançado.

Adorei a explicação para o título do álbum. Podes desenvolver essa ideia? [Concordo convosco até

certo ponto. Há crianças que já não têm esse tipo de inocência.]

Na minha opinião, a nossa passagem por este mundo enche-nos de restrições autoimpostas. Nunca me preocupei minimamente com o que os outros pensavam, quando comecei a tocar guitarra aos 10 anos em casa dos meus pais. Só conhecia três acordes e isso já chegava para mim. As restrições nunca me preocuparam até ter começado a fazer música com So Hideous e os jornalistas ou a internet começarem a dizer-me o que “não podia” fazer por tocar guitarra numa banda. Mas que disparate! Esse género de pensamentos não pode de modo nenhum afetar a razão pela qual fazemos isto e a liberdade de que precisamos para criar novos trabalhos. Essas restrições irritam-me profundamente.

Que tipo de som podemos ouvir no vosso «None but a Pure Heart Can Sing»? [Não há dúvida de que combina vários tipos de som e essa característica torna-o verdadeiramente especial sem dúvida.]

Eu só gosto de compor música. Os seus contornos podem ir mudando ao longo dos tempos, mas eu só quero tocar e deixo aos outros o trabalho de analisar a minha música. O meu papel é senti-la.

É um álbum muito dramático, não é verdade? [A voz do teu irmão contribui muito para criar essa impressão.]

De facto, penso que a voz do meu irmão confere à nossa música um carácter caustico e desesperado. É difícil para mim ver se as minhas composições são dramáticas ou não, porque de facto não conseguiria fazê-las doutra maneira. Os meus sentimentos são os meus sentimentos. Se alguém conseguir a ensinar-me a processar emoções intensas de uma forma mais “subtil”, serei todo ouvidos.

De que tratam as letras deste álbum?

Muitas das letras tratam da

necessidade de nos libertarmos de tudo o que nos sobrecarrega. Muitas vezes, é difícil expormo-nos e vamos ter de enfrentar muitos revezes no caminho até estarmos preparados para apresentar a nossa verdadeira canção.

Quem compôs o álbum?

Eu. Geralmente, componho ao piano, pela noite dentro.

De que forma contribuíram os outros membros para ele?

Etienne foi o primeiro a juntar-se a mim para refinarmos muitas das minhas ideias e darmos forma às linhas de guitarra. Quando o Michael e o DJ se juntaram a nós, o trabalho avançou muito, porque o Michael deu-nos a oportunidade de aperfeiçoar muitas ideias para a percussão que não tínhamos conseguido desenvolver previamente. O estilo de trabalho dele e o meu completam-se e deram-nos a oportunidade de criar algo intenso e detalhado. O DJ aprende depressa, apropriou-se rapidamente da minha progressão em termos de acordes e depressa acrescentou aspetos melódicos ou dissonantes ao tema central tendo em conta o sentido da canção, levando-a mais além.

A capa do álbum é requintada tal como a sua música.

- O que significa essa imagem?

Obrigado pelo elogio. A mulher representa qualquer pessoa vítima de alguma forma de cativeiro ansiando pela oportunidade de poder cantar a sua canção livremente e sem medo.

- Quem a fez?

A capa baseia-se numa imagem vitoriana que já está no domínio público. Fui eu que a encontrei e ela atraiu a minha atenção. O Chris, o nosso vocalista, criou a versão final do trabalho e acrescentou a pérola esmeralda que ela tem na mão para simbolizar o desejo acima referido. Ficamos encantados com o resultado final.

Como vão promover o vosso álbum? [Vi no youtube o vídeo

que prepararam para apresentar o vosso primeiro vídeo.]

Filmámos o vídeo para «Emerald Pearl» e foi uma experiência incrível. O Michael também postou um “drum playthrough” sobre a louca e longa “Motorik Visage”, que é realmente bonita e revela o imenso trabalho e os detalhes que o seu desempenho traz ao álbum.

Pensas que vão conseguir fazer alguns concertos?

Ainda não temos nada anunciado, MAS estamos a trabalhar nisso. Queremos fazer justiça ao álbum e isso vai exigir que tenhamos mais músicos no palco do que os que usamos até aqui. Vai ser um processo complicado, mas a causa vale a pena.

Agora que estão de volta à liça, já têm novo álbum na forja?

Temos algumas canções em vários estádios de elaboração e uma completa, saídas das mesmas sessões que «None but A Pure Heart...», mas que não estavam de acordo com o estilo do álbum. Em breve, começaremos novamente a gravar.

E agora umas perguntas para satisfazer a minha curiosidade:

- Tu e o teu irmão são lusodescendentes? [Cruz é um apelido português.] De onde vem a vossa família?

Somos ambos de Porto Rico. O meu pai é de Santurce e a família da minha mãe é de Ponce.

- Por que decidiram dar o nome de So Hideous à banda? [A vossa arte não é feia de modo nenhum.]

O nome vem de um filme de Dario Argento, que trata de um homem que se apaixona desesperadamente por um monstro disforme. Penso que, quando as pessoas ouvem os gritos do nosso vocalista a sobreporem-se aos nossos arranjos de guitarra de inspiração clássica, também podem sentir-se dessa maneira [apaixonadas por algo monstruoso].

Dodici Cilindri *(porque o barulho dos motores também é música)*

Por: Carlos Filipe

Venturi, o grande turismo à Francesa



Muitas marcas desportivas tentaram vingar no mundo dos carros desportivos, das quais destaco a Bugatti de Roman Artioli – anos 90 – antes de

ir parar ao portefólio do grupo VW, a Gumper de Roland Gumper, “pai” do Audi Quattro, a Wiesmann ou a Holandesa Spyker que produziu uns carros esteticamente magníficos, infelizmente sem sucesso. Estas marcas que existiram por breves momentos, deixaram uma marca, por vezes profunda, no mundo automóvel. A marca Francesa de automóveis desportivos Venturi, foi igualmente uma destas marcas de carros que conseguiu num curto espaço de pouco de uma década, marcar o mundo dos GTs para sempre, apesar de hoje, ser uma marca globalmente desconhecida, pois o seu relativo sucesso foi pouco ou mais exportado da sua pátria natal, a França, para os arredores, i.e., Suíça e Itália.

A Venturi existiu de 1984 a 2000, tendo atingido um pico comercial em 1992 e um pico desportivo em 1994. Tudo começou em 1984 quando um designer Gérard Godfroy e um engenheiro Claude Poiraud se juntaram para criar um verdadeiro desportivo francês. Fundaram a MVS, Manufacture de Voiture de Sport, ou traduzido: Fabricante de Carros Desportivos. As suas intenções não podiam ser mais directas do que o nome da própria marca. A ideia original era vender carros mas rapidamente evoluiu para a competição. E assim nasceu em 1986 o primeiro MVS Venturi, o protótipo Ventury, na altura ainda com um “Y” em referência a um dos seus fundadores Godfroy. Felizmente, foi posteriormente substituído por um “i”, dando lugar à nomenclatura “MVS Venturi”. O Acrónico MVS persistiu alguns anos mais mas no início dos 90, caiu por terra, ficando a marca apenas conhecida como VENTURI. Na altura, tal como o é hoje, mas talvez 10 vezes mais difícil, qualquer um lançar-se no desenvolvimento de

um carro, era uma tarefa difícil e que requeria um capital monumental, quer financeiro, quer humano. No caso da MVS, chegou apenas a imaginação e motivação de dois homens, que vieram ambos da indústria automóvel francesa. Gérard Godfroy veio da Peugeot, onde é o criador das formas que deram origem ao Peugeot 205, enquanto Claude Poiraud veio da Herliez, o fabricante francês de viaturas especiais. Este tipo de coisas só é mesmo possível num país com industrialização e capital automobilístico, onde o aparecimento de indivíduos com saber, com arte e savoir-faire, é possível. Em Portugal, isto seria impossível e é talvez a razão pelo qual nunca tivemos uma verdadeira marca automóvel de sucesso, para além de carolices de um ou outro industrial como foram o Alba, AGB, Portaro, Sado



ou os famosos UMM da União Metal-Mecânica num já passado longínquo.

A MVS desenvolveu um carro em 1984 – o tal protótipo Ventury que mencionei – sendo apresentado a versão final pela 1ª vez no salão do automóvel de Paris de 1986, iniciando a sua comercialização

em 1987 com o Coupé de 200 CV, posteriormente em 1990 um cabriolet aqui apelidado de Transcup, evoluindo ambas as carroçarias nos anos posteriores em termos de potência do motor V6 até aos 260 CV, e iniciando um programa de competição gentlemen drivers Trophy em 1992 com o 400 GT, um desportivo que ao primeiro olhar de traseira, faz lembrar o Ferrari F40, mas que é apenas uma pura coincidência estética, culminando em 1999 com a evolução natural do raro coupé de 300 CV, Venturi 300 Altantique. Todos os carros têm um chassi muito eficiente e convencional para um desportivo, tendo recebido grandes elogios da imprensa da altura, com uma estrutura autoportante feito em fibra de vidro.





Tal como todas as pequenas produções, os Venturi utilizaram muitas peças de outros construtores. Assim, o para-brisas é o de um Renault Fuego, as ópticas traseiras do BMW serie 3 (E30), os comandos da climatização de um Peugeot 205 e os espelhos retrovisores do Citroën CX, amplamente utilizados devido ao design extraordinário dos mesmos em outros carros como os Lotus (Excel, Esprit), Aston Martin (DB7, Virage, Vantage, V8), Jaguar XJ220, TVR (Griffith, Chimera, S4), Marcos Mantis, Renault Sport spider e um tal de McLaren F1.

Uma das grandes questões iniciais, foi a escolha do motor, o qual tinha imperativamente de ser Francês, pois o mote inicial dos seus criadores foi de contruir um desportivo 100% francês, podendo aplicar orgulhosamente o Made in France. O carro começou o seu desenvolvimento com um 4 cilindros do Peugeot 505 turbo, com 200 CV. Mas este motor revelou-se pouco nobre para ser utilizado num carro dito desportivo, pelo que a escolha recaiu no famoso PRV V6 de 2.5 L de cilindrada. O motor V6 Peugeot-Renault-Volvo foi uma joint venture para a produção de um V6 em 1977, tendo sido utilizado em inúmeras viaturas para além das 3 marcas que lhe dão o acrónico, como foi o caso da Venturi, da Alpine, Citroën, Lancia, Dodge e daquele “carro de viajar no tempo” com portas de gaivota, o DeLorean DMC-12. A MVS declinou com toda a naturalidade o seu coupé numa versão descapotável, criando uma das versões mais interessantes e pioneiras da indústria automóvel, o Transcup. A reter é a forma engenhosa como o fez, com uma solução inventiva de tejadilho rígido em polyester. Uma primazia no mundo automóvel que só voltamos a ver 10 anos mais tarde com o Mercedes SLK, e que até há bem pouco tempo, era a solução primeira utilizada por todos os construtores quando lançavam um descapotável. Ultimamente, os construtores abandonaram a solução de capota rígida para regressar novamente à capota de lona, apenas por simples redução de custos no desenvolvimento e produção de um cabrio.

Apesar de a venda de carros de estrada nunca ter arrancado verdadeiramente e a marca da produção de 200 carros por ano nunca ter sido atingida, a

marca lançou-se na competição, para assim, além de conseguir escoar mais umas unidades, ganhar prestígio e notoriedade com uma competição desportiva que iria permitir desenvolver um verdadeiro carro de corridas. Assim nasceu a competição do Gentlemen Drivers Trophy em 1992, que chegou a alinhar 50 a 60 carros na grelha de partida, de todos os 4 cantos do mundo. Para a competição, a Venturi desenvolveu o Venturi 400 GT - GT de Gentlemen Trophy - puxando o motor PRV até aos 400 CVs com a adição de 2 turbos. O aspecto do carro transformou-se completamente, tornando-o um dos mais belos e espetaculares carros da época, como ainda o é hoje, apresentando uma asa traseira que liga as duas laterais traseiras numa peça única que faz lembrar o Ferrari F40.

O Gentlemen Drivers Trophy durou só três temporadas e o sucesso desportivo levou os Venturi a baterem-se com os seus demais rivais, Porsches e Ferrari F40 LM, de igual para igual, conquistando varias vitórias no Endurance GT. O passo seguinte mais lógico para um construtor de carros desportivos franceses era mais do que obvio: As 24 Horas de Mans. Para este objectivo, desenvolveu o Venturi 500 LM, LM de Le Mans, e conseguiu resultados mitigados no ano de 1993. Posteriormente surgiu o Venturi 600 LM, máquina com 580-600 CV que dominou o campeonato de resistência de 1994. Em 1995 foi um ano madraço para a competição e tudo por causa do surgimento de um carro que todos conhecemos e que hoje atinge valores astronómicos: o McLaren F1 GTR. Este aniquilou todas as esperanças de uma vitória no Le Mans e a empresa chega ao final deste ano com um enorme ponto de interrogação sobre o seu futuro. Apesar dos esforços que se seguiram e do lançamento do Venturi Atlantique 300, a fábrica nunca consegue trabalhar em pleno e as encomendas foram sempre escassas, agudizando os problemas financeiros. A réstia de esperança com que a firma sobrevive em 1997 e 1998 e 1999 com o lançamento do 300 atlantique, culminou em 2000 com a empresa Venturi Paris SA a ser colocada em insolvência, nunca mais tendo-se erguido. Nunca terem conseguido vender carros tal como esperariam, apesar das competências evidenciadas por todos os que acreditaram na marca, e o facto de em 1999 nenhum grande grupo automóvel, em particular a Peugeot que poderia ter salvo a marca, ter adquirido a Venturi SA, como a VW fez com a Lamborghini e a Bugatti, desaparecendo assim um ícone da indústria automóvel francesa depois de produzidos 645 carros, dos quais 73 Venturi 400 GT Trophy, 15 Venturi 400 GT de estrada e 56 Venturi 300 Atlantiques. Aux revoir et à toujours Venturi!



GLM ARTISTS IN ASSOCIATION WITH DRAGON PRODUCTIONS PROUDLY PRESENT

Girlschool

PLUS SPECIAL GUESTS
ASOMVEL

ALCATRAZZ

EUROPEAN TOUR 2022

24 AUG [CH] | Aarburg, Musigburg

26 AUG [DE] | Halbergmoos, Trveheim Festival

27 AUG [DE] | Berlin, Lido

28 AUG [DE] | Hamburg, Bambi Galore

29 AUG [DE] | Bochum, Matrix

30 AUG [NL] | The Hague, Musicon

01 SEP [FR] | Paris, Le Forum Vaureal

03 SEP [ES] | Barcelona, Razzmatazz 2

04 SEP [ES] | Pamplona, Auditorio Burlada

05 SEP [ES] | Gijon, Acapulco

06 SEP [PT] | Lisbon, RCA Club

07 SEP [ES] | Madrid, Shoko

08 SEP [FR] | Montbéliard, Atelier de Moles

09 SEP [AT] | Landeck, Altes Kino



2022 Photo by Ricardo Santos

V7 VS 61 RAMP | Order

